

Lenio Carlos Tragnago
Oberdan Teles da Silva

Influências da Origem da Ordem Maçônica

Um resgate
Histórico e
Filosófico



De onde vem a Maçonaria ? Desde quando existe como uma entidade organizada? Seus símbolos são próprios ou a Maçonaria os incorporou das civilizações antigas e/ou de outras ordens? Estas e tantas outras perguntas atizam o imaginário dos maçons e do mundo profano, levando todos a uma busca frenética por respostas, como se elas realmente existissem, induzindo-nos a estudos, pesquisas e a uma literatura vasta e rica, mas incompleta em alguns aspectos. Nosso trabalho não tem por objetivo desvendar esses mistérios, até porque conhecemos nossos limites. Pretende, sim, buscar na Literatura dados que nos permitam traçar uma linha de tempo entre sociedades, escolas, movimentos e grupos sociais com filosofias e preceitos semelhantes aos da Maçonaria, mesmo sem serem assim catalogados e o nascimento real da Maçonaria, conforme dados bibliográficos confiáveis e confirmáveis. Uma vez atingido nosso objetivo primário, de maneira simples e clara, buscaremos despertar nos Irmãos uma discussão sobre a Filosofia e a espiritualidade maçônica: "O que está por trás de tanta simbologia, de tanto mistério? Como surgiu? Quem foram seus precursores? O que professa a Maçonaria?".



Influências da origem da Ordem Maçônica

Influências da origem da Ordem Maçônica

Um resgate histórico e filosófico

Lenio Carlos Tragnago
Oberdan Teles da Silva



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

TRAGNAGO, Lenio Carlos; SILVA, Oberdan Teles da

Influências da origem da Ordem Maçônica: um resgate histórico e filosófico [recurso eletrônico] / Lenio Carlos Tragnago; Oberdan Teles da Silva -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

220 p.

ISBN - 978-65-5917-275-7

DOI - 10.22350/9786559172757

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. História; 2. Maçonaria; 3. Influências; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Sumário

Prefácio	13
1	15
Arquitetura científica da obra	
1.1 A Linha Temporal e os Templários.....	20
2	24
O impulsionador da construção deste compêndio	
2.1 O que é Maçonaria	24
2.2 As Escolas (Sociedades) Iniciáticas.....	29
2.3 Zoroastrismo	31
2.4 Escola de Mileto	32
2.4.1 Tales de Mileto.....	33
2.4.2 A Escola de Mileto.....	33
2.4.3 Onde buscar o seu legado.....	33
2.4.4 Fundamentos do pensamento de Tales de Mileto	34
2.4.5 A importância da Escola de Mileto para a Maçonaria	35
2.5 A Escola Pitagórica.....	35
2.5.1 Quem foi Pitágoras	36
2.5.2 A Sociedade Secreta de Krotona	37
2.5.3 Dos critérios para a admissão.	38
2.5.4 Regras básicas a ser seguidas pelos pitagóricos	38
2.5.5 Etapas de ensinamento da doutrina pitagórica	39
2.5.6 Das provas iniciáticas	40
2.5.7 As provas propriamente ditas.....	41
2.5.8 O ritual iniciático.....	43
3	45
Princípios dos ensinamentos de Sócrates e a Maçonaria	
3.1 Ensinamentos de Sócrates como Influenciador da Maçonaria.....	45
3.2 Paradigmas e Interpretações Socráticas: O Dever do Maçom em Reconhecer Suas Limitações - Sócrates.....	50
3.3 A Maçonaria e o Conhecimento Socrático como Alicerce da Sublime Ordem	53

4	57
Os essênios	
4.1 Quem eram os Essênios?.....	57
4.2 O Motivo da Separação dos Essênios.....	58
4.3 A Filosofia dos Essênios	59
4.4 Jesus e João Batista eram Essênios? Semelhanças e Diferenças entre as Filosofias	60
4.5 Semelhanças com a Maçonaria	62
5	64
Os cavaleiros templários (o templo)	
5.1 A Ascensão dos Templários	65
5.2 A Influência Financeira dos Templários.....	66
5.3 O Fim dos Templários	68
5.4 A Sobrevivência da Ordem	69
5.5 Sinais da Sobrevivência da Ordem	70
5.6 A Estrutura Organizacional do Templo.....	71
5.7 O Templo e a Maçonaria (A Diáspora dos Templários)	71
5.8 Quem foi Bruce	73
6	74
A guarda escocesa	
6.1 A Origem da Guarda Escocesa	75
6.2 O Funcionamento da Guarda Escocesa.....	75
6.3 O Declínio da Guarda Escocesa	76
6.4 Justificativa de Inclusão da Guarda Escocesa no Livro	76
7	77
A capela de Rosslyn	
7.1 A Localização da Capela Rosslyn.....	78
7.2 O Vale North Esk	79
7.3 A lenda do Aprendiz	79
7.4 Detalhes da Capela Rosslyn	82
7.5 O Interior da Capela Rosslyn.....	84
8	85
A importância dos Saint-Clair para a Maçonaria	
8.1 Introdução	85
8.2 A Construção da Capela	86
8.3 Os Sinclair e os Ciganos	87

9	90
----------------	-----------

A origem da lenda da construção do templo do Rei Salomão

9.1 A Capela Rosslyn e os Ciganos	92
9.2 O Festival de Teatro e a Evolução da Lenda	92

10	95
-----------------	-----------

A maçonaria e a francomaçonomia

10.1 Bases Históricas da História da Maçonaria	95
10.2 Dos Collegia às Guildas	101
10.2.1 Introdução	102
10.2.2 Collegium artificum ou fabrarum	103
10.2.3 Os principais collegia	103
10.2.4 A origem dos collegia	104
10.2.5 Semelhanças entre collegia e Maçonaria	104
10.2.6 Como funcionava um collegium	105
10.2.7 A importância dos membros dos collegia na difusão da arte do construtor	106
10.2.8 Os mestres comacinos	106
10.3 As Guildas de Pedreiros	108
10.4 Como surgiu o Termo "Loja"	111
10.5 A Palavra do Maçom e os Antigos Deveres (Old Charges)	114
10.6 Os Manuscritos Que Deram Origem aos Antigos Deveres e às Constituições Atuais. (Góticos ou Antigos)	116
10.6.1 A Carta de Bolonha	117
10.6.2 Poema Regius ou Manuscrito de Halliwell	118
10.6.3 Os manuscritos góticos	119
10.6.4 As Ordenações de Torgou	119
10.6.5 As fases dos manuscritos-padrão	120
10.7 Os Estatutos de Schaw	121
10.8 Maçonaria Operativa e Especulativa	122
10.9 Maçom Livre	125
10.10 Origem Escocesa ou Inglesa?	126
10.11 A Poderosa Francomaçonomia	128

11	136
-----------------	------------

Dados históricos da ordem

11.1 A Magnitude do Arquiteto	136
11.2 A Ordem em 1475	137
11.3 A Ordem em 1583	137
11.4 William Schaw e os Estatutos da Maçonaria	139
11.5 A Ordem em 1602	140
11.6 A Ordem em 1638: Poema de autoria de Henry Adamson de Perth	140
11.7 Diário de Rothes	141

11.8 Primeira Iniciação.....	142
11.9 Do Diário de Elias Ashmole.....	142
11.9.1 A Ordem em 1686.....	143
11.9.2 A Sequência.....	143
12	145
A Francomaçonomia até 24 de junho de 1717	
13	147
A Francomaçonomia após 24 de junho de 1717	
14	150
A Maçonaria na França	
15	152
A Igreja rompe com a Maçonaria	
16	156
A francomaçonomia nas Américas	
16.1 Introdução.....	156
16.2 As Lojas Militares.....	158
16.3 A Independência dos Estados Unidos da América.....	159
16.4 A Influência Maçônica na Constituição.....	160
17	162
A Maçonaria no Brasil	
17.1 Introdução.....	162
17.2 O Início.....	165
17.3 A Perseguição.....	165
17.4 O Surgimento das Lojas Maçônicas no Brasil.....	166
17.5 A Importância da Vinda da Família Real para o Brasil e de seu Retorno a Portugal.....	168
17.6 Algumas Características dos Maçons e da Maçonaria no Século XIX.....	168
17.7 Correntes Políticas dentro da Maçonaria.....	170
17.7.1 O grupo dos “Vinte e Quatro”.....	170
17.7.2 A Corrente Republicana.....	170
17.7.3 A Corrente Monarquista absolutista.....	170
17.8 Os Grandes Orientes.....	171

17.8.1 Grande Oriente Brasileiro.....	171
17.8.2 Grande Oriente do Brasil.....	171
17.8.3 O Apostolado da Nobre Ordem de Santa Cruz	172
17.8.4 Supremo Conselho para o Império do Brasil do Rito Escocês Antigo e Aceito.....	173
17.8.5 Grande Oriente Brasileiro (Grande Oriente do Passeio)	175
17.8.6 Grande Loja Provincial.....	175
17.8.7 Grande Oriente de Brito Sanches.....	175
17.8.8 Grande Oriente de Caxias	175
17.8.9 Grande Oriente do Brasil (Grande Oriente dos Beneditinos)	176
17.9 As Fusões dos Grandes Orientes e a Consolidação da Maçonaria no Brasil	176
17.10 Maçons, Padres Maçons e as Revoltas Comandadas por Eles	180
17.10.1 Dom Pedro I.....	180
17.10.2 Montezuma	182
17.10.3 Padre Feijó.....	182
17.10.4 Outros maçons famosos	183
17.10.5 O clero maçônico	183
17.10.6 Revoluções e revoltas	184
17.11 Apontamentos.....	184
17.12 A Maçonaria no Brasil no Século XX	185
17.12.1 A criação das Grandes Lojas ou primeira grande cisão.....	185
17.12.2 A segunda grande cisão.....	188
17.12.3 A Maçonaria durante a era Vargas e no Regime Militar	189
17.12.4 As grandes Lojas no Rio Grande do Sul.....	191
17.13 A Questão Religiosa.....	192

Apêndices	197
------------------------	------------

Posfácio.....	209
----------------------	------------

Referências	213
--------------------------	------------

Prefácio

De onde vem a Maçonaria¹? Desde quando existe como uma entidade organizada? Seus símbolos são próprios ou a Maçonaria os incorporou das civilizações antigas e/ou de outras ordens?

Estas e tantas outras perguntas atizam o imaginário dos maçons e do mundo profano, levando todos a uma busca frenética por respostas, como se elas realmente existissem, induzindo-nos a estudos, pesquisas e a uma literatura vasta e rica, mas incompleta em alguns aspectos.

Nosso trabalho não tem por objetivo desvendar esses mistérios, até porque conhecemos nossos limites. Pretende, sim, buscar na Literatura dados que nos permitam traçar uma linha de tempo entre sociedades, escolas, movimentos e grupos sociais com filosofias e preceitos semelhantes aos da Maçonaria, mesmo sem serem assim catalogados e o nascimento real da Maçonaria, conforme dados bibliográficos confiáveis e confirmáveis.

Uma vez atingido nosso objetivo primário, de maneira simples e clara, buscaremos despertar nos Irmãos uma discussão sobre a Filosofia e a espiritualidade maçônica: “O que está por trás de tanta simbologia, de tanto mistério? Como surgiu? Quem foram seus precursores? O que professa a Maçonaria?”.

É obvio que nosso objetivo não é elaborar uma obra completa sobre Maçonaria, mas sim, uma produção capaz de ajudar os maçons, principalmente os neófitos, a se integrarem mais rápida e facilmente aos

¹ A Maçonaria é sacramental, objetivando desbastar o sagrado do profano, isto é, visa à santificação da alma humana. Tem aspecto visível externo através de seus símbolos milenares. É interno (mental, subjetivo, espiritual), devendo os maçons, seus operários do conhecimento, por essa razão, acessarem a verdade, realidade do símbolo externo (MASIL, 1986).

ensinamentos de nossa ordem, ficando, dessa forma, como uma obra em aberto, a qual se podem acrescentar capítulos, adendos e correções, conforme o conhecimento de novos estudos, descobertas e sugestões.

Esperamos, com nosso trabalho, trazer um pouco de prazer à leitura maçônica, bem como estimular os irmãos a pesquisarem aquilo que não conseguirmos elucidar com clareza.

Apesar de buscarmos a elaboração de um livro de fácil entendimento e de agradável leitura, não abrimos mão de seguir os preceitos da Ciência em sua construção.

Arquitetura científica da obra

Esta obra maçônica desenvolve-se a partir dos pressupostos conceituais de Vaisman (2006) e, também, da Teoria da Ação de Mises (2015). Assim, a finalidade é colaborar com a ciência maçônica em termos conceituais, pois os conceitos não são determinísticos e estanques.

Não se tem a finalidade, portanto, de exaurir todas as fontes filosóficas e simbólicas da ordem, mas sim de contribuir e evoluir com as definições iniciais da francmaçonaria.

O leitor perceberá que essa obra é relevante porque é tecida a partir de múltiplas mãos e cinzéis de diferentes graus, sejam eles, companheiros, mestres e *past masters*¹ da nossa loja, Obreiros da Fraternidade, nº 139, ao Oriente de Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul.

Além disso, as formações acadêmicas profanas destes autores são assimétricas, ou seja, advindas das áreas da engenharia, medicina e social. Isso, também, proporciona ao texto um aprofundamento importante, pois ao combinar diferentes conhecimentos, a partir de múltiplas visões paradigmáticas positivistas e interpretativistas, isto é, de múltiplos *inputs*, tem-se como resultado, *output*, uma obra mais robusta e compacta, onde a verdade e a realidade maçônica se tornam mais próximas da realidade e da verdade² a que se destinam sistematicamente alcançar (MORIN, 2007).

Tem-se o aporte da lógica da teoria da complexidade que renuncia à visão cartesiana newtoniana de uma verdade absoluta. Isso certamente,

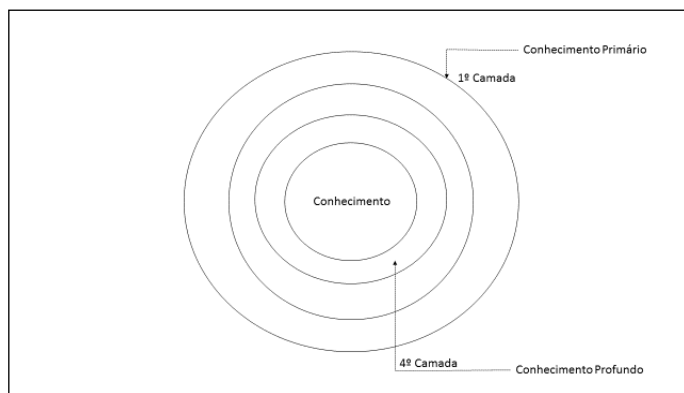
¹ *Past Master* ou Ex-Venerável.

² A verdade é a busca da realidade com ciência tendo como princípio a Gnosiologia, isto é a teoria do conhecimento que estuda os problemas basilares do conhecimento (BAZARIAN, 1994). A verdade é tecida na complexidade sendo um processo de reconstrução coletivo (MORIN, 2007).

também facilita a construção dessa obra maçônica. Dessa forma, o conhecimento explicitado neste livro baseia-se também no círculo concêntrico de Foucault (2009). Segundo Simmel (2009), são círculos “[...] cada vez mais estreitos (nação, classe social, ocupação, categorias singulares dentro de cada um) não proveem ao partícipe nenhuma posição especial, pois participar do menor deles por si só já implica participar dos maiores” (SIMMEL, 2009).

Se não forem orgânicas, as afiliações inseridas umas nas outras não definem seus indivíduos de modo sempre unificado, uma vez que, apesar do relacionamento, elas influenciam os seus indivíduos como se justapostos de modo independente uns dos outros (SIMMEL, 2009). Vejamos a Figura 01 abaixo.

Figura 01 - Círculo concêntrico do conhecimento



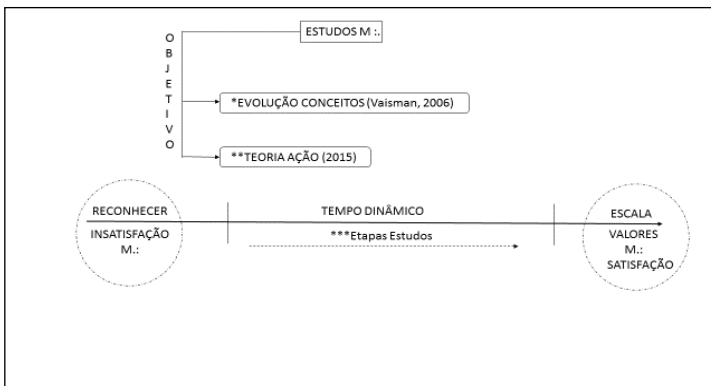
Fonte: FOUCAULT, 2009.

Conforme o modelo apresentado, o conhecimento, atualmente, é debatido na superficialidade, isto é, na exterioridade, na primeira camada do conhecimento primário. Todavia, em outro momento, esse conhecimento aprofunda-se na interioridade do círculo, com novas combinações, novas lógicas e definições como, por exemplo, na quarta camada de conhecimento profundo.

Tem-se que na primeira camada o conhecimento ao ser operacionalizado pelo sujeito; esse adentra no mundo dos seus sentidos, onde o conhecimento, entretanto é iniciático. Já nas camadas mais profundas, acessa-se o mundo dos significados, onde o conhecimento é mais consistente (BOURDIEU, 2009). Assim, a finalidade é aprofundar os conhecimentos maçônicos de modo que, ao se fazer a leitura, eles se tornem orgânicos e o irmão absorva os conhecimentos da nobre doutrina maçônica. E que esses conhecimentos se materializem para o bem da humanidade.

Diferentes visões paradigmáticas, ao formatarem um conceito, nesse caso, da ordem maçônica, estarão contribuindo verdadeiramente para a Ciência, pois a evolução dos conceitos é costurada com diferentes visões. Essa obra, portanto, não é positivista em sua essência, mas interpretativista e construtivista, valorizando o contraditório, formando conceitos e rompendo, assim, com a hermenêutica de definições, leis e hipóteses adentrando, portanto, nas camadas do círculo concêntrico do conhecimento. A Figura 02, a seguir, retrata como se desenvolve este trabalho maçônico.

Figura 02 - Matriz que sustenta o desenvolvimento lógico do livro



Fonte: VAISMAN, 2006; MISES, 2015.

Portanto, o livro se propõe, conforme discorrido inicialmente, a operacionalizar a ciência maçônica através da evolução conceitual contínua a partir de múltiplas interpretações (VAISMAN, 2006). O início da construção de qualquer artigo, livro, dissertação ou tese, requer a priori reconhecer a limitação ou a nossa insatisfação.

Ao mesmo tempo, é preciso delimitar um cenário futuro ideal para, então, ajustarmos a ação propositada, isto é, a execução sistemática a fim de reduzirmos nosso grau de insatisfação (MISES, 2015). Significa que reconhecendo nossas limitações em termos de conhecimento e suas consequências, conseguimos visualizar onde queremos chegar como maçons³. Ao estabelecer este cenário futuro legitimado pela Ética, Moral e Sabedoria, reconhecendo essa nossa situação de limitação de conhecimento, nós entramos na senda maçônica talhando nossa pedra bruta.

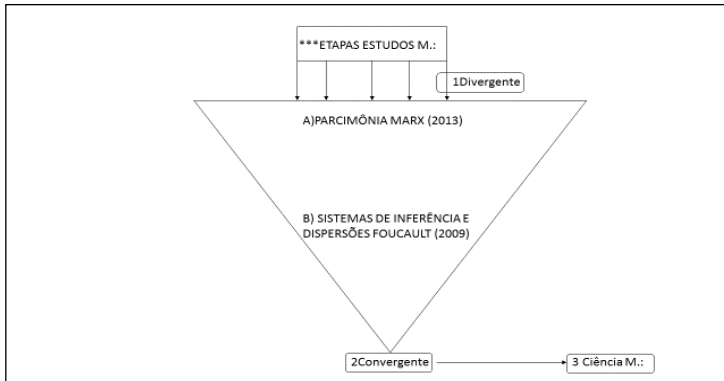
Esse caminho é percorrido dentro de um determinado tempo. Lembremo-nos que o tempo é um fluxo contínuo de gradação insensível que passa de um estado para o outro. Nessa obra, julgamos que o tempo é o modelador de nossas ações maçônicas, sendo fundamental progredirmos social e espiritualmente, tornando-o não insensível, mas “sensível”.

Ao fazermos essa transformação, mudamo-nos, inicialmente, de maneira individual e, depois, junto aos nossos e à sociedade. Contudo, o mudar necessita de aprendizagem e esclarecimento objetivo também destes escritos.

Esse compêndio também é desenvolvido a partir de vários estudos maçônicos realizados por estes irmãos. Os conceitos dissertados baseiam-se, também, nas diretrizes da parcimônia de Marx (2013), sistemas de inferência de dispersão de Foucault (2009), conforme Figura 03 abaixo.

³ Maçom é talhador de pedra que tem capacidade de absorver a beleza, força e sabedoria, a partir das alegorias e das intenções elevadas que decorrem da axiologia, ontologia e gnosiologia (CAMINO, 1996).

Figura 03 – Aplicação da parcimônia e sistemas de inferências e dispersões na obra



Fonte: FOUCAULT, 2009; MARX, 2013.

Parcimônia significa que dentro de um limite temporal e conceitual procuramos esgotar as fontes teóricas de pesquisa maçônica, mesmo sabendo que isso é impossível, contudo, tentando sempre estabelecer uma dialógica de causa e efeito.

O sistema de dispersão e inferência, por sua vez, significa a construção dos conceitos estabelecendo sempre as contradições em termos de autores e pesquisadores, bem como agrupando conceitos que apresentam similaridade ou antagonismo. Ao se utilizarem estas duas bases conceituais, tem-se a convergência de diversos trabalhos, compilações de artigos e livros, entre outros, promovendo, como consequência, nossa sublime ordem e ciência maçônica.

Fizemos esses esclarecimentos conceituais para que o leitor tenha a consciência da forma como esta obra foi desenvolvida. Procuramos moldá-la dentro dos princípios da ciência, enaltecendo, desta forma, a doutrina maçônica, pois esta foi pontificada por grandes nomes da sociedade. É evidente que o livro foi estruturado com base científica, através de múltiplas visões paradigmáticas destes irmãos que o escrevem diretamente e

também por outros irmãos que nos auxiliam indiretamente nessa caminhada. A seguir, discorreremos sobre os objetivos empíricos deste trabalho.

1.1 A Linha Temporal e os Templários

Um dos objetivos de nosso estudo é criar uma “linha do tempo” dessas Escolas, traçando, resumidamente, suas características, na tentativa de descobrir semelhanças entre elas e a Maçonaria. Uma vez realizado esse estudo, teremos condições (ou não) de definirmos se a Maçonaria tem laços com as escolas iniciáticas ou se apenas incorporou, em seus usos e costumes, suas normas, regras e rituais.

O estudo da linha temporal maçônica é importante para que se conheça o desenvolvimento, até o estado atual, da Maçonaria; interessamos, também, os pensadores que influenciaram essa trajetória, no transcorrer de séculos e talvez milênios.

Os homens pré-históricos habitavam cavernas; depois evoluíram para nômades gregários e começaram a construir suas choupanas em busca de proteção contra as intempéries e os animais. Assim surgiram, de maneira ainda rudimentar, os primeiros construtores, dos quais os mais habilitados se firmaram como os primeiros profissionais da construção (casas ou abrigos toscos). A análise da linha do tempo prova que a Maçonaria adota princípios e conteúdos filosóficos milenares⁴, elaborados por instituições como **Guildas** (na **Inglaterra**), **Compagnonnage** (na **França**), **Steinmetzen**(na **Alemanha**). A adoção de todos aqueles sadios princípios que, abraçados por instituições que existiram muito antes da formação de núcleos de trabalho, passaram à História com o nome de Maçonaria Operativa ou de Ofício. A trajetória da Maçonaria no mundo não

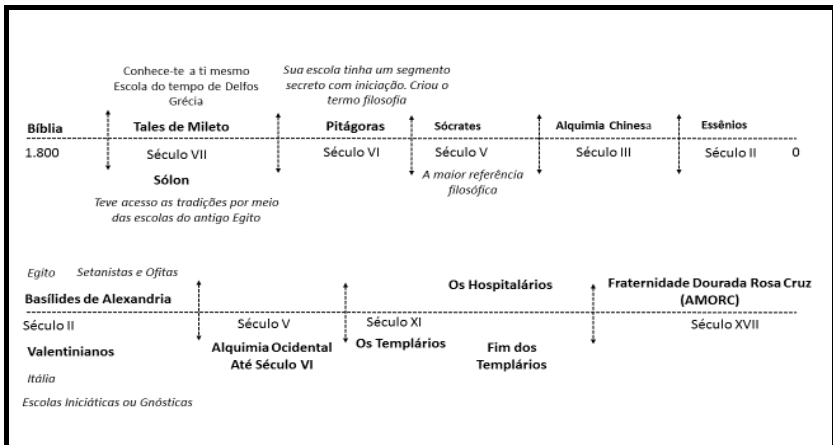
⁴ RODRIGUES, 2009.

foi linear. Ela teve momentos de glória e de situações extremamente difíceis, pois foi muito perseguida.

A antimaçonaria foi muito severa e cruel contra a Ordem. Desde excomunhão nas encíclicas papais; matanças de maçons por déspotas como Mussolini, Hitler, Franco; calúnias de religiões que imputavam aos maçons integrarem a demonologia; há, ainda, traidores que escreveram contra a Ordem, impingindo-lhe ritos macabros.

A Figura 04 abaixo traça essa linha temporal da Maçonaria:

Figura 04 - Linha Temporal da Maçonaria



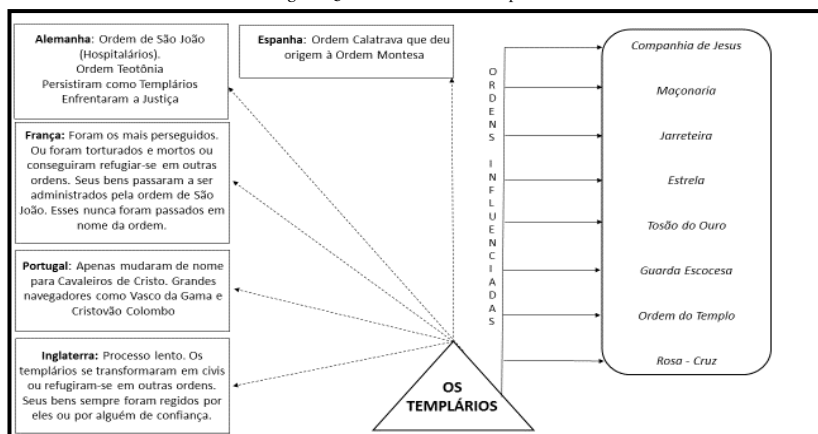
Fonte: TREGNAGO; SILVA, 2019.

As principais escolas iniciáticas, das quais faremos breves relatos são: Tales de Mileto (séc. VII a.C.), Sólon (séc. VII a.C.), Pitágoras (séc. VI a.C.), Sócrates (séc. V a.C.), essênios (séc. II a.C.), Basíldes de Alexandria (séc. II d.C.), Valentinianos (séc. II d.C.), Os Templários (séc. XII d.C.), Os Cátaros (séc. XII d.C.), Os Alquimistas (séc. II a.C. - séc. XV d.C.), Fraternidade Dourada Rosacruz (séc. XVII d.C.), Maçonaria (séc. XVII d.C.).

Após o final da Idade Média, a Maçonaria passou a admitir outros membros, além de pedreiros. Transformou-se em uma fraternidade dedicada à liberdade de pensamento e expressão, religiosa ou política e contra

qualquer tipo de absolutismo⁵. Enfim, a Maçonaria alcançou a missão de ser uma sociedade de caráter universal, preocupada com o bem-estar de seus irmãos e das pessoas em situação social fragilizada, pelo seu objetivo de ajudar o Grande Arquiteto do Universo na melhoria de suas obras, como se verá no aprofundamento da pesquisa de sua linha do tempo.

Figura 05 – A influência dos Templários



Fonte: TREGNAGO; SILVA, 2019.

Templários é uma Ordem que procura enfatizar a lição de fé. Esta Ordem exige que o maçom professe e pratique a fé cristã. O grau de passagem do Cavaleiro de São Paulo prepara o candidato para a Ordem, introduzindo a lição e exemplo de mártires e fiéis do Cristianismo.

Os Cavaleiros Templários são uma organização internacional filantrópica afiliada à **Maçonaria**, mais especificamente ao **Rito de York**. Diferentemente dos graus iniciais conferidos em uma **Loja Maçônica** tradicional, onde apenas se exige a crença em um **Ser Supremo** - independentemente da filiação religiosa, os Cavaleiros Templários compõem uma das várias ordens maçônicas em que a adesão é restrita apenas

⁵ ALBUQUERQUE, 2020.

a maçons já iniciados e que professem a crença na **religião cristã**: é a *norma cruzada*.

Podemos afirmar, sem exagero, por tudo isso que vemos e sabemos que o mundo em que vivemos foi definido por essa sociedade secreta que, por três séculos, vem reunindo a **elite política e militar** e cultural do Ocidente em rituais cheios de códigos milenares e misteriosos. Os Cavaleiros Templários eram monges guerreiros; logo, era uma ordem religiosa, com uma hierarquia inspirada na Teologia e uma missão declarada - além de um Código de Ética - mas também um exército armado e dedicado à Guerra Santa.

O impulsionador da construção deste compêndio

Neste tópico, são abordados os conceitos primários sobre a Maçonaria, referentes às suas funções, aos seus métodos, à sua simbologia, aos **rituais**, aos ensinamentos entre outros. As escolas de Mileto e Pitagórica também serão analisadas.

2.1 O que é Maçonaria

A Maçonaria se define, ela mesma, como “um sistema peculiar de moralidade, fundado em alegorias e ilustrado por símbolos, com um caráter iniciático” (MELLOR, 1983). Em princípio, “aberta a todos os homens livres e de bons costumes, de todas as crenças, religiões e nações, ela requer uma adesão profunda dos seus membros” (MAGISTER, 1935). Não considera a si mesma “uma sociedade secreta, mas uma sociedade com segredos, que entende ser essa reserva necessária para evitar a vulgarização e a profanação de ensinamentos e valores muito elevados” (CAMINO, 1998). Entende-se, por conseguinte, que a Maçonaria não segue dogmas, mas princípios imutáveis que constituem sua essência e seu espírito.

A Maçonaria busca a verdade sem limites, tendo como base a crença no Geômetra, a raiz absoluta, conforme Platão, o Grande Arquiteto¹ do Universo, também definido como o “Senhor dos Mundos”. A Maçonaria sempre foi assolada por muitos preconceitos, pseudoverdades atribuídas por profanos que desconhecem a sua verdadeira finalidade. Chegou-se ao ponto de ser proibida pela Igreja Católica em todo o mundo. Também foi

¹ Grande Arquiteto do Universo, segundo Platão, é o senhor dos mundos, geômetra que opera o Universo sendo a raiz absoluta de todo o conhecimento (MASIL, 1986).

perseguida por ditadores (Mussolini, na Itália em 1922; Adolfo Hitler, na Alemanha em 1933; Getúlio Vargas em 1937).

Esses profanos desconhecem o único e derradeiro preceito da Maçonaria: o culto à Verdade e à Virtude, que visa separar o sagrado do profano, através do primado do espírito sob a matéria (MASIL, 1986). Assim, a Maçonaria é um patrimônio cognitivo que é acessado por meio da sabedoria, força e beleza sendo, a priori, um ato reflexivo endógeno. Maçonaria é o olhar para si em ato reflexivo.

Grandes pensadores conceituaram Maçonaria.

- a) Para o rei Frederico da Prússia, Maçonaria é uma fraternidade universal, movimento do espírito humano que objetiva o aperfeiçoamento da Moral.
- b) Para o escritor francês François-Marie Arouet, a Maçonaria é uma instituição fraternal que se ingressa para dar e exercitar a benevolência.
- c) Rebold em seu livro *History of Masonary* assevera que o objetivo da Maçonaria é desfazer nos homens os preconceitos de castas.
- d) Para Simón Bolívar, a Maçonaria objetiva vencer as tempestades de seus pensamentos, elevar-se sob o vulgar, esquecendo-se de si e oferecendo aos irmãos, a doçura na existência.
- e) Na concepção do estruturador do Iluminismo, Adão Weishaupt, o maçom deve valer-se da imaginação espiritual descobrindo a realidade existente por de trás do véu do simbolismo externo.
- f) Por sua vez, para Januário da Cunha Barbosa, um dos fundadores do Grande Oriente do Brasil, a Maçonaria é filha da Ciência e mãe da Caridade.
- g) Para João Santa Bárbara, padre do tempo do Império, a Maçonaria é a melhor benfeitora da humanidade. Onde há uma dor, ela consola, onde há lágrima ela enxuga, onde há um criminoso, ela aconselha, onde há um ignorante, ela ensina, onde há um bem, ela o pratica.

A Maçonaria caracteriza a Obra de Talha desenvolvida no Templo do rei Salomão que fora erguida 1.000 anos antes de Cristo em Jerusalém, no monte Moriá, tendo em Hiran o grande artífice da solene construção.

Sobre o tema, sabemos que

[...] o Esquadro controla e talha as pedras, que só se ajustam quando são regulamentares. Aplicando-a a si mesmo, o Venerável Mestre dá o exemplo de impecável sociabilidade, praticando magistralmente a arte de saber viver, que traduz por uma constante afabilidade (CAMINO).

Hiram Abiff² dividiu seus operários em três castas: aprendizes, companheiros e mestres, sendo que estes representam os três graus que o neófito percorre após sua magna iniciação. O Venerável Mestre representa o cavaleiro do oriente, o Rei Salomão, dotado de sabedoria. Em Provérbios (Prov 2:6)³, conhecemos que a sabedoria é dom de Deus. Sabedoria significa o desejo autêntico de instrução, isto é, a preocupação consciente com a instrução, logo representa o amor. Sob efeito, o amor é a observância das leis da sabedoria.

Existem vários significados de maçom, seja em alemão, francês e inglês, todos advêm de “fazer” e “construção”. A Maçonaria forma o homem de virtude sendo estes os construtores do solene edifício da humanidade. Nos Estados Unidos, a Maçonaria surgiu em 1730 (Boston) e 1737 (Filadélfia). Exigia-se, contudo, a fé em um Ser Supremo. Na França, muitos foram recrutados do exército napoleônico, ganhando força em 1870. Deixa-se, entretanto, de exigir a fé, em Deus, rompendo assim com a Maçonaria inglesa e mundial. No Brasil, Tiradentes foi maçom, surgindo em 1791, através de *Dupetit Thouars* (Bahia), sob o pretexto de pesquisa científica, mas era um agente revolucionário e maçom. A Maçonaria pode ter relação, ainda, com a Cabala⁴ que antecedeu o povo Hebreu.

² Hiram Abiff é uma figura alegórica mencionada no ritual maçônico, que é representado como mestre de construção do Templo do Rei Salomão.

³ “Pois o Senhor é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento”.

⁴ Cabala é a parte religiosa e filosófica hebraica.

No templo maçônico são ferramentas da Ordem o Esquadro e o Compasso. Quando entrelaçados no livro da lei, representam o trabalho do Geômetra ou do Grande Arquiteto do Universo (G.A.D. U). Ao ler um Salmo em Loja, abrem-se, não apenas os trabalhos, mas também as vibrações positivas para a elevação espiritual do obreiro (CAMINO, 1998). A senda do aprendiz maçom está na pedra bruta⁵ que o homem livre deve desbastar e aparar as arestas, realizando a obra divina nesta terra de profanos. O caminho do aprendiz é longo, bem como a fuga do povo Hebreu do Egito que durou 40 anos.

Dessa forma, o caminho do aprendiz maçom representa a longa jornada que o neófito ou iniciado deve percorrer para encontrar a verdadeira luz que, no Gênesis, denomina-se de Canaã, terra prometida da libertação.

Na Maçonaria, existem três mundos: espiritual, material e psíquico- astral. Há muitas regiões ainda não exploradas pelos sábios e que são tão negras quanto as noites do Egito.

A Maçonaria é sacramental, isto é, objetiva santificar a alma. Tem aspecto visível externo através de símbolos. E aspecto interno (mental, subjetivo, espiritual), devendo os maçons acessarem a verdade pragmática, isto é, a realidade do símbolo externo. O símbolo é um objeto colocado à consciência do sujeito, sendo construído nas relações sociais, tendo caráter heterogêneo. A Maçonaria se aproxima da filosofia antiga quando usa a ciência simbólica, pois o homem aprende, compreendendo as coisas.

A Maçonaria, portanto, é uma ciência que busca a investigação baseada nos preceitos da Igualdade, Fraternidade e Liberdade, sendo

⁵ A pedra bruta tem vida, representa a condição e personificação do maçom. Na iniciação, ganhamos uma pedra bruta e um malho e não benesses materiais. E com o tempo essa pedra vai pensando e criando forma. A tolerância auxilia a alcançar o verdadeiro amor fraternal, tornando-a menos pesada. Carregamos a pedra o tempo todo e em várias circunstâncias. O Maçom é a pedra bruta viva, onde no altar do pé do Primeiro Vigilante está inerte. Cada maçom é seu próprio templo, sendo representado por uma pedra bruta. As arestas desta pedra bruta, produtos de sua evolução, são importantes na senda maçônica. Representam os vícios, a intolerância e a falta de beleza (CAMINO, 1996).

fundamental a tolerância para com os demais, porque ela deve levar luz e esperança aos menos afortunados, quer em termos materiais, quer em termos espirituais.

Assim como Moisés libertou o povo hebreu através da crença mono-teísta e da libertação do homem escravizado, há a Maçonaria para combater e libertar com a justiça dos homens que foram pinçados da sociedade profana. O dever⁶ dos maçons é deplorar os que erram conduzindo-os ao verdadeiro caminho.

Assim os maçons buscam o exercício filosófico, sendo que a Maçonaria não compactua com omissões, exigindo definições e atitudes especialmente dos membros da ordem. Ao talhar suas próprias inverdades, contradições e arestas profanas, o aprendiz maçom reconhece que todo sofrimento advém do desejo do poder, do desejo de viver e do desejo do prazer: três elementos que destroem a humanidade e que são combatidos, contudo, pela crença superior, pela intenção superior e pela palavra superior.

A francomaçonomia ensina a buscar o bem, não de si próprio, mas da coletividade, para evoluirmos, pois estamos ligados ao todo do universo. Aos ensinamentos maçônicos, quando a luz se faz ao neófito torna-o senhor de si mesmo. Ao evoluirmos na ordem, nos graus subsequentes, dominaremos a matéria, isto é, os desejos profanos, exaltando o espírito, fagulha divina.

Lembre-mos que nunca a matéria e espírito se encontram. O espírito deve ser superior à matéria. Todo iniciado, na concepção dos ensinamentos egípcios, que também influenciaram a Maçonaria, deve dominar o seu duplo, isto é, sua personalidade psíquica. O homem é formado

⁶ Refere-se a imperativo podendo ser categórico ou hipotético. O primeiro por força de lei, coação, e o segundo a consciência interna representando alto grau de liberdade e virtude (DURKHEIM, 2016).

de corpo, corpo duplo (energia psíquica). Ambos representam os elementos inferiores da personalidade (DURVILLE, 1991).

O homem é formado, ainda, pela alma (amor, caridade) que representa a personalidade real humana; é composto, também, pela essência vital (que reencarna) representando o suspiro de Deus. Tanto a alma, quanto a força vital representam os elementos superiores da personalidade humana.

2.2 As Escolas (Sociedades) Iniciáticas

O conhecimento sempre foi um privilégio de poucos, principalmente quando nos reportamos aos tempos mais remotos de nossas civilizações. Com a dificuldade própria de cada época, quem adquiria qualquer conhecimento novo ou fazia uma nova descoberta, guardava seu segredo a sete chaves, usando assim, seus novos atributos em proveito próprio.

Alguns personagens da História, com uma visão mais ampla, entenderam que o conhecimento não deveria ser guardado única e exclusivamente para si, mas, ao mesmo tempo, entendiam que esses conhecimentos não deveriam ser lançados “aos ventos”, pois se mal utilizados, muitos estragos poderiam causar (ex.: atual Coréia do Norte).

Surgiram dessa maneira, grupos de pessoas detentoras de conhecimentos de uma mesma área, que se uniam para compartilhar seus conhecimentos, trocar experiências e até adquirir mais conhecimentos. No mundo instável em que viviam, quando guerras e invasões eram frequentes, onde o dominador escravizava o dominado, as pessoas detentoras do saber eram sempre o primeiro alvo. Ao destruir as “elites pensantes”, detentoras do conhecimento, os dominadores atingiam dois objetivos principais: eliminavam os prováveis focos de revolta e reprimiam mais facilmente o povo inculto, o escravizando.

Por esse motivo e, também, para proteger o conhecimento de pessoas inescrupulosas, é que os detentores do conhecimento instituíram as chamadas Escolas Iniciáticas ou Secretas. Visavam assim, proteger o conhecimento e suas vidas. Essas escolas, para atingirem seus objetivos, passaram a usar um processo que se chamou de “iniciação”, não apenas como o sentido simbólico de “renascer” como é utilizado hoje, mas em um sentido mais amplo, como veremos mais adiante.

O candidato a novo membro era escolhido e não se “candidatava”. Passava por um longo período de observação, onde sua honestidade, sua coragem e sua fidelidade eram testadas de maneira real, como veremos nos pitagóricos. Se fosse aprovado, passaria pela iniciação, quando era submetido a novas provas, e a um juramento. Esse Juramento era cobrado, muitas vezes, com a própria vida. A escola e seus conhecimentos deveriam permanecer em segredo, a todo custo, até mesmo com o da própria vida. A História nos enumera um grande número de Escolas Iniciáticas, algumas de grande renome como a de Pitágoras e algumas com mínima expressão.

Como podemos observar na Linha do Tempo (Fig. 04), temos na Bíblia a fonte mais antiga de pesquisa porque, embora não faça parte das Escolas Iniciáticas, contém uma doutrina de fé, a qual influenciou toda a parte espiritual das escolas secretas e das demais religiões; ela passa pela Escola de Mileto, pelos Templários, até chegar à Maçonaria, a única ordem neotemplária sobrevivente.

E assim, chegamos à nossa Maçonaria. Desde quando ela existe como tal? Estávamos inseridos nestas escolas e delas derivamos? Ou realmente nascemos em 1717?⁷ Começa aqui o real objetivo de nosso estudo: é a Maçonaria milenar ou apenas secular?

7 A primeira Grande Loja, a “Grande Loja de Londres e Westminster” (mais tarde denominada “Grande Loja da Inglaterra”), foi fundada no dia de São João, 24 de junho de 1717, quando quatro lojas de Londres se reuniram para criar uma estrutura comum.

2.3 Zoroastrismo

Zoroastro ou Zaratustra viveu entre 1750 e 1000 a.C. O período de sua existência não é preciso e pouco se sabe sobre ele. Sua história mais parece ser uma lenda. Teria vivido na Ásia Central, na parte oriental do Irã, em uma região que, hoje, seria o Afeganistão.

Mais do que criar uma religião, ele reformou as práticas religiosas indo-iranianas, propondo mudanças no Panteão dominante que tendia para o monoteísmo ou do dualismo. Elevou a Aúra-Masda (Senhor Sábio) ao estado de divindade suprema, criadora do mundo e única digna de adoração.⁸ Para ele, Aúras passam a ser vistos como seres que escolheram o bem, e os Daivas, os seres que escolheram o mal, invertendo por completo o que até então cultuava: Aúra, era o mal e Daivas, era o bem.

Seu povo não aceitou sua “religião”, o que o levou a ir morar em Bácia (também atual Afeganistão), onde o Rei e a Rainha se converteram ao zoroastrismo, transformando-o na religião oficial do reino.

O principal documento que traz alguma luz sobre seus ensinamentos, são os Gatas, integrados por dezessete hinos por ele compostos e que constituem a parte mais importante do Avesta (Livro Sagrado do Zoroastrismo). Por sua linguagem semelhante à usada no Rígveda, somos levados a concluir que ele teria sido escrito entre 1500 e 1200 a.C. e não no século VI a.C. Sua doutrina também está baseada na luta do bem contra o mal, disseminando a crença de que, no final, o bem triunfará.

Em 549 a.C., o Rei Ciro II (Pérsia) criou um grande Império e adotou o Zoroastrismo como religião imperial. Esta adoção criou a confusão de que ele, Zoroastro, teria vivido nesse período. Entre sua morte e a adoção

⁸ A guerra cósmica entre o bem e o mal é um dos principais fundamentos da teologia de Zoroastro que ensina que Aúra-Masda, o “Senhor Sábio”, está sempre lutando contra Angra Mainyu a força do mal no mundo. Essa guerra cósmica pode ser entendida com a ideia que existem duas forças diferentes e antagônicas no mundo, as quais estão sempre em confronto, porém no final o bem sempre vence.

de sua religião pelos persas, praticamente nada se sabe sobre ele ou sobre sua religião.

Uma das características do Zoroastrismo persa era a presença de sacerdotes, também chamados de ‘magos’ e que, dentro deles, existiria um núcleo secreto de conhecimentos, os quais deteriam “os segredos” de Zoroastro e formariam a “Escola de Mistérios”.

O Zoroastrismo reaparece na Europa nos séculos VII e VIII. Era uma religião que não possuía representação de deuses de forma material e nem possuía templos. O conjunto de seus preceitos de: imortalidade da alma, vinda de um Messias, ressurreição dos mortos e juízo final teriam influenciado as principais religiões como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

A doutrina de Zaratustra foi espalhada de forma oral e suas reformas não podem ser entendidas fora de um contexto social – o indivíduo terá recompensas divinas se praticar o bem e, principalmente, se lutar contra o mal, e ele será punido após a morte, se praticar o mal.

Os mortos eram considerados impuros e, por isso, não podiam ser enterrados, pois a terra, o fogo e a água eram sagrados. Assim, os corpos eram deixados em torres, para serem devorados pelas aves de rapina.

Acreditavam que a alma chega à Ponte Chinvat (Ponte do Julgamento) no terceiro dia após a morte, quando era julgada pelos deuses. Os bons passarão pela ponte e os maus, serão lançados ao inferno.

Apesar de ser uma religião muito antiga, o Zoroastrismo parece pouco ter a ver com a Maçonaria, a não ser o fato de que, durante o Império Persa, os sacerdotes teriam o seu núcleo secreto, com seus mistérios.

2.4 Escola de Mileto

Escola de Mileto ou Milésia foi uma escola de pensamento fundada no século VI a.C. As idéias associadas a ela são difundidas por três filósofos

(Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes). Surgiu da cidade Jônia de Mileto, na costa do Mar Egeu da Anatólia.

2.4.1 Tales de Mileto

Tales nasceu entre 625 e 624 a.C. e faleceu entre 558 e 556 a.C., em Mileto, na Jônia, antiga colônia grega, na Ásia Menor, atual Turquia. Foi o fundador da Escola Jônica ou Escola de Mileto, junto com seus discípulos Anaximandro e Anaxímenes. Tales de Mileto era matemático, engenheiro, homem de negócios e astrônomo; desenvolveu a metafísica e a ética.

2.4.2 A Escola de Mileto

Tinha como grande desafio, estabelecer o “*princípio das coisas*”, tentando dar um sentido lógico à ocorrência das coisas e dos fenômenos da natureza, uma vez que a tudo era atribuída uma causa desconhecida ou mística.

Tales procurou explicar os fenômenos naturais por hipóteses que faziam referência aos próprios processos da natureza, desta forma, eliminando o sobrenatural e trazendo a compreensão dos fenômenos para o âmbito da racionalidade humana. *A razão começa a se sobrepor ao místico.*

Ele e seus seguidores buscavam questionar qual a natureza (*arché*) dos objetos e o que faz se comportarem da maneira que se comportam e definir qual a substância que os compõe. Devido a essa linha investigatória de seus estudos, Tales é considerado o primeiro cientista.

Segundo Aristóteles, em sua busca por respostas neste campo, Tales chegou à sua hipótese mais famosa, segundo a qual, a natureza originadora de todas as coisas do mundo seria uma única substância, a água, em contraponto ao sopro vital, até então, tido como tal.

2.4.3 Onde buscar o seu legado

Poucos textos escritos pelos filósofos milesianos sobreviveram ao tempo. Suas ideias e seus estudos chegaram à atualidade por meio de seus seguidores, através do que se chama de *doxografia*⁹, ou seja, seus seguidores escreveram a opinião e o pensamento de Tales, permitindo que eles chegassem até nós. O trabalho dos doxografistas como Diógenes, Laércio Simplicio e Aristóteles é a maior, senão a única fonte de conhecimento dos filósofos e da Filosofia da Escola de Mileto.

Para Aristóteles, Tales teria sido o primeiro Filósofo da História. Não o primeiro a se autointitular, já que este foi Pitágoras, mas o primeiro a fazer jus ao título por sua forma de proceder, ao promover um afastamento da visão mitológica do mundo e buscar as causas primeiras ou a causa única das coisas e dos fenômenos da Natureza com base, exclusivamente na razão e observação da própria natureza. Agindo assim, ele iniciou a busca filosófica da razão das coisas.

2.4.4 Fundamentos do pensamento de Tales de Mileto

Seus estudos e as respostas por eles alcançadas se basearam na ideia de que a *physis* tinha um único princípio unitário, o qual deveria ser utilizado para explicar todas as coisas “no cosmos”, ou seja, todo o cosmos tem uma única origem.

Segundo Tales de Mileto, a origem de todas as coisas estava no elemento água: quando densa, transformar-se-ia em terra; quando aquecida, viraria vapor que, ao se resfriar, retornaria ao estado líquido, garantindo a continuidade do ciclo. Nesse eterno movimento, aos poucos novas formas de vida e evolução iriam se desenvolvendo, originando todas as coisas existentes.

⁹ Doxa: opinião; grafia: escrita.

Pela primeira vez na História, o homem buscava uma explicação racional para o mundo, deixando a interferência dos deuses. Pode ser considerado o pai da Filosofia Unitarista, aquela que explica todas as coisas a partir de um único princípio (para ele, o princípio único é a água).

2.4.5 A importância da Escola de Mileto para a Maçonaria

Em um primeiro momento, pouco parece haver em comum entre estas duas Instituições, mas, como veremos, a “estruturação” científica criada pela Escola de Mileto influenciou todas as escolas filosóficas subsequentes.

O conhecimento “secreto”, que era passado via oral, até então, encontra na Escola de Mileto um terreno fértil e seguro para se organizar e, principalmente, para transmiti-lo para pessoas especiais e escolhidas.

Foram estas escolas sucedâneas que ao transmitirem umas para as outras todos os conhecimentos científicos, permitiram que eles chegassem até nós. Mas essas escolas, ou pelo menos algumas delas, se salientaram por cultivarem um lado “exotérico”¹⁰, onde predominavam preceitos e virtudes comuns a todas elas, conjunto este que, mais adiante, chamaremos de *Doutrina Sagrada*.

2.5 A Escola Pitagórica

Nos arredores estéreis e rudes da ponta de Itália, Pitágoras fundou uma sociedade secreta dedicada ao estudo dos números. Julga-se que esta sociedade, cujos membros se tornaram conhecidos como pitagóricos, desenvolveu uma parte significativa de conhecimento matemático e isso em segredo absoluto. Pode-se considerar que os pitagóricos eram uma ordem religiosa e uma escola filosófica.

¹⁰ *Exotérico*: ensino repassado ao público. *Esotérico*, por sua vez, compreende o ensino destinado àquele que está preparado (D'ELIA JÚNIOR, 2014).

As preocupações dos pitagóricos com os números faziam parte do espírito de organização; o seu modo de vida ascético e o fato de serem vegetarianos tinham origens em crenças religiosas. Um aspecto importante da vida dos pitagóricos com regras dietéticas, adoração de números e reuniões secretas e rituais, era a realização de estudos matemáticos e filosóficos como uma base moral.

A descoberta de grandezas que não podiam representar por um número inteiro nem por uma fração de números inteiros, o inexprimível - surpreendeu e chocou os pitagóricos, que juraram nunca a revelar a ninguém fora da sua sociedade: o segredo da existência dos estranhos números irracionais.

2.5.1 Quem foi Pitágoras

Pitágoras nasceu na ilha de Samos, na Ásia Menor, no de 570 a.C. e morreu provavelmente no ano de 495 a.C. O pouco que se conhece acerca de sua vida e de sua obra, nos foi repassado por terceiros, pois não deixou obras por escrito, ou elas foram destruídas quando sua escola foi incendiada. O seu pensamento e a sua filosofia foram divulgados por seus discípulos e seus seguidores como Filolau, Arquitas, Platão, entre outros. Ele era possuidor de uma inteligência muito refinada e, desde cedo, buscou estudar e se aperfeiçoar com os melhores mestres.

Em Samos, Pitágoras recebeu ensinamentos de Hemodamas até que o mesmo concluiu que nada mais tinha a oferecer ao seu discípulo. Em seguida, dirigiu-se para Mileto, onde foi estudar com Tales; sempre que os ensinamentos se esgotavam, ele partia em busca a novos conhecimentos.

Com este objetivo em mente, ele partiu para o Egito e, depois, para a Babilônia, completando assim, o seu ciclo de aprendizagem e retornando então para Samos. Como sempre acontecia com as personalidades famosas da Antiguidade, ele não foi bem aceito em sua terra natal e ao receber

um convite para criar uma escola na cidade de Krotona, para lá se transferiu imediatamente, onde fundou a Escola de Krotona, a sua “Escola Iniciática”. Ao chegar a Krotona, Pitágoras, ao discursar, listou os objetivos de sua “Irmandade” que foram registrados por seus seguidores:

- 1) Aperfeiçoamento físico, a partir de práticas esportivas, regras de higiene e de alimentação,
- 2) Prática do bem, da ética, da moral e da virtude,
- 3) Busca constante da verdade mediante o conhecimento e a espiritualidade,
- 4) Tolerância para com todas as religiões e crenças,
- 5) Prática da caridade para com os desafortunados, pobres, órfãos, viúvas e insanos,
- 6) Formação de mestres e líderes,
- 7) Formação de um círculo interno, esotérico, iniciático e secreto ao qual os candidatos só teriam acesso mediante convite e após juramento solene de silêncio, segredo e obediência.

Aqui começa uma semelhança imensa dessa escola com a Maçonaria, que vale a pena ser descrita em detalhes e estudada com muita dedicação.

2.5.2 A Sociedade Secreta de Krotona

A Academia de Krotona manteve-se em atividade por aproximadamente quarenta anos, aos moldes de funcionamento das universidades nos tempos atuais e trabalhava com três objetivos principais:

- 1) Manter e proteger todo o conhecimento humano disponível, seja na forma de livros, documentos e pergaminhos, seja na forma de equipamentos científicos, esculturas, moedas e medalhas.
- 2) Desenvolver pesquisas nas áreas de Ciências, Medicina, Higiene, Astronomia e Astrologia, Arquitetura, Música, Esoterismo entre outras.
- 3) Promover o ensino e a difusão da cultura, visando o progresso da cidade de Krotona e o **bem-estar de toda a humanidade** (ACADEMIA DE KROTONA).

Porém, este era o lado visível da Academia, ou seja, aquele a que todos tinham acesso. Entretanto, durante a noite, ocorriam reuniões secretas, aos moldes da Maçonaria atual - que guarda profunda inspiração no pitagorismo - e das quais participavam alguns homens, todos pertencentes à aristocracia e ao governo da cidade, ou seja, homens escolhidos criteriosamente.

2.5.3 Dos critérios para a admissão.

- **Convite:** O seletor grupo “interno” ou “secreto” só admitia novo membro sob convite de um dos integrantes e para que este pudesse convidar alguém, deveria haver primariamente o consenso de todo o grupo.
- **Sindicâncias:** sempre que houvesse uma nova indicação para participar do “círculo interno”, Pitágoras designava três membros (iniciados), ou Sebastikoi (augustos) ou pitagóricos, para promoverem investigações e sindicâncias¹¹ a fim de aquilatar o valor do candidato.
- **Provas:** após passar pelas sindicâncias, o candidato era submetido a uma série de “provas iniciáticas”, extremamente rigorosas, que iriam testar o seu caráter, sua coragem, seu nível intelectual, sua sinceridade de propósitos etc.

Somente após passar pelo crivo das Sindicâncias, Escrutínios e Provas, o candidato era então admitido ao Ritual Iniciático dos Mistérios Pitagóricos. Prestava seu juramento colocando a mão direita sobre a sagrada Tetráktis¹² e depois ingressava na condição de Akusmatiki, que significa ouvinte e em um sentido mais amplo, “aprendiz”.

2.5.4 Regras básicas a ser seguidas pelos pitagóricos

¹¹ Até hoje, a *sindicância* é um instrumento de muita importância para uma Loja Maçônica e para a Maçonaria como um todo. É através dela que aprofundamos nosso conhecimento sobre um candidato. Do resultado de uma boa sindicância podem surgir elementos para referendar a indicação ou até mesmo reprovar a iniciação de um profano (MORAIS, 2020).

¹² O Tetractis simboliza os quatro elementos - terra, ar, fogo e água - e a sequência 1, 2, 3, 4, a harmonia das esferas cósmicas. A soma dos números perfaz 10, que é o número perfeito da mais alta ordem cabalista. Dez é também o número das Séfiras que compõem a Árvore da Vida.

Entre os pitagóricos havia regras de lealdade entre os membros da Escola e os bens materiais eram distribuídos comunitariamente.

- **Obediência:** é a diretriz de todos aqueles que, em qualquer época ou lugar, participam de uma sociedade secreta. Essas sociedades só sobrevivem e mantêm-se coesas graças à obediência de seus membros ao juramento feito na Iniciação. Traído o juramento ou fraquejada a obediência, perde-se a unidade de comando, surgem dissidências e a sociedade autodestrói-se.
- **Segredo:** todas as sociedades secretas são minoritárias nas suas comunidades e por isso, atraem a inveja e a ira daqueles que não conseguem participar, ou porque não foram aceitos, ou porque foram expulsos. Assim, se não houver segredo dentro delas, essas sociedades ficariam muito vulneráveis à ação de seus inimigos.
- **Silêncio:** Pitágoras considerava o segredo como sendo exotérico (para fora), pois se devia praticar no mundo profano. Já o silêncio, ele considerava esotérico (para dentro), pois sua prática deveria ser observada dentro das reuniões pelos akusmatiki. Ele tinha como justificativa para esta regra que os aprendizes primeiro deviam aprender ouvindo, pois somente quando estivessem inteirados de tudo é que estariam aptos a tomar parte das deliberações e votações do grupo.

O símbolo da Escola Pitagórica é o **pentagrama**, uma estrela de cinco pontas. Pitágoras ficou conhecido também como o “filósofo feminista”, porque havia muitas discípulas e mestres na sua escola. Eles viviam de modo austero, e eram obedientes às regras da escola: proibidos de comer carne e beber vinho. A Escola Pitagórica santificava a vida.

2.5.5 Etapas de ensinamento da doutrina pitagórica

- **Exotéricos:** ministrados em grau menor para os profanos e em grau máximo para os iniciados no período em eram Akusmatik.

- **Esotéricos:** ensinamentos semivelados aos *Mathematiki*, palavra que significa ‘matemático’ em sua tradução literal, mas que no seu sentido amplo significa “companheiro”.
- **Ocultos:** consistia na exposição da Verdade Pura, que só poderia ser revelada aos *Sebastikoi*¹³. Para compreender esta Verdade Pura fazia-se necessário antes, ter alcançado um altíssimo nível espiritual, conseguido pelo estudo, pelo empenho e pela prática das virtudes.
- **Quarto Grau:** o nome deste grau é desconhecido e seria conferido aos Instrutores Supremos ou Hierofantes que, talvez, correspondessem ao grau de Mestre Instalado na Maçonaria. Pouco se sabe acerca deste grau.

Em “Versos Dourados”, Pitágoras certamente se referia ao Quarto Grau na Epifania¹⁴, cuja tradução seria “a luz de cima” ou “a visão do alto”. Pitágoras consagrou seus “Versos Dourados” aos quatros graus dividindo sua obra em subtítulos, homenageando cada um dos graus: Preparação: 1º grau (*Akusmatik*), 2º grau (*Mathematiki*), 3º grau (*Sebastikoi*), e 4º grau (*Hierofante*).

O iniciado permanecia três anos no grau I, cinco anos no grau II e sete anos ou mais no grau III. Ao grau IV poucos tinham acesso e aqueles que o conseguissem eram investidos do privilégio de presidirem as Iniciações, daí serem denominados de Hierofantes, que significa “o Revelador do Sagrado”.

2.5.6 Das provas iniciáticas

‘Avaliação Prévia’ era realizada por três Mestres, os quais buscavam avaliar sete itens da conduta profana do candidato:

1. Que o coração do candidato fosse sensível ao bem.

¹³ Experientes das Leis Divinas aplicadas à Cultura. Aos *Politikoi* cabia estudarem o governo dos povos.

¹⁴ Quando a luz se faz, na Maçonaria, o iniciado torna-se senhor de si mesmo devendo saber dominar a matéria (desejos profanos) e exaltar o espírito frente às questões profanas, tendo conhecimento de que nunca a matéria e espírito se encontram devendo espírito ser superior à matéria.

2. Que ele fosse livre e de bons costumes.¹⁵
3. Que possuísse inteligência suficiente para compreender questões de Matemática, Geometria, Astronomia, Filosofia e, principalmente, Esoterismo (simbologia, ritualística, gnose, ocultismo e magia).
4. Que apresentasse bom preparo físico e amor às atividades físicas.
5. Que cultivasse bons hábitos de higiene e asseio corporal, pois iria residir, em tempo integral, numa comunidade fechada.
6. Que tivesse conhecimentos musicais, soubesse tocar algum instrumento ou, ao menos, apreciasse a boa música.
7. Que soubesse exprimir suas ideias e emoções por meio de boa retórica e eloquência.

Além dessas sete condições, Pitágoras recomendava que os mestres ainda observassem o olhar e o sorriso, riso e gargalhada do candidato. A maneira que alguém olha para seu interlocutor é muito importante e revela detalhes de seu caráter; aqueles que não nos olham nos olhos, demonstram ter um caráter fraco e dissimulador. Pitágoras afirmava que “[...] muito sorriso demonstra falsidade, muito riso demonstra falta de serenidade e muita gargalhada, demonstra caráter debochado”, referindo-se ao sorriso do candidato.

2.5.7 As provas propriamente ditas

Após um relato conclusivo dos três Mestres Sindicantes, o candidato era convidado a submeter-se às provas iniciáticas propriamente ditas, as quais eram muito rigorosas e obedeciam ao aforismo pitagórico de que “não é toda espécie de madeira que serve para esculpir uma estátua”. Eram quatro as provas iniciáticas:

¹⁵ Representa o ‘Salvaguarda’ ou guardiões da ética e da virtude. Decorrem de hábitos e padrões repetitivos tendo influência nas regras sociais e também nas percepções do indivíduo (DURKEIN, 2016).

1. **Prova da coragem:** nas proximidades da Escola de Krotona havia uma grande caverna de aspecto ameaçador; os pitagóricos espalhavam pela cidade boatos de que ali habitavam animais ferozes e que, ao cair da noite, monstros e aparições assombravam o local. Esta prova consistia em conduzir o candidato à caverna e ordenar-lhe que lá pernoitasse. Aquele que se recusasse a fazê-lo ou que abandonasse a caverna antes do amanhecer, era rejeitado.
2. **Prova da bondade:** um pitagórico, disfarçado de mendigo, batia à porta da casa do candidato, suplicando-lhe água. Caso houvesse recusa em atender semelhante pedido, fechava-se ao candidato qualquer possibilidade presente ou futura de ingresso na Escola.
3. **Prova da inteligência:** apresentavam-se ao candidato alguns problemas matemáticos e geométricos, cuja solução dependia mais de raciocínio do que de conhecimento. Se não resolvesse, não seria admitido.
4. **Prova do caráter:** esta era considerada a prova mais importante, como se fosse a prova final. Consistia em um pitagórico, sem se identificar como tal, procurar o candidato em sua casa ou em seu trabalho e propor-lhe um negócio escuso ou espúrio, pelo qual o candidato viria a ter grandes proveitos. Também chamada de “a Prova da Tentação”, representava o desafio mais difícil a ser enfrentado. Esta prova reflete os nossos instintos mais baixos e mais difíceis de serem dominados. É a mesma prova a que se referem vários textos sagrados ou de poemas e histórias consagradas, como, a tentação de Eva pela serpente, de Cristo pelo diabo, o pomo da discórdia da “Ilíada” e a história de Hiram Abif¹⁶ e os três Companheiros. É claro que, se o candidato aceitasse a proposta, ele seria automaticamente excluído.

Esta correspondência pode ser assim esquematizada:

- Coragem	☐↔☐	Terra	☐↔☐	Corpo Físico
- Bondade	☐↔☐	Água	☐↔☐	Corpo Emocional
- Inteligência	☐↔☐	Ar	☐↔☐	Corpo Mental
- Caráter	☐↔☐	Fogo	☐↔☐	Corpo Espiritual

¹⁶ Hiran Abif, conhecido também como um dos mártires da verdade, fora o artífice e construtor do templo de Rei Salomão. Responsável por classificar seus operários em três castas: aprendizes, companheiros e mestres (MASIL, 1986).

Essas provas guardam uma relação íntima com os quatro elementos do Hermetismo e com as quatro viagens iniciáticas da Maçonaria.

2.5.8 O ritual iniciático

Uma vez terminadas as provas e o candidato aprovado, ele era submetido ao Ritual de Iniciação¹⁷, que se realizava no Templo das Musas e era presidido pelo próprio Pitágoras.

O templo era preparado com flores e objetos simbólicos. A Pira Sagrada, representando a Luz da Verdade, era acesa e queimavam-se incensos e ervas aromáticas. O candidato entrava descalço, em sinal de humildade. Após uma série de prédicas ritualísticas, ajoelhava-se para prestar seu juramento na presença de todos os membros da Escola. Colocando a mão direita sobre a Sagrada Tetráktis¹⁸ e repetia o juramento de obediência, silêncio e segredo. Pitágoras explicava o significado oculto de todos os objetos e símbolos do Templo, sintetizando todos os ensinamentos e mistérios que lhe seriam revelados no decorrer do tempo.

A sessão terminava em um *Ágape* e, a partir deste momento, para todo o resto de sua vida, o recém-iniciado deveria abster-se de carne e de álcool. Assim, o novo membro integrava-se a vida da Escola, estudando, se aperfeiçoando e desenvolvendo todos os seus talentos. Absorvendo tudo aquilo que Pitágoras e seus mestres tinham para lhe ensinar.

Podemos notar então, a grande semelhança entre a Escola Pitagórica e a Maçonaria, não que a Maçonaria tenha se originado desta Escola, mas, provavelmente, tenha absorvido toda a sistemática de funcionamento e de

¹⁷ Na iniciação desbastamos com o maço um bloco irregular de granito, que representa o início da jornada maçônica (MASIL, 1968).

¹⁸ Sagrada Tetráktis: é o mais sagrado dos símbolos pitagóricos, consistindo de um triângulo equilátero, contendo em seu interior dez pequenas esferas ou pedras, dispostas em perfeita harmonia em 4, 3, 2 e 1, cuja soma é 10, o número perfeito. Também conhecida como a pirâmide dos pontos pitagóricos, representaria “o símbolo dos supremos processos e forças do cosmo” e “a chave de todas as proporções harmônicas”. Sobre ela, os iniciados de Krotona prestavam o seu juramento de nada revelar aos profanos, com relação aos Mistérios Sagrados.

ensino da mesma, bem como, deve ter acontecido com várias outras Ordens que surgiram e desapareceram no decorrer dos anos.

A Escola Pitagórica foi a primeira Sociedade Iniciática que teve a sua história registrada em documentos, devendo por isso, ter sido a “mãe” de todas as outras sociedades que assim se comportaram.

Princípios dos ensinamentos de Sócrates e a Maçonaria

Neste tópico são abordados os conceitos básicos de Sócrates e a Maçonaria. Sócrates é contemplado, neste ponto, em termos de seus ensinamentos e métodos que influenciam o maçom na busca do conhecimento e da sabedoria.

3.1 Ensinamentos de Sócrates como Influenciador da Maçonaria

Sócrates apresenta conceitos da Maçonaria. Para comprovar, neste momento, utilizamos conceitos de primeira ordem, invocando autores como Zygmunt Bauman (2008) e os fundamentos Socráticos.

Aplicam-se, ainda, definições de Bauman (2008), por ser um sociólogo moderno, comparando-o com os fundamentos socráticos. O mártir Sócrates é considerado o pai da Filosofia dedicada à moral, por abordar questões humanas fazendo distinguir o bem do mal.

Sócrates, filho de talhador de pedras, não deixou nenhum escrito, sendo que seus ensinamentos advêm de Aristófanes, Platão e Xenofonte. Identifica-se na leitura do livro “Compreender Sócrates”, escrito por Louis André Dorion (2006), expressões usadas entre Sócrates e a Maçonaria: *justo, ignorância, sabedoria e virtude*. Sócrates, o mártir, defendia que a moderação surge com o raciocínio justo, o que o caracteriza como um positivista nato¹ em sua essência. Segundo ele, a sabedoria, por sua vez, surge com a Filosofia que configura “aquele que aspira o saber”, representado por “Philei” e “Sophia”, isto é, aspirar ao saber.

¹ O Positivismo é forma de ciência natural que busca dentro de seu paradigma a compreensão dos fenômenos e dos objetos por meio da dedução (ROESCH, 2005).

Segundo Sócrates, todo mal tem como causa primária a ignorância. Afirmava que para se obter a sabedoria é necessário reconhecer a limitação que existe dentro de cada um de nós. Assim o maçom, no reconhecimento de suas limitações, é representado pelo chumbo, pois ele seria capaz, posteriormente, de promover a alquimia da virtude.

No entendimento de Sócrates, existem os deuses que são os detentores de toda a sabedoria e os homens, que acreditam saber, entretanto, verdadeiramente, não a possuem.

A Filosofia de Sócrates faz reconhecer que a sabedoria tem como condição o reconhecimento da própria limitação. Para ele não é possível tornar-se sábio, sem antes reconhecer e absorver sua própria ignorância.

O Método Socrático, nesse sentido, aplica o *elenchos*, método que estabelece um diálogo² entre o entrevistador e o interlocutor pelo qual o entrevistador faz com que o interlocutor entre em contradição de suas afirmativas.

Segundo Sócrates, esse método conduzia ao reconhecimento de que o pseudossábio nada sabe. Esse é o primeiro momento para se acessar a sabedoria. O segundo, refere-se ao método denominado de *maieutica*, seguido por Platão, que parte do pressuposto de que embora, ignorante, todo indivíduo traz consigo um conhecimento, por mais infeliz e limitado intelectualmente. Nesse sentido, Sócrates é conhecido como o parteiro, símbolo de alguém que não faz parto em homens como é feito em mulheres, mas auxilia a dar à luz por meio da explicitação do conhecimento.

Infere-se mais uma relação com a doutrina “Maçônica” pela qual o iniciado, em dado momento, deixa a escuridão, representada pela sua ignorância e vida profana, adentrando na luz, transfigurando-se em alguém que busca a pureza e riqueza da alma. Sendo assim, a Maçonaria tem a

² Diálogo é o fluxo de significados que podem conduzir a uma nova ação (SENGE, 1990).

finalidade de gerar a luz do conhecimento que ilumina as noites táticas e misteriosas, gerando no iniciado fagulhas divinas iluminadas pela sabedoria, força e beleza.

Ademais, o ensinamento socrático diz que a virtude é o resultado do conhecimento. A virtude, afirma ele, “[...] não surge através de bens, mas a virtude gera riquezas e bens”. Essas riquezas dividem-se em riquezas da alma, do corpo e externas. As riquezas da alma condizem com sabedoria, as do corpo com o autocontrole, as riquezas externas referem-se a bens tangíveis. A condição necessária e suficiente para obter riquezas externas e do corpo tem como antecedente, inquestionavelmente, as riquezas da alma.

A Maçonaria ensina, em todos os seus conjuntos simbólicos, divididos em graus específicos da escada de Jacó, que a felicidade humana depende do grau do conhecimento e da sabedoria. Sócrates ensinava que a felicidade era alcançada pelo autoconhecimento. O autoconhecimento socrático lembra que a felicidade é irmã da sabedoria: se quisermos ser felizes, é preciso que olhemos, antes de tudo, para dentro de nós. Com base no conceito de Sócrates sobre raciocínio justo e sabedoria, estabelecemos agora a relação de um termo cunhado por Bauman (1999), que é a ambivalência, uma das expressões da atualidade.

Ambivalência é o estabelecimento de dois significados sobre um mesmo objeto. Assim, diversas castas ou grupos escrevem, em suas teias sociais, limites de exclusão e aceitação, desenvolvendo a ambivalência mútua. A ambivalência, sinônimo de incerteza, faz com que cada sujeito de um grupo, isto é, os *insiders*, estabeleçam fronteiras para fortalecer a distinção social dos demais grupos, reconhecidos como *outsiders*, isto é, que não pertencem ao seu grupo. Ao não concordar com ações dos *outsiders*, as castas trocam simultaneamente forças, onde a solução não se dá pela razão.

No entanto, Bauman (1999) talvez nos apresente algumas das possibilidades trazidas no encontro com a ambivalência, entre elas “[...] a condição de o homem encontrar-se consigo mesmo, assumir sua própria existência na contingência, podendo estar um pouco mais livre de certezas e convicções cristalizadas que o oprimem e obrigam a caminhar sempre em frente na reafirmação constante de pressupostos verdadeiros”.

Diante da ambivalência da Modernidade com que nós, maçons, deparamo-nos na vida social e profissional, perguntamo-nos se conseguimos compreender aqueles que agem e pensam diferentemente de nós; isto é, os *outsiders*, que encontramos na esfera social, religiosa ou política. Questionamos, também, se é nesse momento em que se aplica a tolerância.

Recordemos que tolerância deriva do latim *tolerale* que é “suportar aqueles que apresentam definições éticas, morais e sociais distintas da nossa compreensão” (BAUMAN, 1999). Afinal, até onde posso tolerar essas fronteiras e não adentrar na ignorância? Clamamos então a Sócrates na busca da sabedoria (raciocínio justo, força ou beleza) que se obtém na Maçonaria.

Infere-se mais uma relação entre raciocínio justo de Sócrates e *adesão dóxica*³ de Bauman (1999). Adesão dóxica significa que diariamente utilizamos diferentes estruturas de pensamento para compreender diversas ações rotineiras que, entretanto, não condizem com nossas práticas, em outras palavras, utilizamos *hipocrisia*⁴. Como explica Costa (2017), com base em uma distinção formal de perspectivas, que põe em lados opostos: o enganado, que desconhece o engano e sofre com os prejuízos daí advindos; e o enganador, que tem no reconhecimento a condição para a manipulação de crenças, inclusive as próprias.

3 Atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que faz, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (BOURDIEU, 1999, p. 45).

4 Entendendo “a relação entre hipocrisia, como arte do engano e da manipulação; e autoengano, a assimilação não reconhecida de crenças” (COSTA, 2017).

Resgatando Sócrates, de que “a sabedoria é obtida pelo reconhecimento de nossa ignorância”, questiona-se a todos os maçons, se estes submetem suas vontades e paixões a adesões dóxicas. “O simbolismo maçônico que absorvem, faz com que as suas virtudes sejam práticas de fato justas ou não?” (BAUMAN, 1999). Conclui-se, cruzando conceitos de Sócrates e Bauman (1999) e questionando:

- a) O maçom tem raciocínio justo entre ambivalência e moderação?
- b) A razão entre o bem e o mal daqueles que não pertencem a “minha casta” são compreendidas pela alteridade, colocando-se no lugar do outro?
- c) O simbolismo maçônico conduz à adesão dóxica ou a mesma é refutada pela sabedoria?
- d) Como o *insider*, isto é, membro da Maçonaria identifica-se a linha dos valores e virtudes entre os *outsiders* desta sociedade excludente; e até onde tolerar e ignorar?
- e) Quais são as ambivalências que prejudicam nossa ordem e que devemos extirpar, mas que não a efetuamos? (BAUMAN, 1999).

Segundo Bauman (2005), o caráter liquefeito da contemporaneidade, sua fluidez e volatilidade constituem o traço mais explícito da nossa modernidade, ou seja, a consequência de dois fatores que cruzados “liquefazem” e, por vezes, liquidam seus próprios processos e atores sociais:

- 1. O abandono de uma ilusão moderna estabelecida. A crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um estado de perfeição a ser atingido amanhã;
- 2. A desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. É este o paradoxal cenário da modernidade líquida: os atores sociais, individualmente situados, além de experimentarem uma concepção de tempo e de futuro que os impede de um delineamento inteligível de “projetos de vida”, são responsabilizados politicamente por suas escolhas ou trajetórias e, portanto, por suas consequência (BAUMAN, 2005, p. 37-38).

O simbolismo maçônico, dentro desse quadro crítico, não nos surpreende em colocar o tema da identidade como assunto central. Como pode o maçom se identificar numa sociedade fluida e composta por múltiplas redes e quais opções fazer se essas redes se fazem e se desfazem ao sabor da trama global – essa discussão é atual e necessária para os maçons.

3.2 Paradigmas e Interpretações Socráticas: O Dever do Maçom em Reconhecer Suas Limitações - Sócrates

A Maçonaria é uma ciência simbólica, sendo necessário interpretar a sua estrutura para absorver seus significados, a partir da cognição do maçom. Inicialmente, conceitua-se paradigma⁵, após interpretação, pois ambos são recíprocos. O paradigma é a forma como se interpreta o mundo. Pode ser positivista ou interpretativista, contudo está relacionada ao conhecimento socrático que conduz à virtude, objetivo maçônico, tornando feliz toda humanidade, por meio da ampliação da Ética e da Moral.

O primeiro paradigma, o positivista, pressupõe que o mundo existe independente de relações e construções mentais que podemos ter de elementos e objetos. É operacionalizado pela Ontologia realista. Já o paradigma interpretativista estabelece que o mundo se materializa na interação sujeito e objeto, no pensar sobre esses elementos. Ambos os paradigmas norteiam a evolução da sociedade. Os paradigmas, portanto, são os pais da interpretação.

Interpretar e absorveremos a finalidade de “estarmos” agora nesse templo, objetivando a conexão com a sabedoria divina. A interpretação depende de esclarecimento ou *Aufklärung*, da Filosofia alemã, de Adorno

⁵ Denota a compreensão filosófica do pesquisador sobre como interpretar e explicitar o entendimento das relações e dos objetos por meio de sua visão e entendimento (ROESCH, 2005).

e Horkheimer⁶ (1985) em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, que é a libertação dos conceitos que os superiores hierárquicos tentam impor através de uma verdade única. A interpretação maçônica adaptando conceito de Marx e Engels (2007), em sua obra *Ideologia Alemã*, resulta da supremacia do mundo dos pensamentos sobre o mundo dos objetos.

Encontra-se aqui a verdadeira libertação maçônica. Ao valorizar o mundo dos pensamentos, isto é, o paradigma interpretativista, cria-se um espaço dialético para, a partir da observação das coisas, no caso, símbolos maçônicos, dominar as ações humanas, modelando-as à realidade social, econômica e espiritual além templo. Reitera-se que a Moral se materializa na interpretação que, por sua vez, conduz a Ética, que é a teoria da reciprocidade simétrica. Mais uma correlação com Sócrates, o parceiro do conhecimento. Ademais, analisa-se também que a palavra *teoria*, que significa uma combinação de leis, hipóteses e descobertas, é resultado, não do mundo dos objetos, mas do mundo dos pensamentos e da interação. Feliz do irmão que domina a introspecção, pois se afasta da sociedade mórbida e infrutífera, que carece de tal ação individual. Assim é que a Maçonaria, através da busca da sabedoria, produz homens de moral, que pensam e compreendem de forma subjetiva suas relações profanas.

O mundo dos pensamentos, assim, assenta-se no realismo, idealismo e negativismo. Marx e Engels (2007) dissertam que o realismo é a realidade em que “acreditamos”, assim como as crianças. Ao brincar elas acreditam na realidade. O idealismo é a adolescência, a capacidade de imaginar e abstrair. O negativismo “representa-nos” como adultos, por ora negando a realidade ou desconstruindo o idealismo.

6 Além disso, em Adorno e Horkheimer, o termo é usado para designar o processo pelo qual os sujeitos se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Irmãos, voltem a ser realistas, pois é imperioso aos maçons acreditarem na realidade maçônica!

Assim como no idealismo, deve-se questionar o que imaginar para a evolução da ordem, como sustentá-la frente às oscilações sociais, éticas e culturais do mundo profano. No negativismo, que é a negação do realismo ou do idealismo, deve-se equilibrar a força e a beleza com que se esquadriña a pedra. Ao interpretar, abrem-se as portas do que vem de fora e escancaram-se os paradigmas, tendo por consequência o acesso à sabedoria socrática.

Essa interpretação, contudo, é limitada pela linguagem. Bacon (2007), estadista inglês, ressalta que não é a consciência que forma a cognição, mas sim a linguagem que formata a consciência. Cita, para justificar os Ídolos do Foro⁷. Ao proferir uma linguagem, imprime-se na consciência aquilo que se comunica.

Ensina Bacon (2007) que os Ídolos do Teatro⁸ são as influências culturais que também são absorvidas. O respeito incondicional a eles se coloca como uma espécie de barreira para o verdadeiro conhecer. Os Ídolos da Caverna⁹ também tornam o maçom cego. Segundo Porfírio, quando Bacon (2007) recorre à imagem da caverna, ele está fazendo referência à alegoria de **Platão**, que pensou o corpo com os seus sentidos, como uma caverna que nos engana. Nós somos impelidos, então, por um ímpeto de confiar cegamente nos sentidos do corpo.

Assim, afirma-se que a Maçonaria é uma ciência que pode mudar a linguagem, a consciência, a interpretação e o paradigma.

⁷ Ídolos do Fórum: atrapalham o conhecimento verdadeiro por meio da vida pública, onde há o predomínio da linguagem que amarra qualquer possibilidade de investigação do espírito, mantendo-nos presos às regras do jogo público (BACON apud PORFÍRIO, 2017).

⁸ Ídolos do Teatro: é o teatro humano: moral, costumes, tradição, religião e uma quantidade expressiva de elementos que circundam as relações sociais da humanidade (BACON apud PORFÍRIO, 2017).

⁹ Ídolos da Caverna: temos uma individualidade que circunda todas as pessoas e que nos aprisiona: uma caverna, que é o nosso próprio corpo (BACON apud PORFÍRIO, 2017).

Consequentemente, domina-se o mundo dos objetos e dos impulsos e constrói-se uma sociedade mais justa, edificada nos princípios da tolerância e do amor.

Dessa forma, o maçom deve reconhecer se esse paradigma é mais positivista ou interpretativista. Se fora do templo ele for positivista, a Maçonaria alerta a reconhecer essas limitações de interpretação, não sendo escravo inconsciente dos paradigmas. Os maçons são abençoados pelo arquiteto do Universo por poder evoluir nos paradigmas e serem homens distintos, luz para a humanidade. Entretanto, a evolução paradigmática advém de conhecimento sistemático, aliada a intenção propositada, conforme os preceitos de Sócrates.

3.3 A Maçonaria e o Conhecimento Socrático como Alicerce da Sublime Ordem

O conhecimento é a busca da verdade, que se materializa na linguagem, a partir de um propósito individual ou coletivo. Representa a recriação de conceitos, logo é um processo evolutivo dinâmico, que amplia a percepção.

Conforme Capra (2012), o mundo vive em uma crise de percepções¹⁰. O Evangelho de São João prega que “[...] conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). Significa que a percepção, ao livrar-se das arestas paradigmáticas do individualismo e das verdades incontestáveis, decorrentes dos limites cognitivos, os indivíduos tornam-se homens doutos.

De acordo com Bazarian (1994), o conhecimento é fundamentado pela gnosiologia, axiologia e ontologia. A gnosiologia é o conhecimento que estuda as causas do conhecimento. A Maçonaria, que busca a virtude nos

¹⁰ Capra (2012) tem como fundamentação a linguagem do indivíduo, o tempo e o espaço que este interage, as regras sociais bem como as expectativas.

preceitos de Sócrates, auxilia a fazer a gnosiologia, isto é, reconhecer que todas as atitudes decorrem de uma relação primária de causa e de efeito.

Um dos problemas centrais da teoria do conhecimento ou gnosiologia é a verdade, que, por sua vez, é a correspondência, a concordância, a conformidade ou a adequação do pensamento com o ser, do sujeito com o objeto. Assim, questiona-se: “[...] somos escravos de nossa pseudoauto-percepção¹¹?” (LASCH, 1983). A pseudoauto percepção é o efeito do impulso profano do ego excludente. “Recorremos às causas para corrigirmos nossos atos advindos de nossos propósitos”? “Esses propósitos hoje são mais da vida profana ou maçônica”?

O conhecimento também se ampara na axiologia, isto é, nos valores e na ontologia que significa a razão de ser de estar no templo. Na Maçonaria, “quais são os nossos valores e por que comparecemos às sessões”? Em certa noite um irmão, asseverou: “[...] fizemos a opção pela Maçonaria e não pela vida profana, estamos nos distinguindo dos demais”, isto é, nossos propósitos são singulares, sendo importante não confundir com orgulho e vaidade.

Em um outro momento, decorrente de uma conversa no Ágape, um determinado irmão afirmou que “[...] nós, maçons, nos diferenciamos, não precisamos nos apresentar para outro irmão”. Ele disse, ainda, lembra-se que “Meu irmão como tal me reconhece”. Os valores, isto é, da axiologia, resgatando esta aprendizagem, fazem nos reconhecer como maçons na vida profana ou não? Nossos valores são condizentes com o simbolismo e valor distintivo da Maçonaria?

O conhecimento também resulta do materialismo dialético que é a união do dogmatismo racional (razão), do dogmatismo subjetivo e do

¹¹ Pseudoauto percepção, uma das características secundárias do narcisismo que aparece juntamente com a sedução calculada, o humor nervoso e autodepreciativo (LASCH, 1983).

empirismo. O dogmatismo racional é o acesso à verdade através da razão/dedução. Ele atribui valor ao quantitativo e às partes. Já o dogmatismo subjetivo representa que o acesso à verdade surge de múltiplas cognições, pois o homem é a medição das coisas. Representa a síntese, o todo, e não apenas das partes.

O empirismo é a prática, a ação. Temos, assim, as questões: “Como maçom, eu estabeleço a verdade e a atitude apenas na razão, desconsiderando o todo que nos cerca”? “Acesso, na condição de maçom, à verdade, considerando as demais realidades e outros propósitos?”

A Ciência da Moral, que é a Ética, parte do pressuposto de se considerar outros propósitos, que diferem do nosso. Isso decorre novamente do conhecimento que resulta na sabedoria socrática, suscitando a pergunta: “Eu respeito a posição dos demais irmãos, independente de avental ou potências?”

As verdades absolutas, que decorrem do conhecimento, apresentam evolução linear, cíclica ou espiroidal. Explica-se: a primeira, evolução linear, é uma utopia porque desconsidera o erro. A segunda, evolução cíclica, é hermenêutica, envolve sucessão de erros e acertos, sem romper o ciclo para perfeição. A terceira evolução chama-se espiroidal e parte de um determinado ponto com evolução contínua.

A pergunta é se a evolução maçônica é espiroidal, isto é, parte de um ponto central, na crença do Grande Arquiteto do Universo, conforme um dos *landmarks*¹² da nossa ordem? Ou a evolução é linear na qual são glorificados apenas os acertos? Ou a evolução é cíclica onde os erros e acertos

12 Landmarks da **Maçonaria** são antigas obrigações, usos, costumes e tradições, considerados pela maioria dos autores maçônicos como as mais antigas leis que a regem. Preveem a obrigatoriedade de uma "crença em um ser superior" (**O Grande Arquiteto do Universo**), o respeito e a igualdade entre seus membros, o simbolismo maçônico, entre outros.

são recorrentes sem extrapolar a evolução espiroidal, onde não existem limites para aperfeiçoar a doutrina maçônica?

Propõe-se, com base na matriz teórica de Mises (2015)¹³, que toda a ciência maçônica depende de reconhecer a limitação, isto é, a insatisfação e os limites maçônicos individuais ou da oficina para, então, visualizar um estado futuro ideal, dentro da oficina ou pessoal, para então agir em busca da perfeição, representada pela sabedoria, força e beleza.

Conclui-se que o maçom deve usar a razão para dominar seus impulsos, o subjetivismo para adentrar no simbolismo maçônico e o empirismo, que é a ação da tolerância, para evoluir como maçom, contudo, isso tem como base a virtude, produto do conhecimento, conforme pontificou Sócrates.

¹³ Fundamentos epistemológicos, teóricos e políticos adotados para sustentar argumentos sobre o que entende ser a ordem social mais justa a partir do problema da liberdade dos indivíduos, com foco na relação interativa entre indivíduos e sociedade.

Os essênios

4.1 Quem eram os Essênios?

Os Essênios eram judeus que, descontentes com os rumos que a religião judaica havia tomado, desvirtuando-se de seus propósitos originais, rebelaram-se e optaram por viverem isolados dos demais, passando a viver no deserto. Tinham como principal objetivo estudar a Torá (Pentateuco), visando retornar ao judaísmo primitivo. Também se dedicavam a jejuar, rezar e realizar rituais de purificação.

O nome Essênios deriva da palavra egípcia *Kashai*, que significa “secreto”. Na língua grega, o termo utilizado é *therapeutes*, que significa “médico”. Tornaram-se famosos pelo conhecimento e uso das ervas, entregando-se abertamente ao exercício da medicina ocultista. Os Essênios não tinham criados, pois acreditavam que todo homem e mulher era um ser livre.

Os Manuscritos dos Essênios (2017)¹ registram que essa organização nasceu no Egito nos anos que precedem o Faraó Akhenathon, fundador da primeira religião monoteísta, difundida em diferentes partes do mundo, inclusive em Qumranz.

Nos escritos dos Rosacruz, os Essênios são considerados como uma ramificação da “Grande Fraternidade Branca”. Alguns estudiosos acreditam que a Igreja Católica procura manter silêncio acerca dos Essênios,

¹ Também chamados de “Manuscritos do Mar Morto” são uma coleção de centenas de textos e fragmentos de texto encontrados em cavernas de **Qumran**, no **Mar Morto**, no fim da década de 1940 e durante a década de 1950.

² Qumran, *Khirbet Qumran*, “ruína da mancha cinzenta”, é um **sítio arqueológico** localizado na **Cisjordânia**, a uma milha da margem noroeste do **Mar Morto**, a 12 km de **Jericó** e a cerca de 20 quilômetros a leste de **Jerusalém**.

tentando ocultar que receberam dessa seita muitas influências (MANUSCRITOS DOS ESSÊNIOS, 2017).

Viviam em uma espécie de “comunismo primitivo” onde todos os bens eram de propriedade coletiva. No geral, excluía mulheres; observavam rigorosamente os mandamentos de Moisés e obedeciam a uma estrita regra de disciplina, que regulava todos os detalhes da vida diária. Viveram entre o século II a.C. e I d.C., tendo sido dizimados por volta do ano 70 d.C. Alguns Essênios viviam entre os judeus, mas os mais radicais é que formaram as comunidades no deserto, com pouco ou nenhum contato com outras pessoas.

4.2 O Motivo da Separação dos Essênios

A seita essênia surgiu em uma época em que os judeus viviam sob forte influência da cultura grega - racional e pagã. Essa influência causou um afastamento do governo e, conseqüentemente, um afrouxamento do povo judeu de sua religião tradicional. Essa especificação acerca do padrão do Judaísmo apresenta apenas uma estrutura ideal da organização da vida religiosa, mas não diz nada de típico do judaísmo daquele período. O que se afirma é que era “muito mais a estrutura esperada dos grupos religiosos a partir de uma definição abstrata do que a descrição de grupos concretos” (NOGUEIRA, 2010).

Os elementos utilizados para se definir o Judaísmo padrão - santuário central, escritos sagrados, sistema sacrificial, senso de eleições, entre outros - podem ser característicos de várias religiões. E mesmo se fossem elementos constitutivos apenas do judaísmo do referente período, apresenta-se como uma redução muito grande frente à pluralidade de expressões judaicas da época.

Esse fato levou a aparecer vários grupos religiosos dissidentes que queriam manter a “pureza” do Judaísmo, entre eles, os Essênios.

4.3 A Filosofia dos Essênios

Os Essênios eram judeus fieis às escrituras, conseqüentemente, não aceitavam a mistura do Judaísmo com os valores gregos. Os Essênios queriam afastar do Judaísmo a influência pagã de outros povos, por isso, os Essênios formavam comunidades muito fechadas.

Eles tinham leis muito rígidas, valorizavam a comunidade, a partilha, a pureza e a dedicação a Deus. Tinham várias restrições alimentares e evitavam o contato com outras pessoas para não serem “contaminados” por elas e por suas filosofias.

Os Essênios podem ser definidos como “[...] uma seita espiritualista asceta, isto é, uma filosofia espiritual iniciática que pregava a renúncia aos prazeres da carne e ao mundo material” (CHAVES, 2009).

Além disso, os Essênios visavam à evolução espiritual e moral por meio de algumas práticas proféticas e ritualistas, como a mutilação genital, o batismo, o jejum, o celibato, a comunhão, o vegetarianismo e a mortificação do corpo biológico como forma de demonstrar santidade e amor incondicional à Divindade (CHAVES, 2019).

Os Essênios alegavam ser possuidores de conhecimento secretos e da Doutrina Sagrada. A descoberta dos Pergaminhos do Mar Morto confirmou a referência aos Essênios e aos seus ensinamentos secretos, que precederam o cristianismo e que Jesus deve ter conhecido bem. “Essa sociedade secreta (sociedade secreta de Jesus) pode ou não ter sido afiliada aos Essênios, outra sociedade secreta com que Jesus estava bem familiarizado” (LEWIS, 1988).

Dessa forma, os Essênios criaram uma filosofia, um código de vida, um credo próprio que é uma mistura de suas próprias crenças e daquelas crenças que acharam mais convenientes e passíveis de aceitação, provinidas de mentes e corações alheios.

Os Essênios voltaram a ser objeto de sérios estudos antropológicos, sociológicos e teológicos, porque em meados do século XX, foram descobertos, em Qumran, os “Manuscritos do Mar Morto”, os quais também ficaram conhecidos como a “Doutrina do Deserto” (CHAVES, 2019).

Em virtude dessa descoberta arqueológica e científica, Qumran (Israel) é considerada, atualmente, prova irrefutável da existência desse povo religioso, bem como de seu legado literário sagrado e espiritualista.

Observe-se, também, que vários biblistas contemporâneos defendem a coexistência sociorreligiosa entre os povos essênio, judeu e cristão. Ademais, outros pesquisadores confirmam que os essênios exerceram enorme influência no que tange às revelações trazidas pelo Cristo.

Por conseguinte, e em razão da similitude dessas duas doutrinas sagradas, muitos Essênios se converteram, ainda no século I, ao Cristianismo. Por fim, os Essênios foram, infelizmente, perseguidos por judeus, gregos e romanos, o que extinguiu essa comunidade espiritualista ainda no século I d.C.

4.4 Jesus e João Batista eram Essênios? Semelhanças e Diferenças entre as Filosofias

Algumas semelhanças entre os *rituais essênios* e os *rituais das primeiras comunidades cristãs* (o batismo e a comunhão) geraram (e ainda geram) grandes debates entre historiadores e teólogos. Alguns acreditam que João Batista foi um Essênio e há pesquisadores que defendem que Jesus também teria tido contato com a seita.

Quem defende esta teoria se baseia na tradução da palavra “*essenoi*” em grego e “*esseni*” em latim, que significa “aqueles que curam”, em uma referência aos milagres atribuídos a Jesus. A primitiva Igreja Cristã se dedicava a duas fases essenciais de atividade: a) pregação, ensino,

postulação, e realização de curas; e b) demonstrações, o que não se pode negar.

Em nenhum momento, o Novo Testamento faz referências aos Essênios. Tal como os Essênios, João Batista também morava no deserto, pregava o arrependimento e a purificação dos pecados, mas vários outros grupos contemporâneos também agiam assim. Como diferença pesa o fato de que João Batista era uma pessoa pública e não se isolava das pessoas. Quanto a Jesus, podemos observar que alguns de seus ensinamentos eram parecidos com os dos Essênios, como dedicação total a Deus, pureza de coração e amor ao próximo. Porém, Jesus não impunha restrições alimentares³, e ensinou que, em vez de ficarem isolados, seus discípulos deveriam amar a todos, pregando o evangelho até “os confins do mundo”⁴.

Por serem contemporâneos, Jesus e João Batista teriam conhecimento da existência dos Essênios e suas doutrinas tinham algo em comum com eles. Mas essas semelhanças eram limitadas, pois seus ensinamentos eram contrários aos dos Essênios e eles nunca se identificaram como tal. Jesus veio para mostra um novo caminho, que os Essênios não conheciam.

A doutrina de Jesus modifica o sentido das leis de Moisés sem, no entanto, aboli-las. Também, como os Essênios, não aceitava o modo como as leis estavam sendo vividas pelos judeus. Os Essênios eram judeus radicais, portanto não poderiam ser seguidores de Jesus, nem Jesus ser um Essênio, pois suas visões das leis mosaicas eram antagônicas.

A mais espantosa revelação dos Documentos Essênios até agora publicada é a de que os esses possuíam - muitos anos antes de Cristo -

3 Marcos 7:19 - “Porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, sendo depois eliminado”. Ao dizer isso, Jesus declarou puros todos os alimentos.

4 Atos 7:8 - “Não vos compete saber as épocas ou as datas que o Pai estabeleceu por sua exclusiva autoridade. Contudo, recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra!”

práticas e terminologias que sempre foram consideradas exclusivas dos cristãos. Após o descobrimento dos Manuscritos do Mar Morto, em Qumran, a vinte quilômetros de Jerusalém, mais conhecimentos sobre os Essênios vieram à tona, levando alguns historiadores a traçarem semelhanças entre eles e os primeiros cristãos, ao ponto de terem convicção de que Jesus teria sido um Essênio.

As semelhanças citadas nesta pesquisa podem ser muito bem contestadas, mas este não é o objetivo de nosso trabalho. O que nos levou a estudá-las, foi o fato de existirem algumas semelhanças entre Essênios e a Maçonaria.

4.5 Semelhanças com a Maçonaria

A reconstrução mística e física do Templo do Rei Salomão⁵, bem como o dos Templários, os Manuscritos do Mar Morto citam semelhanças entre eles, embora o texto não especifique detalhadamente os rituais essênios. Para nós, maçons, ritual é uma verdade vivida no nosso dia a dia.

Veremos mais adiante, quando falarmos sobre os Templários que, mesmo em uma fonte direcionadas a eles, não existem detalhamentos de nenhum ritual por eles executados.

Tanto os Essênios como o Novo Testamento fazem referência à Pedra Angular (mas, qual o valor deste termo para nós?). A Pedra Angular, como o alicerce sobre o qual o edifício todo deve permanecer, é a pedra mais importante de toda construção, na conceituação dos maçons operativos. “A pedra é colocada em cerimônias majestosas, geralmente com ajuda de maçons especulativos, e ela sempre deve conferir dignidade à ocasião; o

⁵ Os maçons não foram os construtores do Templo de Salomão. Isso fora atribuído por André Miguel, cavaleiro de Ramsey, um escocês que, para justificar uma grandeza única, aliou a Maçonaria aos construtores do Templo do Rei Salomão. Originaram-se, nesse fato, os altos graus filosóficos seguidos das correntes ocultistas, teosofistas, esotéricos. Isso justifica o rito Schroeder não ter aceitado os altos graus em seus ritos, optando pela Maçonaria pura.

evento é visto pelos operários como uma fase importante na construção do edifício” (MACKEY, 2008 apud VIEGAS, 2010).

Os Essênios usavam incenso para defumar e executar a purificação de suas vestes como um ritual, isto é, com uma determinada frequência. Esse ritual não ocorre conosco, maçons, a não ser no dia de nossa Iniciação. No entanto, o fato de acendermos incenso antes das reuniões pode ser confundido, por um não maçom, como um Ritual de Purificação.

Acreditamos que o fato de os Essênios terem uma filosofia baseada no Antigo Testamento, de onde muitos ensinamentos vieram, mas, principalmente, por eles serem detentores de “conhecimento secretos”, esse ponto é um conhecimento de interesse relevante para o nosso trabalho. Estes sim, parecem estar na raiz de toda a ordem iniciática.

Os cavaleiros templários (o templo)

Diante das fontes de que dispomos, fica muito difícil falar na origem da Maçonaria, sem antes termos uma noção da Ordem dos Cavaleiros Templários, também reconhecidos como “O Templo”, pois tudo indica que existe uma influência muito importante desta Ordem na Maçonaria inicial, se não diretamente, pelo menos por membros oriundos dos antigos Templários. Os cavaleiros templários eram monges guerreiros. Era uma ordem religiosa, com uma hierarquia inspirada na Teologia, um Código de Ética e uma Missão Declarada; mas, também, era um exército armado e dedicado à “Guerra Santa”.

No fim do século 12, a cruz vermelha dos templários estava estampada em toda a faixa que vai da Europa a Jerusalém. Os cavaleiros eram influentes em Londres, mantinham uma fortaleza dentro de Paris, lutavam ao lado de portugueses e espanhóis pela reconquista da península Ibérica, controlavam a ilha de Chipre, possuíam fortalezas no Oriente Médio e tinham acesso irrestrito ao local onde teria existido o Templo de Salomão, em **Jerusalém**. Poderosos politicamente, muito ricos, realizaram façanhas militares que encantaram a cristandade.

Afirma Edgeller (2010) que “[...] os Templários passaram a ser temidos, mas suportados porque eram muito úteis. Muitos de seus procedimentos, como os rituais de iniciação, eram secretos, o que provocava desconfiança. E o poder que eles alcançaram era grande demais”.

Entretanto, pouco mais de cem anos depois, o Grão-Mestre templário Jacques de Molay¹ ardia em uma fogueira em uma ilha do rio Sena. A ordem desapareceu de forma tão rápida e surpreendente quanto havia surgido e crescido (CORDEIRO, 2019).

A decretação do fim do Templo pelo rei Felipe IV (França) não significou o desaparecimento dos Templários. Muitos de seus membros sobreviveram às perseguições, aderiram a outras ordens, ou fundaram novas ordens, permitindo que suas ideias, seus preceitos e seus ideais sobrevivessem.

Sinais da sobrevivência dos Templários após a sua “extinção” pelo rei da França, foram encontrados em vários locais da Europa e pela importância e influência que tiveram, fica a suspeita de que continuaram a influenciar a sociedade e as “ordens” existentes na época, como a Maçonaria.

5.1 A Ascensão dos Templários

A Ordem dos Cavaleiros Templários - Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão - foi criada, oficialmente, em 1118, apesar de existirem significativas provas de que ela já existia há, pelo menos, quatro anos antes. Tinha como principal missão “proteger os peregrinos em visita a Terra Santa” (EDGELELLER, 2010).

No início, formada por um pequeno número de membros, passou a ter maior importância a partir do ano de 1128, quando lhes foi dada uma “regra monástica”, ou seja, “[...] pela primeira vez na história cristã, soldados viveriam como monges” (EDGELELLER, 2010). A partir de então, a Ordem se expandiu rapidamente, tanto em número de recrutas, como no recebimento de doações, tanto em dinheiro, como em propriedades.

¹ Jacques de Molay foi um religioso e militar francês, o último grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários. Pertencia a uma família da pequena nobreza francesa. É hoje o patrono da Ordem DeMolay.

Logo em seguida, construíram um novo templo, o *Barram Novi Templi*, ou *Temple Bar*, de grandes dimensões, inclusive com cais para o rio Tamisa. A Ordem se tornou tão importante que foi capaz de impor respeito a autoridades, nobres e reis. Dificilmente algo acontecia sem que os Templários estivessem envolvidos.

Na Inglaterra, o mestre do Templo tinha assento no parlamento como Barão Primeiro-Ministro do Reino. Estavam isentos de taxas, impostos e a cruz dos Templários estava estampada em suas propriedades, as quais eram imensas e atingiam todas as partes do país; esses locais são, hoje, identificados com o prefixo *temple*. Possuíam vilarejos, aldeias, vilas, igrejas e fazendas e chegaram a fundar cidades, as quais lhes pertenciam. Possuíam uma grande frota naval e suas principais atividades comerciais eram exportar lã de produção própria, transportar peregrinos e romeiros até Jerusalém, além da explorar as terras que lhes pertenciam.

Supostamente, o que levou ao fim dos Templários foi o desvio do rumo que, inicialmente, a Ordem havia previsto, ou seja, a guarda em completo segredo do fabuloso tesouro escondido debaixo do estábulo do Palácio de Salomão.

5.2 A Influência Financeira dos Templários

Tendo em vista suas posses e patrimônio, seu potencial humano, suas habilidades diplomáticas e sua perícia marcial, o Templo exercia enorme influência política e militar. Os Templários eram extremamente influentes na área financeira. Foram os responsáveis por profundas mudanças nos fundamentos econômicos da época, bem antes dos financistas judeus e dos Consórcios Comerciais italianos, os quais, na verdade, seguiram o modelo

do Templo. Suas inovações² foram tão importantes que se pode atribuir a eles a origem do sistema bancário atual.

No seu auge, os Templários manipulavam uma grande, senão a maior parte do capital disponível na Europa Ocidental. Foram pioneiros na facilitação de crédito, bem como na alocação de crédito para o desenvolvimento e expansão comercial, ou seja, eram verdadeiros bancos - emprestavam dinheiro a juros altos (até 60% ao ano).

Seu poder era tal que a Coroa Inglesa estava, de forma crônica, em dívida com o Templo. Emprestavam dinheiro e aceitavam o pagamento em outras sedes do Templo, sob fornecimento de recibo. Ofereciam empréstimos e cartas de crédito e aceitavam depósitos, pois apresentavam lugares seguros para guardá-los.

O Templo de Paris era o mais importante tesouro real, porque guardava as riquezas do Estado, bem como os da Ordem; o tesoureiro do Templo era também o tesoureiro do Rei. Todas as finanças da Coroa foram atreladas ao Templo e dele dependentes.

Agiam, também, como coletores de impostos, tanto Papais como para a Coroa e eram muito rigorosos nas cobranças, mais que a Receita Federal nos nossos dias. Eram depositários de fundos corretores, cobradores de dívidas e mediadores nas disputas que envolviam pagamentos, dotes, pensões etc.

No auge do poder, foram acusados de soberba, orgulho, arrogância, crueldade, desumanidade e de um comportamento imoderado, devasso e imoral³. Mas, mesmo assim, o conceito de retidão, honestidade e integridade nas questões financeiras permaneceu inabalado. Sua honestidade era

² Inovações resultam de processos endógenos de destruição criativa por meio da recombinação de informações, processos e conhecimentos (TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008).

³ Imoral: aquilo que é contra os bons costumes decorrentes do imperativo categórico ou hipotético, salvaguardas da moral (DURKHEIN, 2016).

tanta que, certa vez, o Rei Henrique II exigiu dos Templários certa quantia depositada a eles, por um desonrado e difamado Lorde, e a resposta foi que nenhum dinheiro a eles depositado seria entregue a outra pessoa sem a sua autorização.

5.3 O Fim dos Templários

Toda essa organização financeira do Templo tinha como objetivo principal arrecadar fundos e arrematar soldados, dessa forma, financiando a luta pela libertação de Jerusalém.

Em 18 de maio de 1291, cai Acre, o último baluarte dos Cruzados na Terra Santa, terminando, o sonho europeu de um Oriente Médio cristão. Teoricamente, não haveria mais razões para a existência do Templo, mas ele sobreviveu e manteve as suas atividades econômicas na Europa. Seu poderio continuou o mesmo, o que não agradava a todos.

Suas atividades foram interrompidas pela ação do ambicioso e vingativo rei da França Felipe IV (o Belo). Ele tinha rancor aos Templários por esses terem lhe negado o título de Templário honorário, o qual tinha sido conferido para seu antecessor.

Mas o que mais levou o Rei a se antepor ao Templo, foi sua ganância. Em junho de 1306, uma revolta o levou a refugiar-se no Templo, em Paris e aí ele pode constatar o tamanho da riqueza dos templários.

Ao verificar o poderio econômico e militar do Templo, o rei Felipe IV resolveu se apoderar de tudo o que pertencia aos Templários. Criou uma enorme lista de acusações contra o Templo, fornecida por espiões infiltrados e por um suposto templário renegado. Assim, em 13 de outubro de 1307, o rei Felipe IV decreta o fim da Ordem dos Cavaleiros Templários da França. As propriedades do Templo foram invadidas, templários foram presos, torturados e assassinados.

5.4 A Sobrevivência da Ordem

Se na França, a ação contra o Templo foi rápida, o mesmo não ocorreu nos demais países da Europa. O rei Felipe IV exigiu que os demais países europeus também agissem da mesma forma, mas como eles nada tinham contra o Templo, pouco ou nada fizeram contra ele. Só passaram a ter uma ação mais enérgica, mas não tão radical, após o Decreto Papal, sob pressão do Rei, em 22 de março de 1312, que extinguiu a Ordem do Templo. A morosidade de ação dos demais países contra o Templo, permitiu que seus membros se organizassem e migrassem para outras ordens ou criassem novas ordens. Na Espanha migraram, principalmente, para a Ordem Calatrava⁴ e criaram uma nova Ordem, a Montesa. Em Portugal, apenas trocaram o nome para Cavaleiros de Cristo, sobrevivendo até o século XVI, deixando marcas indeléveis na história, por suas explorações marítimas com Vasco da Gama e Cristóvão Colombo cujas embarcações navegavam ornadas pela Cruz dos Templários.

A Inglaterra negou-se a ajudar o rei francês, mas foi obrigada a agir contra o Templo pelo Decreto Papal. Mesmo assim, sua ação foi lenta e amena. No final, os Templários conseguiram uma “culpa negociada” e foram libertados. Ficaram presos e os velhos e doentes foram torturados.

Na Alemanha, os templários migraram para a Ordem de São João e de Teutônia, mas muitos simplesmente enfrentaram as autoridades e permaneceram como Templários. A Escócia foi, provavelmente, o maior refúgio dos templários, pois o rei Roberto Bruce⁵ estava em litígio contra

4 No ano de 1150, Afonso VII de Leão doou à Ordem dos Templários os domínios e o Castelo de Calatrava, no rio Guadiana, para os defenderem das arremetidas dos Mouros. Abandonado pouco depois, só no tempo de **Sancho III de Castela** o castelo voltou a ser ocupado pelo abade **D. Raimundo** e mais alguns monges que seguiam a regra da **Ordem de Cister**.

5 Roberto I, popularmente conhecido como Roberto de Bruce, foi o Rei da Escócia de 1306 até sua morte. Foi um dos mais famosos guerreiros de sua geração, tendo liderado a Escócia durante as Guerras de Independência contra a Inglaterra.

a Inglaterra e havia sido excomungado pelo Papa. Assim, não devia obediência a ninguém.

A provável sobrevivência dos Templários, quer em novas Ordens, quer em Ordens já existentes, permitiu que suas ideias continuassem a influenciar toda a sociedade da época. E é aqui que parece haver uma ligação do Templo com a Maçonaria, pois o fim de um, coincide com o surgimento da outra.

5.5 Sinais da Sobrevivência da Ordem

Além dessas evidências da sobrevivência dos Templários, marcas deixadas posteriormente demonstram que eles conseguiram repassar e inserir suas ideias e ensinamentos para as Ordens nas quais se abrigaram, pois essas marcas permitiram que se identificassem suas ações, muitos anos após a sua extinção. Eis dois exemplos que provam a sua sobrevivência:

1. No século XVIII, o Barão Karl Van Hund, importante francomaçom, estabeleceu o “Rito da Estrita Observância”, rito este que era exclusivo dos Templários. Esse fato é tido como a “Restauração da Ordem do Templo”.
2. O segundo fato é a existência de uma carta que veio a público em 1804, a qual teria sido escrita, pouco antes de morrer, por Jacques de Molay, último Grão-Mestre Templário, onde teria deixado orientações de como fazer para a Ordem sobreviver. Nomeou John Mark Larmenius seu substituto, sendo então criada a “Antiga e Soberana Ordem Militar do Templo de Jerusalém”.

Além desses exemplos, podemos citar um fato bem conhecido, que é a ornamentação das velas das naus de Vasco da Gama, com a Cruz dos Templários, sinal indiscutível de que a vocação navegadora do Templo havia sobrevivido à sua extinção.

Também devemos nos questionar o porquê da escolha da data de 24 de junho para a formação da Grande Loja de Londres, visto que, esta data era sagrada para os Templários.

5.6 A Estrutura Organizacional do Templo

Não existe, na Literatura pesquisada, um esquema minucioso da hierarquia dos Templários. O que sabe é que o Templo era comandado por um Grão-Mestre, o qual nomeava um Mestre⁶ para comandar cada província. Sabe-se que existiam responsáveis pelas mais diversas atividades por eles desenvolvidas, como por exemplo, o Tesoureiro do Templo.

Esta estrutura comandada por um Grão-Mestre, também já era observada nas Guildas de Pedreiros⁷, provável origem da francmaçonaria, sendo que, estas duas sim foram contemporâneas, podendo uma ter influenciado a outra.

5.7 O Templo e a Maçonaria (A Diáspora dos Templários)

A discussão da existência de relação entre o Templo e a Maçonaria é um tema necessário neste estudo. Pelo poder e pela importância que o Templo adquiriu na Europa, entre o final do século XIII e início do século XIV, torna-se impossível não admitir sua influência, não só na sociedade como um todo, mas principalmente nas demais Ordens.

Quando o fim dos Templários foi decretado, as Guildas de Pedreiros já existiam e seu conjunto já era conhecido como Maçonaria, o que provavelmente permitiu que muitos Templários viessem a se abrigar nelas.

⁶ Indica a terceira casta na Maçonaria, sendo o primeiro, o Aprendiz, o segundo, o Companheiro. Estas três divisões são delimitadas pela lenda de Hiran-Abiff, construtor do Templo do Rei Salomão.

⁷ **Organizações** que remontam às fraternidades locais de **pedreiros** que, a partir do final do **século XIV**, regulamentavam as qualificações de sua profissão e sua interação com autoridades e clientes. Os graus de Maçonaria mantêm os três graus das **guildas de artesanato medieval**: os de aprendiz, companheiro e mestre maçom.

A Francomaçonomia passou a existir algum tempo depois, provavelmente oriunda das Guildas de Pedreiros que teriam admitido em seu seio, pessoas de alto nível cultural ou de alto poder econômico, como veremos mais adiante. Estas pessoas influentes, bem poderiam ser Templários, hipótese bem provável.

Como houve um tempo hábil para os Templários se inserirem em outras Ordens ou criar novas Ordens no período entre a decretação de seu fim e uma ação eficiente das autoridades, com certeza eles também influenciaram a Maçonaria, uma vez que a organização estrutural é igual em ambas. Ou a Maçonaria “copiou” do Templo, ou membros templários a introduziram na Maçonaria, ao nela se “esconderem”.

Outra evidência interessante que nos alerta para esta influência, é a importância que é dada pela Maçonaria, a Jacques de Molay, considerado o último Grão-Mestre dos Templários, que foi morto em 1314, na Ilé de La Cité, no rio Sena, queimado em fogo baixo. Morreu em torno de 400 anos antes da formação da Grande Loja de Londres (1717) e no mínimo 150 anos antes de qualquer registro que evidencie a existência de uma Loja Maçônica.

Por que então ele representa tanto para a Maçonaria a ponto de dar o seu nome para a Ordem dos Jovens Maçons? A Maçonaria se espelhou neles, ou seus feitos e sua história foram trazidos para dentro da Maçonaria pelos Templários que nela teriam ingressado?

O “atraso” de Portugal, da Espanha, da Escócia e, até mesmo, da Inglaterra em aderirem ao decreto/pedido do Rei da França, a não adesão da Alemanha e a proteção oferecida pelo Rei Bruce da Escócia, permitiu que os Templários tivessem o tempo necessário para se refugiarem em ordens já existentes, criassem novas ordens ou mesmo, como na Alemanha, sobrevivessem por mais tempo com a mesma denominação. Esse fato

permitiu que seus preceitos e ensinamentos se perpetuassem e influenciassem todas as ordens e instituições contemporâneas ou posteriores.

Não existem provas documentais de que os templários teriam migrado para a Maçonaria, mas existem muitas “coincidências” ligando o fim de uma, com o florescer da outra. Assim, fica muito difícil negar que a Maçonaria tenha sido intimamente influenciada pelo Templo.

5.8 Quem foi Bruce

Robert Bruce, Conde de Corrik, descendente da Casa Real Celta e depois, Rei da Escócia, sonhava reerguer o Império Celta. A Inglaterra e Roma (Igreja) ficaram com medo do agora Rei Bruce. A primeira, pelo seu poderio; e a segunda, pelo medo de que ele reerguesse a herética Igreja Celta ou que levasse seus domínios ao paganismo pré-cristão. Iniciava-se então, uma guerra entre a Inglaterra e a Escócia que durou longos anos.

Foi excomungado por ter assassinado um desafeto em frente ao altar de uma igreja. Sua excomunhão o libertou da obediência ao Papa.

Este período coincidiu com o fim dos Templários, os quais encontram então, nos domínios do Rei Bruce, amplo e seguro refúgio e sobrevivência de seus ensinamentos.

A guarda escocesa

A Guarda Escocesa era uma instituição muito conhecida e respeitada na Europa desde o fim da Idade Média; servira a muitos reis, prestando-lhes serviços de segurança, assessoria militar e trabalhos do gênero. Sua tradição militar e a notoriedade de bravos cavaleiros semelhante a outras organizações dessa natureza existentes nos reinos europeus, como a Guarda Suíça (Papa) e os Mosqueteiros (rei da França), eram famosas.

Julgamos apropriado ligar a nascente Maçonaria como instituição à famosa Guarda Escocesa, fazendo dessa uma de suas fontes de tradição. Percebemos que os ritos da Guarda Escocesa foram adotados para a estrutura da Maçonaria, conjunto esse que veio a ser conhecido como Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA). Uma espécie de ritualística militar, combinada com tradições cavaleirescas e motivos religiosos extraídos do Antigo Testamento, entremeadas com lendas e símbolos pinçados da tradição arquitetônica dos pedreiros medievais.

Na época, um sistema social injusto e degradante mantinha a grande maioria dos indivíduos na miséria e na ignorância extrema. Contra esse estado de coisas se insurgiu a moral dos Iluministas e a eles se atrelaram os intelectuais londrinos da recém fundada Real Sociedade da Inglaterra, destacado clube de cavalheiros ingleses e escoceses, oriundos da velha nobreza que conservava, no sangue, nos costumes e principalmente, no ego, os ideais, as tradições e o romantismo da velha Cavalaria.

Assim nasceu a Maçonaria moderna. A atuação intelectual e prática desses “novos Cavaleiros” dariam uma conformação à nova ordem política e social que deu origem ao mundo moderno.

6.1 A Origem da Guarda Escocesa

A Guarda Escocesa (1445) era constituída por membros do mais alto nível sociocultural; ela foi criada rei Charles VII com o objetivo de sua proteção. A Guarda Escocesa não se limitou a essa atividade uma vez que, além de sua ação militar, transformou-se em um núcleo importante de estudos e mistérios. Por sua ação e pela formação de seus membros serem muito semelhantes às características dos Templários, a Guarda Escocesa foi considerada uma instituição neotemplária (ANATALINO, 2007). A Guarda Escocesa buscava, para sua composição, membros e oficiais entre as mais distintas famílias escocesas, incluindo entre elas, os Sinclair¹, cuja importância para Maçonaria é inegável.

6.2 O Funcionamento da Guarda Escocesa

A Guarda Escocesa apresentava um verdadeiro “rito de passagem” (Iniciação) e se comportava como um local de treinamento para jovens nobres escoceses em artes marciais, política, questões da corte, boas maneiras, costumes e hábitos estrangeiros.

Existia na Guarda Escocesa certa ritualística em tudo semelhante a que a Francomaçonomia proporcionava para seus membros. Ainda hoje, alguns membros da família Montgomery², expressam o orgulho que sentem da filiação de seus antepassados a esta organização (ANATALINO, 2007). Nessa família existia uma espécie de ordem privada e que era chamada de “Ordem do Templo” que os pesquisadores questionam serem a perpetuação dos Templários.

¹ Família de origem normanda, com posses em Lothian desde 1162. Construíram uma fortaleza sobre um promontório rochoso perto do lugar onde foi travada a Batalha de Roslin, quando os escoceses derrotaram os ingleses (1303). Há uma famosa cripta, onde os Sinclair se fizeram enterrar durante séculos, vestidos a rigor de armas e armaduras. Os Sinclair seriam, portanto, o elo perdido entre os Templários e a Maçonaria.

² Alexander Montgomery (Conde de Eglinton), outra das famílias escocesas ligadas aos Templários. Montgomery foi um dos signatários do atestado de óbito de Michael Andrew Ramsay.

6.3 O Declínio da Guarda Escocesa

Devido a problemas internos da França, além das sucessivas guerras em que ela se envolveu, a Guarda Escocesa ficou muito fragilizada e reduzida em tamanho, tornando-se um mero regimento do exército francês.

Apesar deste “achatamento”, a Guarda Escocesa nunca abandonou a posição de instituição neotemplária e seus membros eram considerados herdeiros das tradições originais dos Templários. Apesar de diminuída e pressionada, sobreviveu e sua recomposição se tornou o verdadeiro núcleo de uma ordem que viria a surgir, a Francomaçonomia.

6.4 Justificativa de Inclusão da Guarda Escocesa no Livro

É evidente que fica muito difícil entendermos a sequência de acontecimentos na transição entre o fim dos Templários e o surgimento da Francomaçonomia, sem termos um mínimo conhecimento do que foi a Guarda Escocesa.

Como o fim do Templo, só ocorreu de imediato na França, sendo bem mais lento nos demais países europeus. Essa “demora” permitiu a migração dos Templários para outras ordens e, até mesmo, a criação de novas ordens.

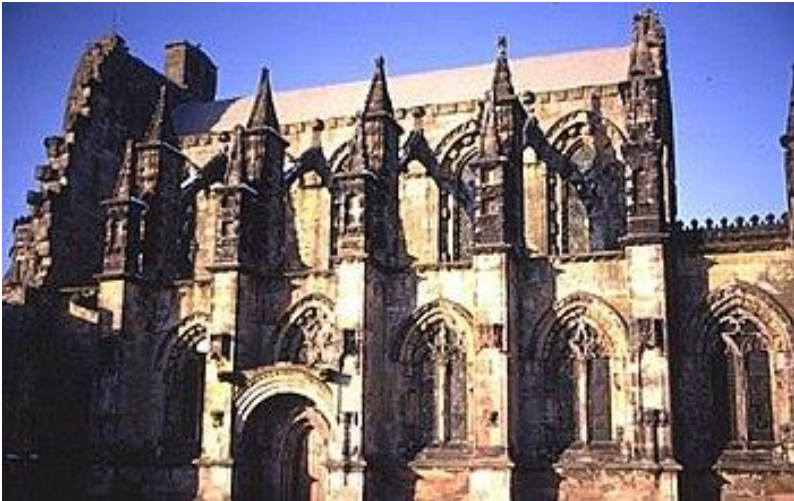
De modo que a Guarda Escocesa, por sua organização como *ordem*, passou a ser o grande “refúgio” dos Templários. Ao acolher membros templários, a ordem recebeu, com eles, todos os seus conhecimentos³, mistérios e doutrina que, posteriormente, influenciaram várias ordens, inclusive a Francomaçonomia, que se estruturou cerca de dois séculos depois.

³ Conhecimento na Maçonaria representa a ciência divina, a substância incriada, legitimada pelo pensamento absoluto que faz com que o Maçom acesse a luz por meio da elevação do espírito, conhecendo as causas imanentes e transientes de suas ações (ESPINOSA, 1973).

A capela de Rosslyn

A capela Rosslyn foi a terceira capela edificada na propriedade da família Sinclair, descendente de cavaleiros normandos. Havia a capela do castelo, a do cemitério e, finalmente, a fundada por William, Príncipe de Orkney, que a projetou como parte de uma igreja mais ampla de planta em cruz, chamada *Collegiate Church of St Matthew The Apostle*. Era costume da época, as igrejas colegiais (na Escócia, havia quarenta) que consistiam em ter um colégio de padres e meninos de coro, incumbidos de, diariamente, sagrarem missa e rezarem pelas almas dos proprietários e seus familiares.

Figura o6 - Capela de Rosslyn



Fonte: BAIGENT; LEIGH. O templo e a Loja: O surgimento da Maçonaria e a herança Templária, 2013.

Sir William, Príncipe de Orkney, faleceu sem concluir a obra e o filho limitou-se a colocar um telhado sobre a capela do coro, onde o pai foi

enterrado. Daí a limitação do templo em vinte metros de comprimento, por dez de largura e doze de altura. A Reforma da Igreja Escocesa destruiu altares e figuras de santos católicos (1560) e ao encerramento da capela como lugar de culto público. Desde essa época, Rosslyn escapou mais ou menos intacta aos ventos da história, sendo inclusive renovada (altar novo, vitrais, substituição de pedras quebradas) e reaberta em 1861 pela Igreja Escocesa Episcopal, que continua a celebrar culto no local.

Rosslyn é uma das igrejas esculpidas em pedra mais preciosa da Idade Média. Os seus interiores são decorados por toda uma galeria de figuras enigmáticas, sem óbvia conotação cristã, uma iconografia rara e, em alguns casos, nunca vista noutros templos da época. Daí as especulações sobre a sua eventual ligação com os Templários, a Maçonaria ou o Santo Graal.

7.1 A Localização da Capela Rosslyn

O vilarejo de Rosslyn localiza-se a cinco quilômetros ao Sul de Edimburgo, capital da Escócia, no vale de *North Esk*; compõe-se de uma única rua, com duas tabernas no final, provavelmente erguida para a construção da capela. A extraordinária beleza do local, uma vasta área de floresta à beira do canal Rosslyn, integradas por um castelo e um cemitério arruinados, há séculos que inspiram admiração, pesquisas e estudos (BAIGENT; LEIGH, 2013).

O vilarejo de Rosslyn torna-se importante para a História da Maçonaria por estar a aproximadamente dez quilômetros da antiga Preceptoria Templária de *Balantreroch*, hoje simplesmente chamada de *Temple*, pelos mistérios que envolvem o seu entorno e pela presença da Capela de Rosslyn.

7.2 O Vale North Esk

É um lugar misterioso devido à presença de muitas esculturas, construções e cavernas. Em sua entrada, existe uma grande pedra semelhante a uma agressiva cabeça pagã, olhando fixamente aos que ali passam. Mais abaixo existe uma caverna por detrás de uma cachoeira. Esta caverna, também, sugere outra enorme cabeça com olhos cavernosos, não podendo se distinguir se sua origem é natural ou construída pela mão humana.

Seguindo o caminho, existem várias edificações de pedras¹ e algo parecido com um peitoril de pedra que esconde um emaranhado de túneis capazes de esconder um expressivo número de pessoas. Os pesquisadores afirmam que o acesso aos túneis era por passagem secreta, através de um poço. A importância aumenta quando se sabe que Bruce, um grande protetor dos Templários, teria se refugiado no *Vale North Esk* por várias vezes, tanto nas batalhas, como nas perseguições.

7.3 A lenda do Aprendiz

O Pilar do Aprendiz é um dos três que se erguem na sua ponta oriental (são catorze no total) da Capela Rosslyn. Cada um desses três pilares recebeu o nome de um grau do progresso maçônico, no século XVIII. No entanto, o pilar mais artisticamente elaborado não é o do Mestre, mas o do Aprendiz. A capela de Rosslyn é um centro de segredos e crenças e a mais famosa delas está ligada à extraordinária coluna localizada da ponta oriental do edifício, chamada de “Coluna do Aprendiz”² cuja lenda é assim descrita em um relato datado de 1774:

1 A pedra na Maçonaria é símbolo de objeto de acesso ao conhecimento. Lembremo-nos que os primeiros ensinamentos foram desenvolvidos nas lousas de pedras dos gregos e romanos (CAMINO, 1996).

2 Esta coluna é representada pela força. A do companheiro a da beleza e do Venerável Mestre, a da Sabedoria (CAMINO, 1998).

[...] uma história tradicional [...] na família Rosslyn, é a de que um modelo desta bela coluna foi mandado para Roma ou para algum lugar no estrangeiro, para ser examinada e sofrer uma precisa inspeção da coluna da qual aquele modelo havia sido tirado; que em sua ausência, qualquer que fosse a ocasião, um Aprendiz acabou terminando de construir a coluna como agora está; e o Mestre, ao voltar, vendo a coluna assim tão esmeradamente concluída, indagou sobre quem a tinha acabado e cheio de inveja, matou o aprendiz (O PILAR DO APRENDIZ, 2018).

Dizemos, então, que a peça mais famosa da Capela Rosslyn é um quebra-cabeça chamado Pilar do Aprendiz. O design e acabamento exibidos por esta escultura estranha, superam em habilidade a grande maioria das outras esculturas inspiradas, até essa igreja mística. Sua estrutura demonstra ser o mais antigo monumento que indica claras conexões com a Maçonaria, pois é coberta por uma combinação de motivos celtas, templários, e da Jerusalém do primeiro século. Esses símbolos são rapidamente identificados pelos maçons modernos, uma vez que foram preparados com detalhado senso dos antigos primórdios da Arte Real.

Figura 07 – Pilar do Aprendiz



Fonte: Capela Rosslyn: O Pilar do Aprendiz, 2018.

A tradição sustenta que o próprio aprendiz veio originalmente das Orcadas³ e o Pilar para o qual ele deu a vida representa a árvore Yggdrasil⁴ da mitologia nórdica, o mundo que une céu, terra e inferno. A coroa desta árvore compreende as doze constelações do Zodíaco, os ramos em

³ Órcades ou Órcadas (Ilhas Orkney, no **gaélico escocês** *Àrcaibh*) é um **arquipélago** localizado no **Mar do Norte**, a 16 km do Norte da **Escócia**. As Órcades foram inicialmente colonizadas por **pictos** e **Vikings**. O grupo é constituído por cerca de 70 ilhas, das quais 20 habitadas.

⁴ Na **mitologia nórdica**, Yggdrasil é uma **árvore** colossal que é o eixo do **mundo**. Localizada no centro do Universo ligava os nove mundos da **cosmologia nórdica**, cujas raízes mais profundas estão situadas em um mundo sombrio onde ficavam várias árvores assombradas e solo onde não se produzia nada, escuridão profunda com gigantes e terríveis monstros. O tronco era o mundo material dos homens. A parte mais alta, que toca o **Sol** e a **Lua**, a Cidade Dourada, a terra dos deuses, e **Valhala**, o local onde os guerreiros **Vikings** eram recebidos após terem morrido, com honra, em batalha.

espiral simbolizam os planetas e as raízes do tronco se aprofundam nos elementos da terra. No fundo do pilar, dragões podem ser vistos roendo as raízes da árvore para roubar sua fertilidade.

O próprio Pilar representa uma espécie de transformação de uma antiga concepção pagã na Árvore da Vida cristã. Assim, para a curiosa mistura de referências espirituais celtas, pagãs, gregas e medievais presentes nesta capela única, agora temos que adicionar influências nórdicas também.

7.4 Detalhes da Capela Rosslyn

A Capela Rosslyn está “empoleirada” à beira do abismo e transmite a sensação de uma catedral em miniatura. Apresenta, em seu interior, amplo número de esculturas góticas e de enfeites com intrincados motivos florais, que sugerem que algo a mais seria criado ali. Passa a percepção de algo inacabado, porque sofrera a interrupção abrupta, como se simplesmente estivesse sido abandonada. E, na verdade, foi o que ocorreu.

Ela foi projetada para ser a “Lady Chapel” e por falta de proventos, foi abandonada. Encontramos, no interior da Capela, em sua porta ocidental, está entalhada a cabeça de um jovem, com um talho na têmpora direita, provavelmente se referindo ao jovem aprendiz assassinado.

No lado oposto, vê-se a cabeça de um homem com barba, provavelmente o Mestre assassino e à direita, está a cabeça de uma mulher, chamada de “Mãe viúva”. Fica claro assim, que o jovem aprendiz sem nome era um “Filho da Viúva”, conforme a terminologia maçônica.

Outros indícios nos levam a crer na correlação entre a capela Rosslyn, a Maçonaria e os Templários. A estrutura do prédio da capela é idêntica ao templo judeu de Herodes, que substituiu o famoso Templo de Salomão. O templo de Salomão é palco de uma lenda central para os maçons: “a morte

de Hiram Abiff⁵, o construtor assassinado por aprendizes invejosos”. Repleta de entalhes e esculturas, a capela Rosslyn possui em uma de suas colunas um mito correspondente à lenda maçônica: o Pilar do Aprendiz.

No entanto, talvez a mais intrigante escultura seja a que veremos abaixo (Figura 08). Nela, teoricamente, podemos ver um candidato sendo iniciado. Há uma corda em torno do pescoço do candidato e uma venda que lhe oculta os olhos. Quem o segura, logo atrás, aparece com uma Cruz Templária no peito.

Figura 08 - Indícios de correlação entre Capela Rosslyn, Maçonaria e Templários



Fonte: SEGREDOS DA CAPELA ROSSLYN, 2010.

As confluências entre essa imagem e o ritual moderno de Iniciação da Maçonaria especulativa são, no mínimo, intrigantes. Esse enigma construído em pedra parece tornar-se ainda mais nebuloso à medida que nos debruçamos sobre ele como a seguir:

⁵ Para a Maçonaria, representante abstrato da ideia de um homem trabalhando no Templo da humanidade, cavando masmorras ao vício e construindo catedrais à virtude - “O Arquiteto”, o pedreiro que construiu o Templo de Salomão.

Figura 09 - Indícios de correlação entre Capela Rosslyn, Maçonaria e Templários



Fonte: SEGREDOS DA CAPELA ROSSLYN, 2010.

Essa Figura 09 sugere, através de suas imagens e alegorias, que os Templários tiveram relação com sua construção 150 anos após terem sido extintos. Ao mesmo tempo, alimentam a ideia de que a Maçonaria fez representar ali seus símbolos e sua suposta ligação com os Pobres Cavaleiros de Cristo 250 anos antes de sua fundação formal.

7.5 O Interior da Capela Rosslyn

Os mistérios e encantos da Capela Rosslyn são retratados pelos autores do livro *O Templo e a Loja*:

O interior da capela é uma “febrenta” alucinação em pedra, uma luxuriante explosão de imagens esculpidas e formações geométricas empilhadas uma sobre as outras, literalmente entrelaçando-se e se sobrepondo uma sobre as outras. São abundantes os temas que viriam a ser os da Francomaçonomia. A pessoa se sente como se estivesse em lugar semelhante a um compêndio petrificado de mistério (BAIGENT; LEIGH, 2013).

As anotações maçônicas da capela e o seu simbolismo não podem ser classificados como mera coincidência, pois ela foi construída pela família que, mais do que qualquer outra na Grã-Bretanha, ficou associada à Francomaçonomia, os Saint-Clair ou como são agora conhecidos, os Sinclair.

A importância dos Saint-Clair para a Maçonaria

As pesquisas indicam que Saint-Clair nasceu por volta de 1329 e era descendente das casas francesas de Chaumont, Gisors e Saint-Clair-sur-Epte. De acordo com as genealogias contidas nos Documentos do Monastério, seu avô era casado com a tia de Jeanne de Bar. Essa relação é tênue, entretanto, parece sugerir que a posição de Grão-Mestre ainda circulava exclusivamente no interior de uma rede de famílias interligadas.

A Capela de Rosslyn constitui a parte construída de um ambicioso programa arquitetônico financiado por Sir William Saint-Clair, Príncipe das Orkney (1396-1484). Sir William tencionava construir uma monumental colegiada, sendo que a documentação da mesma época dá conta que “*Willelmus de Sancto-Claro est in fabricando sumptuosam structuram apud Roslyn*”¹ .

Segundo as crônicas, Sir William Saint-Clair teria contratado mestres pedreiros de toda a Europa. Não conseguiu, todavia, atingir os seus intentos² e desta grande igreja ficaram construídas, apenas, a capela-mor e as abas da parede nascente do transepto.

8.1 Introdução

A família Saint-Clair (Sinclair) foi participante ativa por várias gerações na formação e manutenção da Guarda Escocesa. William Sinclair foi Bispo de Dunkeld e um dos cinco líderes eclesiásticos a se unirem a Bruce, em sua causa. Seu sobrinho e xará foi um dos melhores amigos de Bruce

¹ “William de Saint-Clair está construindo suntuosa estrutura em Roslyn”.

² A capela foi terminada pelo seu filho e sucessor Oliver Saint-Clair, nos anos imediatos à morte de Sir William.

e quando este morreu (1329), foi ele, junto com Sir James Douglas, que partiu para a Terra Santa, levando o seu coração.

Apesar de outras atividades, como a marítima, o que alia Sir William Sinclair à maçonaria, é a arquitetura, pois sob o seu comando (1446) foram iniciados os trabalhos de construção da Capela de Rosslyn. Em 1450, a estrutura foi dedicada a São Mateus.

O filho de William Sinclair, Oliver, foi quem concluiu a construção da capela, quarenta anos depois. Os Sinclair estavam no coração dos negócios da Escócia entre os séculos XV e XVI e conviviam com a alta corte. Dentre os membros deste clã, devemos destacar Henry Sinclair, que em 1541 foi nomeado Abade de Kilwinning e que, mais tarde, figurou como um dos mais influentes nomes da Francomaçonomia.

8.2 A Construção da Capela

Sir William Sinclair trouxe do continente, para a construção do templo, vários pedreiros e artesãos, o que parece ter sido a razão do surgimento da vila de Rosslyn. Devido a sua importância, Sir William Sinclair foi nomeado em 1441, pelo Rei James II, da Escócia, Patrono e Protetor dos Maçons Escoceses, não por influência, mas por competência.

Aqui vale ressaltar que, o termo Maçonaria, nessa época, se referia às Guildas de Pedreiros (maçons), não impondo qualquer relação com a Francomaçonomia, que surgiu um pouco mais tarde. Essa que foi chamada, mais tarde, de Maçonaria Operativa.

Durante a construção da capela, em 1475, os pedreiros de Edimburgo receberam o certificado de incorporação como Guilda. É importante salientar que a família Sinclair sempre esteve envolvida com a Arquitetura e, obviamente, com as Guildas de Pedreiros, tanto que foram declarados patronos e protetores hereditários dos pedreiros.

Em 1602, foi lavrado o “Estatuto de Saint-Clair”, o qual vinha com a assinatura de representantes de Lojas já existentes em Edimburgo, Dunfermline, St. Andrews e Haddington.

Assim, no início do século XVII, fica clara a afinidade dos Sinclair com a arquitetura e afins e com a Maçonaria Operativa (Guildas de Pedreiros). Então, a Maçonaria já havia adquirido prestígio e tendia a crescer; a associação de seu nome aos Sinclair lhe infundiu um prestígio maior, aproximando-a das elites e favorecendo o surgimento da Francomaçonomia.

Em 1658, John Mylne, Mestre da Loja³ em Scone por vontade do próprio Rei, iniciou James VI, Rei da Escócia, como *frieman meason e fellow craft*.⁴ No entanto, nem este ato tão relevante foi capaz de obscurecer o lugar de maior destaque destinado aos Sinclair.

8.3 Os Sinclair e os Ciganos

A legislação escocesa contra os ciganos era muito severa e ficou pior ainda após a Reforma Protestante. Em 1574, o Parlamento Escocês determinou que todo o cigano que fosse preso deveria ser açoitado, marcado a ferro na orelha ou ter a orelha direita cortada. Com a nova Legislação (1616), ainda mais dura, os ciganos estavam sendo deportados em massa para a América.

Os ciganos tinham como uma de suas tradições realizar períodos de apresentação de peças teatrais, entre os meses de maio e junho. Como uma de suas peças preferidas era sobre Robin Hood, que traduzia uma crítica aos maus governantes, tiveram a representação de suas peças proibidas e, provavelmente, esse tenha sido um dos principais motivos de sua deportação para as Américas.

3 Venerável Mestre também apresenta a denominação de Cavaleiro do Oriente (MASIL, 1986).

4 Razão do homem livre e Companheiro.

William Sinclair adotou para si a defesa dos ciganos, autoproclamando-se patrono e protetor dos ciganos, permitindo que eles acampassem periodicamente nas proximidades da Capela de Rosslyn (maio e junho), quando representavam suas peças teatrais proibidas de serem apresentadas nas cidades.

Essa proximidade íntima dos Sinclair com os ciganos e todo o misticismo que eles traziam, provavelmente, foi um dos fatores que transformaram a Maçonaria em uma instituição mística, pois os primeiros Maçons se diziam portadores o poder⁵ da intuição e da premonição, algo que era próprio dos ciganos. Porém, os Sinclair sempre os protegeram e permitiam que eles se abrigassem em suas terras, próximo a Rosslyn, onde representavam suas peças.

Este fato, o de termos o poder da intuição e da premonição, apesar de sabermos que não é uma verdade, ficou reforçado por um poema escrito por Adamson de Perth, em 1638, com o título de *The Muses Threnodie*, no qual consta a seguinte estrofe:

Por sermos irmãos Rosa-Cruzes:
Nós temos a palavra do maçom, e premonição,
Coisas que estão por vir, podemos sim prever (PERTH, 1638).

Esse poema é a primeira manifestação conhecida de que os Franco-maçons eram dotados de “poderes ocultos”. Sabemos hoje que estes “poderes” eram atribuídos aos ciganos e que foram associados à Maçonaria devida a essa ligação deles, com os Sinclair.

Com esta união com os ciganos e suas representações teatrais, os Sinclair instituíram uma ligação entre os Templários e o antigo reino Celta da Escócia, que o Rei Bruce tentou restaurar.

⁵ Poder significa a capacidade do homem em controlar os efeitos de suas ações (MORIN, 2007).

Assim, a construção da capela de Rosslyn proporcionou uma íntima integração entre os Sinclair, as Guildas de Pedreiros que a construíram e os ciganos com seus mistérios. Esse convívio proporcionou uma fusão de elementos que muito influenciaram na futura aglutinação da Francomaçonomia.

A origem da lenda da construção do templo do Rei Salomão

O Templo do rei Salomão foi o primeiro construído pelos israelitas para honrar seu Deus. De acordo com a Bíblia, o Templo foi construído com blocos de pedra extraídos magistralmente, com um telhado e interior revestido com pranchas de madeira luxuosas.

Figura 10 - O Templo de Salomão



Fonte: BANDEIRA, 2018

O Templo de Salomão ocupa uma posição de destaque na Simbologia Maçônica, tratando-se de uma das maiores fontes de símbolos, alegorias, lendas e ensinamentos maçônicos. É mencionado nas mais antigas tradições dos operários da Idade Média e integra os mais poéticos temas dos maçons especulativos da atualidade. De todo este simbolismo, é possível

extrair as mais diversas mensagens tanto na vertente anglo-saxônica (o mundo cultural de Língua Inglesa) como na vertente latina (o mundo cultural francês), nos diversos ritos e graus. A formação dos novos Maçons (Aprendizes) apoia-se fortemente na utilização destes símbolos, alegorias, lendas e mitos.

A tradição maçônica revela sobre o Templo de Salomão que “[...] os israelitas ao deixarem o Egito, formaram um Reino de Maçons”; e que “[...] sob a chefia de seu Grão-Mestre Moisés reuniam-se frequentemente em Loja regular, enquanto estavam no deserto” (HORNE, 1997).

Segundo Anderson (1982), “Páginas da história lendária de nossa sublime Ordem que podem ser encontradas nas velhas lições transmitidas por antigos documentos de maçons operários, reunidos para seu exame e síntese”. As Obrigações eram lidas na cerimônia de ingresso de um aprendiz na loja medieval, para que o novo membro aprendesse a história da arte de construir e da associação que o recebia. Inteirava-se das regras de bom comportamento e das exigências morais que deveria respeitar. Anderson (1982) afirma que, de algum modo, esses antigos documentos tinham uma finalidade análoga à das nossas atuais Cartas Constitutivas, emprestando regularidade à loja.

Os antigos catecismos maçônicos do Século XVIII, segundo Bandeira (2018), também se referiam com frequência à construção do Templo de Salomão que integra tradições anteriores à Grande Loja de Londres (1717). Se os manuscritos não são conhecidos, centenas de velhos outros pergaminhos sobreviveram, foram encontrados, guardados e interpretados, constituindo uma fonte das mais autênticas para a história da nossa sublime Ordem.

Nesses Antigos Deveres já se falava na construção do Templo de Salomão pelos maçons, embora a História trate esses documentos com reserva, uma vez que foram escritos por religiosos medievais, devotados a

Deus fervorosamente, mas desprovidos de crítica histórica. Esses monges cristãos transmitiram essas lições a operários iletrados e tais documentos foram sendo copiados, recopiados etc. Era a visão de uma época que desconhecia da História (BANDEIRA, 2018).

9.1 A Capela Rosslyn e os Ciganos

A Capela Rosslyn ou Capela Colegiada de São Mateus, no seu nome original. Na Idade Média, os Sinclair usavam a capela para celebrações pagãs e para dar abrigo a ciganos. Diz a lenda que ela foi construída pelos **Cavaleiros Templários** para proteger o **Santo Graal**, que, como se diz, está sob a rosa. Rosslyn é a linha *rosa original*.

O fato de os Sinclair tomarem a iniciativa de construírem uma capela cristã é, no mínimo, curioso. Sabe-se que, na Idade Média, as atividades dos Sinclair eram de promover celebrações ditas na época “pagãs”, assim como proporcionar acampamento seguro aos ciganos que eram perseguidos pelas autoridades.

O povo cigano é conhecido por cultuar Santa Sara Kali e o Santo Graal, assunto muito ligado à fuga de Maria Madalena de Jerusalém. Os ciganos participavam do Festival de Teatro. Muitos pesquisadores acreditavam haver uma “Virgem Negra” na cripta da Capela de Rosslyn. Se tudo isso forma uma mensagem secreta, ninguém sabe ao certo. Mas é fato que nada está ali por acaso.

9.2 O Festival de Teatro e a Evolução da Lenda

Não eram apenas os ciganos que participavam do Festival de Teatro. Havia outras instituições como grupos religiosos e membros das mais variadas Guildas de trabalhadores. Como as peças que representavam a ação de Robin Hood foram proibidas, outras representações foram sendo criadas, impedindo que essa cultura morresse. Do campo, os festivais se

transferiram para as cidades. Passaram a ser apresentadas peças de mistério ou suspense, tendo esse novo costume se iniciado no século XII, tendo seu apogeu nos séculos XIV e XV. Eram peças derivadas, principalmente, de partes da missa ou de fontes litúrgicas.

Era uma mistura de drama e de pompa e buscavam envolver toda a população dos locais de apresentação em seus contextos. Eram representadas recriações de passagens bíblicas como o assassinato de Abel, Noé e sua arca, a natividade de Jesus e, até mesmo, sua crucificação. Deus e Jesus apareciam sempre como os representantes do bem. O diabo¹ era representado conforme a descrição dos textos bíblicos ou na forma de um palhaço; e sempre era devidamente castigado por representar o mal. As apresentações eram feitas sobre enormes carroças enfeitadas, como os nossos atuais carros alegóricos, colocados em pontos fixos da cidade, permitindo o rodízio da plateia.

Aqui começa a relação com o surgimento da lenda da construção do Templo de Salomão: os atores de cada cena eram membros de uma determinada Guilda Profissional cujo tema era fixo para cada uma delas, ou seja, esta continuidade permitia que cada Guilda estudasse e evoluísse em sua performance.

Acredita-se que, por serem construtores, as Guildas de Pedreiros reivindicaram para si, a representação da construção do Templo do Rei Salomão e como a Bíblia é pobre e insuficiente sobre o tema, referindo-se a ele apenas em Reis I e Crônicas II, supõe-se que, toda a história que conhecemos hoje, tenha sido criada e desenvolvida pelas Guildas de Pedreiros e, posteriormente, incorporada pela Francomaçoneria.

Sabe-se que o maçom é mestre na arte de compor oposições e não despreza o repositório inesgotável de ensinamentos velados por alegorias

¹ Diabo advém de *Diabolus*, isto é, aquele que separa e exclui; o caluniador (MORIN, 2007).

que nos proporciona a história (ou a lenda) da construção do Templo do Rei Salomão. Não ignora a tradição dos maçons operários e não nega a tradição bíblica somente porque a Arqueologia ainda não obteve provas irrefutáveis por insuficiência de escavações arqueológicas (BOUCHER, 1993).

No entanto, os maçons não tentaram reconstruir materialmente o Templo de Salomão, uma vez que ele “[...] é o símbolo de um ideal jamais terminado, onde cada maçom é uma pedra, preparada sem machado nem martelo no silêncio da meditação” (BOUCHER, 1993).

A análise de Boucher (1993) conclui que “para elevar-se, é necessário que o obreiro suba por uma escada em caracol, símbolo inequívoco da reflexão”. O Templo tem por materiais construtivos a pedra (estabilidade), a madeira do cedro (vitalidade) e o ouro (espiritualidade).

A maçonaria e a francomaçonomia

Um dos problemas é que os próprios francomaçons sempre procuraram uma única herança coerente, um único fio da meada que ligue a tradição dos tempos pré-cristãos ao presente. Na verdade, a Francomaçonomia mais parece um novelo de lã emaranhado por um gato brincalhão.

Baigent, Leigh

2013, p. 149

10.1 Bases Históricas da História da Maçonaria

Ao tomarmos como marco histórico do início da Maçonaria, a fundação da Grande Loja de Londres, em 24 de junho de 1717, já deixamos bem claro que esta **não** é a data de seu início, pois se quatro Lojas se uniram, é porque estas lojas já existiam previamente, o que comprova que a História da Maçonaria não se inicia nesse ponto temporal. A fundação da Grande Loja de Londres é fundamental na organização da Maçonaria como instituição, mas não para a sua história pregressa.

A origem do termo “Maçonaria” pode não estar ligada exclusivamente ao termo “maçom”, pedreiro em francês, até porque a Maçonaria surgiu antes na Escócia e/ou Inglaterra, do que na França e, mais remotamente ainda, na Roma antiga.

Os autores clássicos citam a existência de sete Artes: Gramática, Retórica, Lógica, Música e Astronomia; eles equiparavam o termo Maçonaria ao termo Astrologia, do inglês arcaico *massourie*. Consideravam também que a Geometria seria a base dessas Ciências, sendo, portanto, a mais nobre de todas e passando a associar Maçonaria e a Geometria como palavras sinônimas.

Outra origem, também citada, é a do povo Franco. Francos era uma das tribos germânicas, que invadiram parte do Império Romano, a partir de Frisa, e estabeleceram um reino duradouro na área que cobre hoje parte da França e da Francônia, na Alemanha. Foram sementes históricas dos países acima citados.

Existem poucos registros históricos sobre este período. O “Reino Franco” ainda hoje é citado, tanto pelos alemães (Frankreich) como pelos holandeses (Frankrijk)¹. A Alemanha é um dos locais onde a Maçonaria se desenvolveu em seus primórdios e, com certeza, antes do que na França.

Uma nova hipótese mais recente parece trazer um esclarecimento mais científico para o termo *freemason*, termo que significava Franc-Maçom em francês, e em português significa pedreiro livre ou “talhador de pedra”. Um estudo realizado sobre a palavra *free*, que na época, tinha dois sentidos, um jurídico, que dizia respeito à liberdade pessoal do pedreiro livre frente aos municípios e incorporações e outro, um sentido técnico que hoje é o mais valorizado.

Ao avaliarem melhor a palavra *freemason*, os pesquisadores concluíram que ela nada mais era do que a contração do termo *freestone mason*, que era o talhador categorizado, capaz de talhar uma qualidade de pedra muito fina chamada *freestone*, traduzida como pedra franca ou pedra livre. Existia também o termo *rougt mason*, que definia o talhador menos especializado que talhava a pedra grosseira. Assim, *freemason* seria o maçom operativo, artífice e artista, a quem devemos a construção de verdadeiras joias incomparáveis, que são as catedrais góticas.

A História da Maçonaria está envolta das mais variadas possibilidades de origem, algumas baseadas em fatos reais e concretos, e outras em

¹ Hoje em dia, os nomes alemão e holandês para a França são Frankreich e Frankrijk, respectivamente, ambos significando “Reino dos Francos”.

lendas criativas, que misturam personagens e datas sem nexo temporal, mais confundindo do que esclarecendo.

Como exemplo, citamos o relato da construção da Torre de Babel (Gênesis 11: 1-9). Para os seguidores dessa linha, o fato de que Maçom significa pedreiro, e a construção da torre seria edificada com tijolos, confirma que a Maçonaria já existiria como instituição desde então. Porém, não temos nenhum documento ou sequer citação sobre essa possibilidade na vasta literatura maçônica e não maçônica. Mesmo sem uma comprovação concreta, essa “lenda” passa a ser importante para um próximo subtítulo, por isso, a opção por colocá-la mais detalhadamente.

Segundo a lenda descrita nos manuscritos antigos ou góticos, existia um rei chamado Lamecch, o qual tinha dois filhos com a esposa Ada, Jabal e Jubal; e um filho e uma filha com a esposa Zilla, Tubal e Naamah. Jabal teria criado a Geometria; Jubal, a Música, Tubal Cain seria o instrutor dos artífices em bronze e ferro e Naamah teria criado a Tecelagem. Achando que suas descobertas seriam pecados, resolveram escrevê-las em duas colunas para escondê-las de Deus. E assim o fizeram. Escreveram em uma coluna de mármore, para resistir ao fogo e em uma coluna de pedra alternez, que não afundaria na água, pois acreditavam que o mundo acabaria ou em fogo ou em uma enchente e, caso isto acontecesse, pelo menos uma delas sobreviveria.

Veio o grande dilúvio e somente muitos anos depois um dos pilares teria sido descoberto pelo “Grande Hemário”, bisneto de Noé, também conhecido por Hermes Trimegisto. Foi a partir deste pilar que ele teria ensinado todas as ciências aos homens. O conhecimento da Maçonaria/Geometria foi, então, difundido para outras áreas. Esses conhecimentos teriam sido usados na tentativa da construção da Torre de Babel.

² Intervalada, intercalada, interpolada.

Ham, filho de Noé, gerou Nimrod, Rei muito poderoso e que teria iniciado a construção da Torre de Babel; ele ensinou aos operários o ofício de maçom e teve sob seu comando 40 mil maçons. Ashur, Rei de Nínive, pediu a Nimrud que lhe enviasse maçons para a construção da cidade. Nimrud enviou 3.000 maçons, mas lhes deu algumas recomendações como “Sede verdadeiro com seu Senhor, trabalhai o vosso ofício honestamente, recebei um pagamento justo, amai-vos como irmãos, o mais capacitado deve instruir os outros e sede cuidadosos com vossas condutas” (BANDEIRA, 2018). Assim, o ofício da Maçonaria teria sido inicialmente instituído e tido como uma Ciência.

Segundo a evolução da História, o estágio seguinte de seu desenvolvimento, teria ocorrido no Egito, pois Abrão e sua esposa Sara teriam ido e ensinado as sete Ciências aos egípcios, através de um seguidor chamado Euclides (BANDEIRA, 2018).

Euclides, buscando solucionar um problema que assolava o Egito, propôs ao Rei ensinar para as crianças uma das sete artes. O Rei e seu conselho emitiram então um “selo”, o qual permitia que ele ensinasse aos filhos dos Senhores egípcios, a Ciência da Geometria na prática, para poderem trabalhar na pedra, em todas as formas de obras. Ele aproveitou a oportunidade para aprimorar seus conhecimentos nesta Arte.

Nessa “escola”, os maçons deviam chamar-se de irmãos ou companheiros e, jamais, por qualquer palavra com um sentido pejorativo. Deveriam trabalhar para os seus mestres de forma honesta e deveriam escolher, para mestres de obras, o mais sábio dentre eles. Deveriam também reunir-se uma vez por ano para legislar a Arte e corrigirem suas falhas.

Ainda, segundo a História, o Rei Davi gostava muito dos maçons e lhes impunha deveres, seguindo as instruções de Euclides. O Rei Davi projetou a construção de um templo em Jerusalém, o qual foi construído pelo

seu filho, o Rei Salomão. Os maçons que trabalharam nesta obra, teriam difundido a arte para todas as regiões, tendo chegado então a França e a Europa (BANDEIRA, 2018).

Estas lendas, cheias de dados religiosos, eram usadas para dar credibilidade aos ensinamentos ministrados ao iniciando. Além disso, essas lendas tinham como objetivo mostrar a antiguidade da Ordem e a origem “real” dos deveres a serem cumpridos.

Os historiadores que investigam a História da Maçonaria, normalmente, seguem duas linhas distintas e já bem definidas: os que se baseiam em dados reais, confirmados através da documentação crível e acessível ainda nos dias atuais; e os historiadores que, ao se depararem com as lacunas e lapsos históricos, usam de suas imaginações e criatividade de pensamento para preenchê-los, criando assim, as mais variadas teorias complementares, algumas esdrúxulas e de comprovação impossível (BANDEIRA, 2018). Knopp e Jones (1947), pesquisadores da Maçonaria (1946), dizem que o dever do historiador maçônico é:

[...] buscar fatos e verificar conclusões, e não preencher lacunas com o perigoso argumento da analogia [...] Ou o igualmente perigoso exercício da imaginação [...] Sem dúvida, há muitas lacunas na História da Maçonaria, mas preenchê-las, não com a busca séria de novos fatos e sim com o uso da imaginação, é reverter para um tratamento mítico ou imaginativo do tema (KNOPP; JONES, 1947 apud BANDEIRA, 2018).

Por uma questão de escolha, optamos em basear nosso livro, seguindo a primeira linha, a de evidências concretas, pois acreditamos que, ao se usar o imaginário, estaríamos propensos a colocarmos nos textos, impressões pessoais de fatos históricos incompletos, o que pode desvirtuar o sentido real desses fatos, pois deduções pessoais podem ser muito tendenciosas e influenciar a que distorcemos nossas conclusões.

A História da Maçonaria é muito negligenciada e até desconsiderada pela maioria dos historiadores, mas Knopp e Jones (1947) entendem de maneira diferente:

Embora seja costume considerar a história maçônica algo inteiramente separado da história comum, que exige e justifica um tratamento especial, nós a vemos como um ramo da história social, o estudo de uma instituição social específica e da ideias subjacentes a essa instituição, que merece ser investigado e escrito da mesma maneira que a história de outras instituições sociais.

Vemos assim, que a História da Maçonaria deveria ser mais bem valorizada e estudada pelas instituições de ensino, pois queiram ou não, ela participou, na maioria das vezes, como principal agente, de todas as grandes mudanças do mundo moderno. Boa parte deste desconhecimento e até certo “descaso” com a Maçonaria pelos não maçons, tem como base de culpa a própria instituição que, fechada em seus mistérios, se torna quase que impenetrável a esta parte da população.

Nós mesmos, maçons, buscamos nos basear em balaústres³ ou cartas constitutivas, não dando importância aos vários documentos fidedignos que demonstram a existência de Lojas Maçônicas anteriores a 1717. Se a fundação da Grande Loja de Londres é um marco na História da Maçonaria, a partir do qual, as lojas começaram a registrar suas reuniões em balaústres e esses documentos devidamente arquivados para que a eles tivéssemos acesso, veremos que outros documentos anteriores a essa data existem e são confiáveis.

Às vezes, o acaso nos coloca nas mãos aquilo de que precisamos e, em um desses acasos, encontramos o livro *O Templo e a Loja: o surgimento da Maçonaria e a herança Templária*, de autoria de Michel Baigent e

³ O registro chamado balaústre é o histórico da Loja, aquilo que a sustenta. O Irmão Secretário não o escreve, ele *lavra* o balaústre (SARMENTO, 2016).

Richard Leigh (2013), jornalistas ingleses, **não maçons** que, curiosos pela importância que a Maçonaria tinha nas discussões em todos os ambientes, resolveram investigá-la. Foram, portanto, a fundo. Não só tiveram em mãos todos os documentos que citam, como foram a todos os locais de investigação e não satisfeitos, entrevistaram vários descendentes de maçons famosos. O livro contém nove páginas de bibliografia, o que, por si só, lhe confere credibilidade.

O livro *As origens da Maçonaria: O século da Escócia (1590-1710)*, de David Stevenson, também pesquisador não maçom, buscou confirmação concreta das colocações do autor. É por esses motivos, que este capítulo tem, como Literatura de base, estas duas obras.

Fundamentalmente, existiam duas “maçonarias” distintas, a Operativa, que só possuía em seus quadros pessoas do ramo da construção e a Especulativa, que aceitava em seus quadros pessoas que não eram “pedreiros”.

Não está definida uma data onde a Operativa se transformou em Especulativa antes de 1666, mas a Operativa se origina de uma associação chamada Guilda de Pedreiros, como se verá a seguir.

10.2 Dos Collegia às Guildas

Nenhuma História da Maçonaria seria completa sem citar os *Collegia Fabrorum* entre suas fontes de influência. É evidente que existem consideráveis diferenças entre aquelas associações e as Lojas Maçônicas atuais e mesmo como funcionavam na Idade Média e início da Idade Moderna.

Figura 11 - Os Collegia Fabrorum



Fonte: ANASTACIO, 2011.

Os *Collegia Fabrorum* eram entidades com estruturas administrativas bem definidas e organizadas. Praticamente, todas as organizações desse tipo tinham a sua cúria. Nela havia um magistrado, ou curador (*praesidis*), o qual era eleito entre os membros do colegiado conforme os critérios definidos pelos seus estatutos (ANATALINO, 2011).

Colégio (*Collegium*; pl. *collegia*) era uma **corporação** pública ou privada e dotada de **personalidade jurídica**. Os colegiados tinham diferentes funções, como de **guildas**, **clubes** sociais ou sociedades funerárias; na prática, em Roma, eles eram grupos organizados de negócios locais e até criminosos, que regiam as atividades mercantis (e criminais) em uma dada região ou bairro.

10.2.1 Introdução

Historicamente, e baseado em documentos confiáveis, foi possível retroceder das Guildas de Pedreiros até os *Collegia*, ou seja, a organização que vemos hoje na Maçonaria, deve muito à evolução da estrutura dos *collegia* para Guildas e das Guildas para a Maçonaria.

Portanto, conhecer os *collegia* é de suma importância para descobriremos a origem da Maçonaria, já que esta relação está devidamente documentada.

10.2.2 Collegium artificum ou fabrarum

Collegium era uma associação de, pelo menos, três pessoas, em torno de um propósito comum, o qual poderia ser de natureza religiosa, social ou comercial, organizada de acordo com a Lei. Cada *collegium* tinha seus próprios regulamentos, um local para reuniões chamado *schola* e existiram por toda a antiguidade, tendo o seu apogeu em Roma.

Os *collegia* romanos eram cópias dos *fratrias* gregos, que eram um conjunto de *irmãos*, oriundos da divisão de cada tribo ateniense (os romanos gostavam muito de “copiar” os gregos), que também se uniam por um objetivo comum. Apesar da existência dos *collegia*, não havia impedimento para um profissional exercer a sua profissão, sem pertencer a um deles.

Pelo seu caráter semirreligioso, muitas das oficinas eram abertas próximo a um templo, cuja divindade se tornava o patrono do *collegium* ou da arte. Quando o Cristianismo se tornou a religião do Império, os deuses romanos deram lugar aos santos cristãos.

10.2.3 Os principais collegia

Os *collegia* mais antigos eram em número de oito: o das peles (peleiteiros), dos sapateiros, dos carpinteiros (depois chamados de construtores quando da união com os pedreiros), dos ourives, dos ferreiros, dos oleiros, dos tintureiros e dos flautistas. Com o passar do tempo, outros foram surgindo, incluído os de cunho religioso e político. Mas nem todos os *Collegia Fabrorum* se ocupavam de assuntos religiosos.

Vemos que a grande maioria era organizada para tratar de assuntos profanos. Arte, profissões, interesses comerciais, políticos, sociais, tudo

era motivo para a fundação de um *collegium*. Era o que podemos chamar hoje de Organização Não Governamentais (ONGs), com seus estatutos próprios e suas regras de participação. Cada tipo de profissão tinha a sua, desde pescadores, advogados, padeiros, cozinheiros etc. (ANATALINO, 2011).

É interessante mencionar que uma fonte de financiamento dos *Collegia Fabrorum* era o mecenato. Raro era um *collegium* que não tinha um patrono. Geralmente, era uma pessoa de altas posses, homem ou mulher, que ofertava generosas somas de dinheiro em troca do poder de decisão sobre as atividades do grupo. Isso lhes granjeava poder político e não era raro encontrar um político à testa de um *collegium*.

10.2.4 A origem dos collegia

As referências bibliográficas nos mostram que a origem dos *collegia* remonta ao reinado do Imperador Numa Pompilius, segundo rei de Roma, que reinou entre 715 e 673 a.C. Foi ele quem primeiro deu forma e organização aos *collegia*, ao tentar criar uma identidade nacional, uma vez que Roma era habitada por povos de várias origens. Para tanto, criou uma religião comum a todos, dividiu a população em cúrias e tribos, sendo que cada uma delas continha mistura de cidadãos das mais variadas origens.

10.2.5 Semelhanças entre collegia e Maçonaria

Quando estudamos a forma e a organização dos *collegia*, conseguimos facilmente traçar uma analogia com as Lojas Maçônicas. A primeira regra era de que se fazia necessário um mínimo de três pessoas para instituir um *collegium* (*tres faciunt collegia*), especificação que acabou tornando-se uma máxima da Lei Civil romana. Na Maçonaria, faz referência a que três luzes comandam uma Loja.

Os *collegia* eram presididos pelo *Magister* (mestre), auxiliado por dois *decuriones*, com funções eram semelhantes às dos vigilantes, pois cada um presidia uma *sessão* do *collegia* (ou coluna) e pelos quais, as ordens do *magister* eram repassadas aos membros das colunas. Completavam a administração do *collegia*, o *scriba* (secretário), que redigia a ata, o *thesaurensis* (tesoureiro), o *tabularis* (arquivista) e o *sacerdote*. O capelão tinha objetivo de ajudar essas pessoas através de uma mensagem palavra inspiradora (conversas, palestra ou dinâmicas).

O *collegia* dividia-se em três graus: seniores, operários e aprendizes. Não se chamavam de irmãos, mas se viam como uma família.

10.2.6 Como funcionava um collegium

Como eram formados por um grupo de pessoas, os *collegia* já possuíam um sistema bem organizado para a admissão de um novo membro, que se iniciava com uma indicação, sua aceitação pelos membros efetivos e que culminava em uma Iniciação em sessões secretas. Uma vez iniciado, o novo membro passa a ser chamado de *cooptatus in collegium*, ou seja, “admitido e aceito” na fraternidade, o que corresponderia na Maçonaria a “livre e aceito”.

Os *collegia* já mantinham um fundo pecuniário para sua sustentação, bem como para a filantropia e para funerais dignos de seus membros e familiares. Tinham liberdade para elaborar suas próprias constituições, leis, regulamentos e estatutos. Eram reconhecidos pelo rei, que lhes autorizava o funcionamento (*collegium licite*). Se um *collegium* fosse criado e funcionasse sem a autorização legal, era considerado um *collegium illicito*.

Seus membros cultivavam o simbolismo através de seus instrumentos de trabalho, fato este que os tornou semelhantes às escolas de mistérios. Em sua estrutura organizacional, os *Collegia Fabrorum* copiavam, tanto quanto era possível, a organização hierárquica existente na

própria sociedade romana. Havia muitos graus de subordinação na escala hierárquica dos *Collegia*, que admitia tanto pessoas livres como escravas, desde que seus senhores dessem o seu consentimento para que participarem da organização. Lembremo-nos de que a maior parte dos serviços profissionais em Roma era prestado por escravos, os quais aprendiam seus ofícios e mantinham seus negócios com o patrocínio de seus senhores.

10.2.7 A importância dos membros dos *collegia* na difusão da arte do construtor

Por serem exímios construtores, tanto na pedra como na madeira, os membros dos *collegia* eram chamados, contratados ou até convocados, a acompanhar as legiões do exército em suas novas conquistas ou nas missões religiosas cristãs, com o objetivo de construírem, fortificações, casas, castelos e igrejas.

Os *collegia* foram levados para a Bretania pelos romanos e quando esta foi invadida pelos saxões, os bretões, os monges e os construtores se refugiaram na Irlanda e na Escócia, países estes, que em um curto espaço de tempo, passaram a concentrar quase todo o conhecimento religioso e da construção do norte da Europa.

Devido a tantas semelhanças, os *collegia* são considerados por vários autores, como a *incunábula* (incubadora) da Maçonaria, mesmo que eles não possuíam um sistema de ensino como havia na Maçonaria.

10.2.8 Os mestres comacinos⁴

Como vimos até aqui, o Império Romano organizou as artes em *collegia* que já começavam a serem chamadas de Guildas, que cada *collegium*

⁴ De acordo com a antiga tradição maçônica, membros do disperso Colégio Romano de Arquitetos fugiram para Comacina, uma ilha fortificada do lago de Como, no norte da Itália, onde resistiram durante vinte anos às incursões dos lombardos que tinham invadido o país. A partir desse centro, os comacinos, espalharam-se por toda a Europa Ocidental e Setentrional, a serviço dos governantes dos estados que nasceram após a queda do Império Romano do Ocidente (FADISTA, 2014).

ofertava um tipo específico de serviço, e que já possuíam estrutura interna muito bem organizada.

Quando o Império Romano no Ocidente caiu para os Bárbaros, no ano de 476, os *collegia*, em grande número, já tinham um cunho político, tendo sua estrutura destruída junto com a destruição das cidades. Poucos *collegia* sobreviveram em Roma e em Constantinopla.

Passa a ter importância para a História da Maçonaria, a sobrevivência do *collegium* de construtores e arquitetos, que permaneceu ativo na diocese de Como, na Lombardia, ao norte da Itália. Esta sobrevivência se deve, provavelmente, pela presença de grandes pedreiras na região e pelo alto desenvolvimento dos estados lombardos. O termo *magistri comacini* (Mestre Comacino) aparece pela primeira vez no código redigido pelo rei lombardo Rotharis (Édito de Rotharis).

Então, foram estes mestres construtores, que passaram a transmitir o conhecimento da Arte e a acompanhar os monges em missões evangelizadoras, com a função de construir suas casas e igrejas. Existem autores que defendem a hipótese de que, nesta época, existissem monges “maçons”.

Os Mestres Comacinos pertenciam ao *collegia*, os quais se transformaram (ou simplesmente trocaram de nome) em Guildas. Eles seriam o elo entre essas duas instituições, como conclui Leader Scott⁵, “[...] embora não exista prova certa de que os comacinos foram a fonte de onde nasceu a Maçonaria atual, deve-se admitir que, pelo menos, foram o elo entre os *collegia* e as Guildas medievais de maçons”.

As Guildas de Comacine foram tornadas livres e independentes das restrições medievais e receberam a liberdade para viajar à vontade, mas

⁵ A teoria Comacine foi trazida pela primeira vez à atenção do mundo maçônico de língua inglesa por uma mulher, Lucy Baxter que, escrevendo sob o pseudônimo de “Leader Scott”, publicou em 1899 um volume notável intitulado *Os Construtores de Catedrais: A história de uma grande sociedade maçônica*.

essa afirmação não foi confirmada nas Bulas Papais, Atos dos Reis Carolíngios. Esse acontecimento não foi confirmado, embora pesquisas realizadas em Roma muito antes de haver qualquer preconceito contra a Maçonaria. Os Comacines expandiram sua influência e atuação junto com outras corporações por convite e contrato, organizando lojas em novas cidades (HAYWOOD, 2020).

10.3 As Guildas de Pedreiros

Desde os tempos mais remotos, as classes profissionais procuram se agrupar em associações e/ou sindicatos, buscando a troca de conhecimentos, a proteção desses conhecimentos e, é claro, ganharem força como classe. Esses agrupamentos eram conhecidos por “Guildas”, existindo Guildas dos pedreiros, dos sapateiros etc. sendo então, a forma típica de Arte e Ofício de um determinado local, tendo como finalidades:

[...] controlar o ingresso de novos membros e supervisionar seus treinamentos para um ofício, cuidar da organização interna e das condições de trabalho, bem como participar das discussões sobre os salários, tinha funções de “previdência social”, ajudando os membros em dificuldade, providenciando sepultamentos decentes e dando apoio às viúvas e órfãos (HAYWOOD, 2020).

As Guildas realizavam banquetes regulares, enfatizando a solidariedade social. Era uma fraternidade formando uma espécie de família artificial, unidos não por sangue, mas por interesses comuns, reforçada por meio de juramentos e rituais. Por outro lado, a Guilda também era uma confraternidade ou irmandade religiosa que, normalmente, empregava um padre, tinha um altar em uma igreja local, dedicado ao santo padroeiro da Arte, em cujo dia eram celebradas missas especiais e realizadas procissões estilizadas.

No aspecto político, a Guilda era a instituição através da qual as autoridades tentavam regulamentar a Arte, ao mesmo tempo em que lhes davam uma identidade corporativa (*selo*), o que lhe permitia reter os direitos e privilégios do Ofício. Ao ofertar certa “liberdade”, buscavam mantê-la sob seu domínio através de incorporações, nas quais tentavam se impor para dominar as Guildas.

Para o artesão, a Guilda era uma instituição no centro da vida de cada um, não apenas no aspecto profissional, mas também porque a filiação a ela definia sua posição na sociedade e contribuía muito para dar forma e significado à vida dos membros.

A Guilda, uma instituição intensamente local, fazia parte da cidade (ou vila), e se preocupava com o bem-estar de sua Arte. A afiliação a uma Guilda era um privilégio guardado com ciúme, excluindo forasteiros, aos quais não permitiam que trabalhassem na jurisdição municipal.

Por que então, a Guilda dos Pedreiros se tornou tão importante a ponto de ser considerada a origem da Maçonaria?

A importância da *Guilda dos Pedreiros* não está apenas no significado da palavra pedreiro que significa maçom em francês, mas sim, pelo seu nível cultural, seu modo de agir e sua organização interna. Essa Guilda tinha como diferencial o fato de não considerar como membros apenas pedreiros como, por exemplo, as de sapateiros continham. Ela possuía também mestres de obras e arquitetos. Esse fato é que a tornava diferenciada, pois a Arquitetura era uma Arte que exigia extrema sabedoria, muito estudo e profundo conhecimento de outras áreas como Música, Filosofia, Matemática⁶, Geometria, entre outros. Além disso, estava em franca

⁶ Matemática surge com Pitágoras de Samos, filósofo Grego que explica o universo por meio da Metafísica. Para ele e seus seguidores, como Platão e Aristóteles, os números representam a harmonia por meio dos opostos (SABOYA, 2015).

evolução, devido às expressivas transformações do mundo e das guerras vividas na época.

Este modelo de Guilda, supervisionado pelas autoridades locais através das incorporações, formava uma estrutura incômoda ao ofício de pedreiro, levando a que os pedreiros criassem suas próprias guildas, que apesar de, teoricamente, ser submissa às autoridades do Burgo, do qual recebia um *selo de causa*, funcionava internamente de maneira independente. O primeiro selo de causa da incorporação dos maçons e artífices foi concedido aos maçons de Edimburgo (Escócia), em 1475.

Devido a esta diversidade de conhecimentos, as Guildas de Pedreiros se organizaram em graus, agrupando em cada grau, membros de conhecimentos semelhantes. Mas sua organização não ficava apenas nessa referida divisão em graus, elas também estabeleceram sinais e palavras que os identificavam. Como havia uma hierarquia, existia também um superior, que já era identificado como Grão-Mestre. As Guildas também ofereciam oportunidades de evolução aos seus membros, o que permitia a um membro subir de grau.

Ao ser admitido em uma Guilda, o maçom era tido como aprendiz e cabia à Guilda instruí-lo e, uma vez cumprido seu tempo, revelar-lhe questões das quais não tinha conhecimento, reconhecendo-o como um liberto. Caso no local não houvesse Guilda instituída, cabia ao mestre de uma Loja passar-lhe o conhecimento, após uma cerimônia de iniciação⁷.

Para que uma Guilda se formasse, era necessário o aval dos governantes, como o que ocorre com os sindicatos nos dias de hoje. Devido a esta “permissão”, podemos detectar a existência de Guildas de Pedreiros no final do Império Romano do Ocidente, o qual foi extinto no ano de 476.

⁷ Nesta cerimônia, o candidato passava por trotes e tinha que pagar uma “joia” a loja.

Referente à Maçonaria, é importante registrar que os pedreiros e arquitetos tinham também os seus collegia e gozavam de especiais favores e privilégios, pois se tratava de profissão que muito interessava ao Estado. O grande orador Cícero, em um de seus discursos, se refere à honorabilidade da arte da arquitetura e à nobreza dos seus praticantes. Devidos às exigências da época, as Guildas de Pedreiros (maçons) proliferaram, surgindo o termo “Maçonaria” para identificar este conjunto de guildas (ANATALINO, 2011).

Como a profissão de arquiteto era uma profissão elitizada, muitos nobres passaram a fazer parte de guildas. Não se sabe se esses nobres permitiram o ingresso de outros nobres não arquitetos nas Guildas de Pedreiros ou se copiaram seus pensamentos, ideias e organização para outras ordens já existentes, mas o que se observa desta união é que, de um momento em diante, surgiu o termo Francomaçonomia. Não existe uma data precisa para o surgimento desse termo, o que se observa é que as duas conviveram separadamente por certo período.

10.4 Como surgiu o Termo “Loja”

A Arte do maçom, quanto ao seu modo de vida, era bastante incomum, mesmo na Idade Média. Enquanto os profissionais das demais artes trabalhavam em locais fixos, produzindo e vendendo seus produtos aos visitantes ou a mercadores, os maçons estavam sujeitos a mudanças frequentes de seus locais de trabalho, conforme as obras por eles construídas iam sendo acabadas.

Quando a obra era volumosa, chegavam trabalhar nela centenas de operários (maçons), dos mais variados níveis de conhecimento da arte e que passavam a residir na cidade, ou na própria obra.

Este grande contingente de pessoas gerava um sério problema: como abrigar tanta gente? Quando a obra era grande e, conseqüentemente,

demorada, alguns vinham morar com suas famílias, principalmente aqueles de maior conhecimento. A grande maioria era de maçons itinerantes, que trabalhavam temporariamente em uma obra e depois buscavam novas oportunidades.

Foi a necessidade de abrigar esses maçons sem uma residência fixa, que se criou o costume de construir, junto a uma parede da obra em construção ou de um prédio já existente, um abrigo temporário ou então, era construído um galpão próximo à obra para abrigá-los. Essas construções, de caráter temporário, receberam a denominação de Lojas. Inicialmente, o objetivo dessas Lojas era meramente prático, mas posteriormente, evoluíram e passaram a se comportar como uma verdadeira Loja Maçônica.

Estas Lojas eram utilizadas como depósito de materiais e ferramentas e como abrigo da chuva ou do sol, permitindo que o maçom trabalhasse a pedra longe das intempéries. Logo, passaram a servir de “casa” a estes maçons temporários, permitindo que eles dormissem ali, comessem e descansassem, passando a Loja a ser o edifício no qual se centrava a vida da comunidade temporária de maçons.

Uma prova concreta do surgimento das Lojas em torno de uma obra é a capela de Mary, em Edimburgo. Em 1475, foi outorgado aos pedreiros de Edimburgo um certificado de incorporação como Guilda, com o objetivo de construir a capela de Mary (*Incorporation of Mary's Chapel*). Em seu redor foi criada uma loja maçônica, que passou a chamar-se *Lodge n^o 1*, também chamada de “Mary's Chapel”.

Aos poucos, as Lojas foram adquirindo a forma de instituições organizadas, desenvolvendo regras, as quais seus moradores deveriam seguir. Um grupo de maçons trabalhando juntos constituía uma Loja. Caso uma Loja viesse a ter uma vida longa (obra vultosa), ela poderia desenvolver tradições e costumes próprios, os quais seriam seguidos por seus obreiros.

Como em todo o agrupamento de pessoas, nas Lojas também começaram a ocorrer atritos e divergência entre seus membros, levando o Conselho do Burgo⁸ de Aberdeen, em 1493, a intervir nessas disputas, criando multas para ofensas e agressões, podendo chegar inclusive à expulsão do obreiro em litígio.

Em 1537, o significado da palavra Loja já havia se tornado complexo, pois dava ao ofício de maçom, uma espécie de organização, que satisfazia suas necessidades particulares.

Como em todo o agrupamento de profissionais de uma Arte, os maçons também queriam limitar a entrada ao Ofício a pessoas devidamente treinadas em seus “mistérios”, e em suas habilidades e técnicas. Tal conhecimento era secreto e cuidadosamente guardado de estranhos, tanto para o número (reserva de mercado?), como para manter a reputação da Arte.

De que modo reconhecer um novo membro como um verdadeiro maçom era outro problema frequente em uma Guilda (Loja). Assim, esse “maçom” passava a ser cuidadosamente observado pelos demais obreiros e caso se observasse que o mesmo não possuía habilidade na Arte, logo seria detectado e, provavelmente, excluído da Loja. Além dessa observação interna, representantes de Lojas próximas, mantinham reuniões periódicas com o objetivo de trocar informações, tanto técnicas, como sobre obreiros, assuntos variados, regulamentos da ordem (os Antigos Deveres⁹ falam em assembleias anuais) e determinação de salários.

⁸ Do latim *burgus*, que significa pequena fortaleza povoada, era na verdade uma divisão administrativa de vários países da Idade Média. Na verdade, era um pedaço de terra doado pelo Rei, seu dono tinha posse sobre tudo que sobre ele existia e era produzido, as pessoas trabalhavam para esse dono quase como escravos. O dono do burgo pagava uma cota ao Rei. Vem daí a origem do termo *burguês*.

⁹ Os Antigos Deveres eram documentos que esboçavam uma história da Maçonaria, traçando suas origens a uma raiz bíblica ou clássica, seguida por regulamentações da organização e as responsabilidades de seus diferentes graus.

Acredita-se que, além das características das Lojas acima descritas, elas também deviam ter cerimoniais e rituais ligados à celebração e à ênfase do *status* da Arte, realizando banquetes para fortalecer os vínculos entre os artesões irmãos, ao dar boas-vindas a visitantes e ao iniciar novos membros.

Quando um estranho ou maçom de outra obra aparecia na Loja, afirmando ser um maçom, era examinado provavelmente por algum teste prático ou perguntas padronizadas com respostas que constituem códigos de identificação ou senhas, como forma de cumprimento ou toques especiais.

Acreditam os historiadores que, a partir desta organização primária, as antigas Lojas evoluíram para o que hoje chamamos de Maçonaria.

10.5 A Palavra do Maçom e os Antigos Deveres (Old Charges)

Quando estudamos a História da Maçonaria, encontramos uma constante referência ao termo “*palavra do maçom*”. Muitas citações mostram o orgulho que as pessoas sentiam ao dizer “*eu tenho a palavra do maçom*” como uma forma de demonstrar que ele não era apenas um maçom, mas sim, que ele teria conhecimentos superiores e não permitidos aos não maçons.

Ao buscarmos pela palavra do maçom, observa-se que em momento algum ela é mencionada como se fosse uma palavra única, ou mesmo uma frase específica. Todos os indícios nos levam a pensar que a palavra do maçom não era uma “palavra”, mas um conjunto de conhecimentos, leis e regras, os quais constituem as bases da organização da instituição e seus ensinamentos. Provavelmente, este conjunto de instruções/regras, acabaram se transformando nos *Antigos Deveres*.

O item *Bases históricas da História da Maçonaria* se encerra descrevendo que o livro do Rei Edwin conteria os Antigos Deveres (Old Charges).

Essa história, certamente, é uma criação da imaginação dos antigos maçons e historiadores, mas podemos notar que os preceitos contidos nesse livro são os mesmos emitidos pelos antigos patronos da Arte.

Essas “novas edições” dos Antigos Deveres trazem mais detalhes quanto ao modo como os maçons deveriam tratar-se entre si, não tirando o trabalho do outro, não pagando mal aos companheiros, escolhendo apenas indivíduos aptos para aprendizes, respeitando confidências e segredos do ofício (não repetindo em público o que era dito em Loja ou na Câmara), reverenciando os mais velhos etc.

Os Antigos Deveres determinam que todo o mestre e companheiro maçom, em um raio de 80 km de onde se realizava uma Assembleia, era obrigado a frequentá-la, se dela tivesse conhecimento e a aceitar suas decisões. A Assembleia sempre se encerrava com a seguinte colocação, no Apêndice nº 7: “[...] estes deveres que agora ensaiamos com vocês, e todos os outros que pertencem à Maçonaria, devem ser seguidos; que Deus os abençoe e ao seu Halyone (Santo)”.

Existem fortes indícios do uso dos Antigos Deveres no fim da Idade Média, quando eles deviam ser lidos ou “recitados” nas reuniões, principalmente nas Iniciações, podendo até ser possível que isso ocorresse em todas as reuniões de maçons ligadas à Arte, nas Lojas, nas Guildas ou em outros locais.

Este costume teria feito com que a cultura da Arte fosse solenemente ensaiada. Se realmente este fato for verdadeiro, os maçons da época teriam ouvido essas narrativas inúmeras vezes no decorrer de suas vidas maçônicas. Essa mensagem levava o maçom a aprender o orgulho de sua Arte, a importância geral do conhecimento humano, sua antiguidade e quais grandes homens a tinham reverenciado e patrocinado.

A repetição da mensagem reforçava a autoestima do maçom, como herdeiro de uma grandiosa tradição e o unia aos seus companheiros, para

formarem uma organização de irmãos, com ideias comuns e um legado também comum a ser mantido.

Existe um número relativamente pequeno de cópias dos Antigos Deveres. As duas mais antigas, que diferem entre si (uma delas em versos), devem ter sido escritas por volta de 1400. Existem outras seis do século XVI e onze cópias do século XVII. Este pouco número de exemplares pode ter ocorrido pela perda ou pela deterioração deles ou porque até o fim do século XVI, os Antigos Deveres seriam considerados secretos e, por isso, deveriam ser memorizados e não registrados em papel. Somente no século XVII, após vinte cópias inglesas terem sido registradas, os textos escoceses começaram a sobreviver, sendo todos eles derivados dos ingleses.

Os Estatutos de Schaw¹⁰ nos dão motivos para acreditar que, pelo menos, os elementos essenciais dos Antigos Deveres já eram conhecidos na Escócia por volta de 1600. A partir desta data o que se observa, é uma disputa entre ingleses e escoceses para definir quem iniciou primeiro na Maçonaria.

10.6 Os Manuscritos Que Deram Origem aos Antigos Deveres e às Constituições Atuais. (Góticos ou Antigos)

Nossas constituições resultam da compilação e da evolução de vários manuscritos que visavam organizar e fortalecer a Guilda dos Construtores, bem como determinar a conduta do maçom dentro da guilda e frente à sociedade em que estavam inseridos. Entre o mais antigo e o mais moderno, existe um lapso de tempo de 1.100 anos com 129 manuscritos catalogados.

Há um grande número de manuscritos maçônicos historicamente importantes no desenvolvimento da **Maçonaria**, como os já citados *Old*

¹⁰ Os Estatutos Schaw eram considerados na Escócia com a mesma veneração que os ingleses demonstravam às suas Old Charges. Cada Loja escocesa possuía uma cópia desses estatutos que lhe serviam de referência e constituíam a autoridade sob a qual eram controlados os membros operativos.

Charges (ou *Antigos Deveres*) e *Constituições*, documentos que esboçavam uma História da Maçonaria, traçando suas origens de raiz bíblica ou clássica, seguida por regulamentações da organização e as responsabilidades de seus diferentes graus.

Os textos mais raros são antigas cópias manuscritas do ritual, mas oferecem um entendimento limitado dos primeiros ritos maçônicos. As atas das primeiras Lojas e **Grandes Lojas** vislumbram-nos as personalidades e eventos da Maçonaria em seus primórdios.

O *Pergaminho de Kirkwall* é um rolo de linho, pintada à mão, utilizado como tapeçaria, agora aos cuidados de uma Loja nas **Órcades**, embora seja objeto de controvérsias. Documentos operativos iniciais e as constituições impressas posteriormente são brevemente comentados. Faremos referência a alguns deles pela sua importância e resumiremos a coluna mestre que montava um arcabouço comum a todos eles.

10.6.1 A Carta de Bolonha

O mais antigo documento comprovadamente maçônico no mundo é conhecido como “Carta de Bolonha” e data de 1248. Entre eles, conserva-se uma “lista de matrícula” registrada em 1272, que contém 371 nomes de Mestres Maçons (*Maestri Muratori*), dos quais dois eram escrivães públicos, outros dois eram freis e seis eram nobres.

A Carta de Bolonha - conhecida como *Estatutos e regulamentos da sociedade dos maçons do muro e da madeira* - foi escrita e registrada em cartório em 1245. É composta por 61 artigos que tratam das sanções, eleições, prestações de contas, salários e retribuições, auxílio funeral, divisão de tarefas, comportamento em assembleias, contrato de aprendizes e contribuições pecuniárias, referentes a essa sociedade em específico.

10.6.2 Poema Regius ou Manuscrito de Halliwell

Ele consiste em 64 páginas de papel velino¹¹ escritas em dísticos rimados em Inglês Médio, diferindo da prosa de todos os outros *charges*. A poesia começa descrevendo como Euclides de Alexandria simulou a Geometria e a chamou de Maçonaria na nobreza no Antigo Egito. Reconta a divulgação da arte da Geometria em terras diversas. O documento relata como o Ofício da Maçonaria foi levado para a Inglaterra (924 a 939), período em que todos os maçons vieram ao Rei por sua boa governança. Conta como a nobreza e a aristocracia rural forjaram os quinze artigos e quinze tópicos de suas regras.

Seguem quinze artigos que diziam respeito tanto ao comportamento moral (não saquear os portos, não aceitar subornos, ir à igreja regularmente etc.) quanto ao trabalho em um canteiro de obras (não realizar seu trabalho de maçom à noite, ensinar os aprendizes de forma adequada, não aceitar trabalhos que você não possa realizar etc.). Há quinze tópicos para artesãos que seguem um padrão semelhante. Avisos de punição para aqueles que quebrarem os decretos são seguidos por previsões de assembleias anuais. Então, apresenta a lenda dos Quatro Mártires Coroados, uma série de aforismos morais, finalizando com uma bênção.

As origens do *Regius* são obscuras. O manuscrito foi registrado em vários inventários pessoais conforme passava de mão em mão até que chegou à posse da Biblioteca Real, a qual o doou para o Museu Britânico (1757) para formar o núcleo da Biblioteca Britânica atual. Graças ao bibliotecário David Casley o manuscrito chegou à Maçonaria como *um poema de deveres morais*.

¹¹ Do francês antigo *Vélin* (couro de vitelo) é tipo de pergaminho fino, liso e acetinado, preparado do couro de vitelo ou de abortos de fetos bovinos, era material de escrita manuscrita e impressões (páginas soltas, códices, livros). Devido ao seu alto valor, somente obras especiais ou de luxo eram escritas em velino.

Foi na sessão 1838-39 da *Royal Society* que James Halliwell, que não era maçom, emitiu um artigo sobre *A História Inicial da Maçonaria na Inglaterra*, baseado no Regius (1840). Análises modernas confirmaram a datação para o segundo quarto do século XV, e apontou sua composição como tendo sido feita na região de Shropshire.

10.6.3 Os manuscritos góticos

São manuscritos que trazem em seu conteúdo, as mesmas regras de funcionamento da sociedade (Guilda) dos construtores (Pedreiros), mostrando que, deste muito cedo, esta Guilda assumiu uma importância ímpar na sociedade de seu tempo. Demonstra, de maneira confiável, a evolução das regras internas das Guildas de Pedreiros, até as nossas atuais constituições.

Existem 127 manuscritos catalogados, sendo que 113 estão disponíveis para estudos no *British Museum* e na Biblioteca Maçônica de *West Yorkshire*. Para facilitar seus estudos, 105 deles foram divididos em oito famílias, baseados em suas semelhanças. Oito não conseguiram ser enquadrados em nenhuma das famílias e catorze só sabemos de suas existências por serem citados em algum dos outros manuscritos conhecidos.

O mais antigo deles é o Edito de Rothari, do ano de 643 e o mais recente é o Manuscrito de Essex, de 1750.

10.6.4 As Ordenações de Torgou

Citamos, em especial, este manuscrito, pois tratava de assunto específico, como o seu próprio título demonstra: *Ordenações de Torgou concernentes aos Veneráveis Mestres dos maçons do ofício, os vigilantes e os companheiros de ofício*. Foi redigida no ano de 1462, no distrito de Zwic-kau, Saxônia, Alemanha.

Os *Estatutos de Torgau* (1462) referem-se a uma festa solene de admissão, quando era permitido ao trabalhador o uso de sua marca, Que lhe era proibido gravar antes de ser examinado e aprovado pelo Mestre ou pelo Vigilante da Loja.

10.6.5 As fases dos manuscritos-padrão

Os manuscritos-padrão apresentam sete fases, as quais determinam a sequência dos trâmites a serem seguidos, considerando que “[...] os ritos e símbolos contribuem no processo de identidade e autodescoberta de seus participantes” (CARVALHO, 1993).

1. *Invocação*: sempre era feita uma invocação a Santíssima Trindade e em alguns manuscritos, à Virgem Maria.
2. *Anúncio do propósito*: por exemplo, iniciação.
3. *Lendas*: sempre eram lidas as lendas que originaram as leis.
4. *O modo do juramento*: sempre era recordado o modo como se deve fazer o juramento, principalmente se fosse uma iniciação.
5. *Advertência*: principalmente ao iniciando, era feita uma advertência clara da importância do juramento que ele iria prestar.
6. *Obrigações*: eram lidas as nove obrigações gerais e as vinte obrigações particulares. (Apêndice nº 7).
7. *Juramento*: e finalmente o juramento, conforme fórmula preestabelecida.

É evidente que os atos ritualísticos trazem uma ideia de representatividade para o grupo em que este é praticado, dando identidade e fortificando a cultura do local em que está inserido (TURNER, 1974). A relação ritual e simbólica de poder aos quais os ritos de passagem (seu instrumento de estudo) estão entranhados, não somente o chefe, mas também os neófitos, em muitos ritos de passagem, devem submeter-se a uma autoridade que nada mais é do que a comunidade total.

Essa comunidade é a depositária da gama completa de valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações. Seus representantes nos diversos ritos representam a autoridade genérica da tradição (TURNER, 1974).

10.7 Os Estatutos de Schaw

No século XVI, os grandes e importantes projetos arquitetônicos, ficavam sob o controle de um Mestre de Obras, o qual era responsável pelo setor administrativo e financeiro; e os cuidados técnicos ficavam na supervisão do Mestre Maçom ou Pedreiro Mestre.

William Schaw (1583) foi nomeado Grão-Mestre dos palácios, obras e reparações e grande supervisor, diretor e comandante (Guardião Geral dos Maçons), pelo Rei da Escócia, James IV (James I da Inglaterra) ficando a seus cuidados, tanto as obras, como os “obreiros”.

Ele tinha como grande paixão, a Arquitetura e apesar de ter vivido mais na corte do que nas obras, ele deixou um grande legado, que foi reorganizar a Arte do Maçom na Escócia, adotando uma nova estrutura e um novo significado, criando assim, a Maçonaria Livre.

Schaw elaborou dois Estatutos. O primeiro foi emitido em 28 de dezembro de 1598 (dia de São João Evangelista), determinando que eles eram “[...] os estatutos e ordenações a serem observadas por todos os Mestres Maçons neste reino” e tinha como pontos principais:

1. Continuar a obedecer a todos os Estatutos já existentes.
2. Ordenava que um inspetor da ordem fosse eleito anualmente pelos Mestres Maçons, o qual ficava encarregado de “todas as Lojas”.
3. Nenhum mestre poderia ter mais do que três aprendizes na vida, sem o consentimento dos inspetores, diáconos e Mestres Maçons do condado.
4. Os Aprendizes se comprometiam com seus Mestres por pelo menos sete anos.

5. O Mestre tinha que comunicar à Loja a efetuação do pagamento do salário de seu Aprendiz.
6. Nenhum Mestre ou Companheiro da arte poderia ser admitido em uma Loja até que pelo menos seis mestres (incluindo o inspetor) e dois aprendizes já admitidos estivessem presentes, e o candidato tinha que passar ainda por provas práticas.
7. Nenhum Mestre podia trabalhar ou deixar seu Aprendiz trabalhar com *cowans*¹²
8. Os aprendizes só poderiam trabalhar sob a permissão do inspetor ou do Mestre e em trabalhos pequenos.
9. Disputas entre Mestres eram resolvidas na própria Loja.
10. Quem estivesse ciente das assembleias ou das reuniões e não comparecesse, deveria pagar multa, além de ter que acatar as decisões nelas tomadas.

Schaw (1598) ainda publicou um segundo Estatuto que, apesar de ser bem mais minucioso, seguiu os mesmos parâmetros e diretrizes do primeiro. William Schaw foi quem, efetivamente, ordenou os Regulamentos da Maçonaria, apesar das inúmeras tentativas anteriores. A sua grande importância para a Maçonaria vem desse fato, pois ele forneceu aos maçons, um sistema de Lojas, por meio do qual, eles podiam organizar o lado operativo da arte, bem como os seus rituais misteriosos.

10.8 Maçonaria Operativa e Especulativa

O tema *Maçonaria Operativa e Especulativa* gera grandes discussões entre os historiadores: qual das duas maçonarias, a operativa ou a especulativa é a origem da Maçonaria como Instituição.

Hoje, vivencia-se uma Maçonaria que é exclusivamente especulativa, tendo como grande maioria de seus membros, maçons das mais variadas

¹² Pedreiro que, mesmo portador de habilidades, ainda não tinha sido iniciado na cultura misteriosa da Palavra do Maçom (sem a palavra). É o operário grosseiro que não possui o Mason's Word. Posteriormente, o vocábulo adquiriu o sentido de "profano".

profissões que nada têm a ver com a Arte que a originou, nem tampouco são debatido os direitos e os objetivos dos “antigos pedreiros”.

Simbolicamente, a Maçonaria moderna guarda laços com a Arte de origem, pois utiliza em seus ensinamentos, as regras e os utensílios dos pedreiros, mas com objetivo de que o maçom busque a construção e o aperfeiçoamento de seu Templo interior.

Partindo dessa premissa, fica fácil concluir que a Maçonaria verdadeira era a operativa e que a especulativa dela se originou, vindo, no decorrer do tempo, a adquirir características próprias, guardando da matriz apenas o simbolismo de seus instrumentos de trabalho.

A especialização dos pedreiros, os maçons, chegou a um ponto em que se fez necessário instituir Regras e Estatutos para regulamentar as relações de trabalho, dando obrigações e direitos tanto aos contratantes como aos contratados. Com este objetivo, foi criada (1356) a Guilda “Companhia dos Maçons de Londres”, considerada uma das ancestrais diretas da Maçonaria.

Depois de devidamente autorizada, seus associados passaram a ter direitos e vantagens como: trânsito livre, algo que nem todos tinham direito, liberdade de reuniões, algo também proibido pelo medo das conspirações e a isenção de impostos. É bem provável que esses benefícios adquiridos então, tenham chamado a atenção de não maçons, os quais passaram a querer fazer parte dela. Provavelmente, este seja o início da Maçonaria especulativa.

Para os historiadores, o termo Francomaçonomia não é citado antes do final do século XVII. Em 1666, um grande incêndio destruiu metade da Londres antiga e junto várias igrejas. Para a reconstrução destes prédios, foram contratados os serviços dos “maçons” das Guildas, exclusivamente operativos e mestres na Arte da Construção. O trabalho por eles realizado foi de um nível tão elevado, que logo eles adquiriram uma fama que até

então não possuíam, fazendo com que o termo Maçonaria, até então pouco conhecido, se tornasse muito popular e reconhecido.

Diante da fama repentina da Maçonaria operativa, uma outra Maçonaria se fez presente, reivindicando para si um “parentesco” com a agora famosa Maçonaria: a Francomaçonomia, chamando-os de “irmãos”.

Esse relato nos leva a pensar que a Francomaçonomia, apesar de ter sua origem na Maçonaria operativa, evoluiu e “esqueceu” a sua origem, uma vez que ela viveu um período completamente separada da Maçonaria, só vindo a decretar seu “parentesco”, quando a Maçonaria operativa ficou famosa.

Relatos mostram que, no final do século XVII, algumas lojas operativas da Escócia começaram a aceitar como membros, pessoas não operativas, os quais eram chamados de maçons não operativos, cavalheiros ou mestres maçons especulativos.

Esta distinção entre Lojas operativas e não operativa gerou e gera muitas discussões e especulações entre os historiadores maçons e não maçons, a ponto de concluírem que, embora a Francomaçonomia reconhecesse suas origens nas Guildas de Pedreiros, de basearem seu ritual e simbolismo nas ferramentas dos pedreiros de ofício, meros pedreiros seriam incapazes de desenvolver os rituais interessantes como os que a Maçonaria especulativa usa.

Estes historiadores esquecem de que uma Guilda de Pedreiros era constituída desde o assentador de tijolos até o Arquiteto, o qual era, na época, o detentor do maior conhecimento então possível. Para David Stevenson (2005), uma definição de Maçonaria deveria incluir apenas a operativa, uma vez que foram seus membros que desenvolveram crenças e práticas que a tornaram qualitativamente distinta das outras artes.

Em 1600, na Escócia, a Arte de Pedreiros já possuía uma organização muito distinta, baseada na Loja, rituais singulares/elaborados e segredos

cercando a palavra do maçom. Essas Lojas logo permitiram o ingresso de não pedreiros interessados em seus mistérios.

Ainda segundo Stevenson (2005), a Maçonaria não operativa já fazia jus ao nome de Maçonaria, antes do ingresso de não maçons, pois caso fosse o contrário, seria estranho definirmos como Maçonaria, que alega superar as diferenças de status sociais, uma instituição que tenha surgido com cavalheiros, de um status social elevado, mesmo que usassem rituais dos pedreiros, passando de uma instituição de universalidade de pessoas, para uma instituição elitista, incompatível com os objetivos reais da Maçonaria.

Portanto, fica impossível não relacionarmos a origem da Maçonaria com a Guilda de Pedreiros, já conhecidas, remotamente, como “*Maçonaria*”.

O fim das Guildas de Pedreiros ou Maçonaria especulativa foi se dando aos poucos, com o avanço da revolução industrial. Com o advento das máquinas e o descobrimento da pólvora, o serviço manual foi sendo dispensado e a necessidade de grandes fortificações de pedra desnecessárias, pois os canhões as derrubavam. Aos poucos foram sendo desativadas e, posteriormente, esquecidas, restando apenas a Francomaçonomia com seu simbolismo, dela herdado.

10.9 Maçom Livre

O termo “maçom”, em sua origem, não possuía um caráter misterioso como o auferido à Maçonaria. Ele indicava um pedreiro suficientemente hábil para trabalhar com a pedra de cantaria que possuía uma textura fina, mas que permitia ser cortada e talhada em qualquer direção, servindo para identificar um indivíduo plenamente qualificado, diferenciando-o dos assentadores de pedras, que podiam fazer qualquer trabalho mais simples na obra.

Após seus períodos de estudo, cumprindo determinados interstícios, o aprendiz era elevado ao grau de maçom, em uma Guilda comercial ou de burguês em uma cidade. Ao atingir tal conquista, o maçom ficava “livre da Guilda ou da cidade”, tornando-se liberto no sentido de desfrutar seus direitos. A partir de então, era só um passo para que esse maçom fosse qualificado como “*maçom livre*” (*freemason*).

Ao maçom livre (Mestre Maçom) era permitido livre trânsito entre as Guildas, permitindo assim que buscasse melhores condições de trabalho e de remuneração. Porém, essa “liberdade” adquirida não o liberava de suas obrigações como maçom e da obediência aos Antigos Deveres.

10.10 Origem Escocesa ou Inglesa?

Se a Maçonaria Livre inicial foi “cozida” de acordo com uma receita escocesa, muitos dos ingredientes envolviam produtos exóticos, importados do exterior.

Quando se investiga a descendência da Maçonaria Moderna, somos remetidos, invariavelmente, para a Inglaterra, aos documentos conhecidos como os Old Charges (Antigos Deveres) ou antigas Constituições. Os pedreiros medievais já possuíam sua organização ou Guilda, guardando seus documentos históricos, os quais primavam em enfatizar a Antiguidade e a importância de seu ofício, associando-o intimamente a conceitos religiosos e morais, e que guardavam segredos em relação a técnicas e práticas de trabalho. Provavelmente, os pedreiros medievais já possuíam um ritual iniciático, o que talvez ocorresse com Guildas de outras Artes.

No início do século XV, os pedreiros ingleses eram peculiares, no sentido da história mítica de seu Ofício, contida nos Antigos deveres, pois ela era meticulosamente elaborada. Esse legado deu uma significativa contribuição para a Maçonaria, por sua ênfase na moralidade, sua identificação íntima da Arte do Pedreiro com a Geometria e a importância que dava ao

Templo do Rei Salomão e ao antigo Egito no desenvolvimento do ofício de pedreiro.

Entretanto, falar em Maçonaria no sentido moderno, lá na Idade Média, é anacrônico, pois não existem indícios de que a Arte de Pedreiro fosse destacada do resto das outras artes.

É claro que esta Organização e lenda medieval forneceram elementos importantes para a formação da Maçonaria, mas o processo de aprimoramento, unindo todos estes elementos, com novos ingredientes, só ocorreu no início do século XVII, na Escócia.

Vivia-se a Renascença e muitos dos aspectos próprios dessa época, foram inseridos naqueles já existentes, surgindo aí, as Lojas, rituais e procedimentos secretos, conhecidos como a Palavra do Maçom. Foi nessa época que, segundo argumentos concretos, teria nascido a Maçonaria Moderna.

Nesse século, os segredos dos pedreiros e suas alegações de que seu ofício tinha um status intelectual único despertaram o interesse dos não maçons pela Arte, tendo então, a partir daí, começado o processo de Iniciação de não maçons. Na Inglaterra, existem registros do ingresso de não maçons em Lojas, desde a década de 1640, porém este processo permanece muito obscuro.

O elo entre as Lojas especulativas com os pedreiros e suas organizações era fraco. Os segredos por eles possuídos e a sua organização em Lojas parecem ter vindo da Escócia, sugerindo que a Maçonaria escocesa surgira das Guildas de Pedreiros, e a inglesa teria sido “importada” da Escócia, sendo essas Lojas inglesas, então, criadas por cavalheiros para cavalheiros. A pergunta é se elas eram exclusivamente especulativas.

Apesar da influência escocesa, no século XVIII, foram os ingleses que começaram a inovar e adaptar o movimento, assumindo a liderança do desenvolvimento da Maçonaria, sendo a ela, então, incorporados valores

do iluminismo. À medida que a Idade da Razão alvorecia, a Maçonaria, evidenciada na Renascença, se ajustava para acomodar esse novo clima sociocultural.

Os documentos da época nos mostram que, a Maçonaria das Grandes Lojas da Inglaterra e outras Lojas que elas reconheceram em outros locais, retêm até hoje, evidências claras de suas origens renascentistas, iluministas e escocesas. Assim os documentos comprovam.

10.11 A Poderosa Francomaçonomia

Como acabamos de ver e elucidaremos melhor a seguir, percebemos que a Francomaçonomia teria “evoluído” das Guildas de Pedreiros e por conter em sua composição a elite do saber, do poder e dos exércitos, tornou-se extremamente poderosa e influenciou sobremaneira, o pensamento sociopolítico e religioso de toda a Europa e demais Colônias dessas nações.

Por abrigar altas personalidades em suas Lojas, ficaram mais fáceis de serem encontrados documentos comprovando a relação destas pessoas com a Francomaçonomia como, por exemplo, diários e datas de iniciações.

Por um determinado momento, o livro de Stevenson (2005) *As origens da Maçonaria: O Século da Escócia (1590-1710)* nos leva a crer que as Guildas (Maçonaria) e a Francomaçonomia teriam se transformado em algo único, mas um fato histórico nele relatado, mostra-nos que algumas Guildas permaneceram como tal e outras se modificaram e formaram a Francomaçonomia.

Superada a tragédia da **peste negra** que dizimou a população mundial, particularmente da **Europa**, teve início o **Iluminismo** no **século XVIII**, que enfatizou a **Razão** e a **Ciência** para explicar o **Universo**, em contraposição à **Fé**. Porém, em 1666, um grande incêndio destruiu 80% da Londres antiga, incluindo 89 igrejas, o que exigiu sua completa

reconstrução. O grande incêndio de Londres foi a maior catástrofe da capital **inglesa**, tendo destruído as partes centrais da cidade (**02 a 05 de setembro**).

Essa necessidade exigiu um grande e concentrado esforço das Guildas de Pedreiros “operativos”. A Maçonaria “operativa” foi levada ao conhecimento público, com seu trabalho artesanal, habilidades e notável talento, majestosamente demonstrados em grandiosos edifícios. *Christopher Wren* liderou os muitos arquitetos que participaram da reconstrução, que deu origem à área conhecida como City of London, hoje um distrito financeiro. Construções como St. Paul, St. James, Picadilly e a Royal Exchange causam admiração pela Arte dos maçons.

A Figura 12, a seguir, é um exemplo de como a habilidade combinada com a cultura e o talento notável criaram obras que deixam a humanidade perplexa até nos dias atuais.

Figura 12 - Catedral St. Paul de Christopher Wren



Fonte: PRESTON, 2017.

A **Catedral de St Paul** (século XII) foi completamente destruída e a edificação atual foi desenhada por arquiteto Christopher Wren. A única parte restante do prédio antigo é um memorial ao poeta **John Donne**.¹³

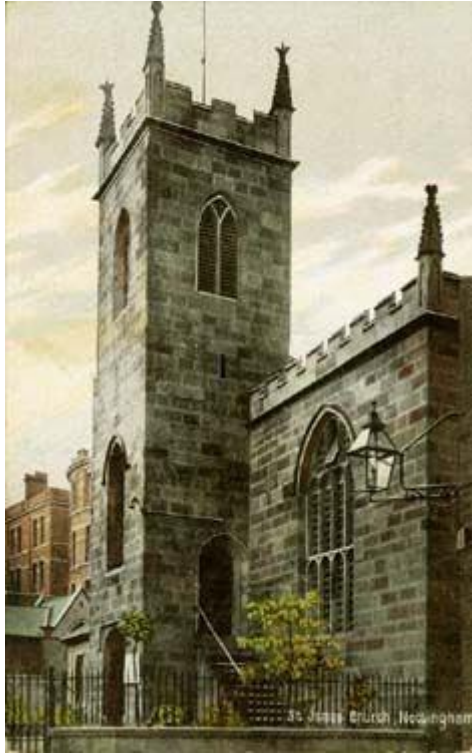
Esse ano proporcionou uma ocasião singular e terrível para o máximo esforço das habilidades maçônicas. A antiga Loja de St. Paul e algumas outras, continuaram a reunir-se regularmente, mas eram compostas de apenas alguns membros. Para aumentar seus números, uma proposta foi feita, e depois concordaram que os privilégios da Maçonaria não deveriam mais ser restritos a maçons operativos, mas estender-se a homens de várias profissões, desde que fossem regularmente aprovados e iniciados na Ordem.

A **Inglaterra**, por isso, surge como o berço da Maçonaria Especulativa regular durante a reconstrução da cidade de Londres que necessitou de muitos pedreiros para recuperar a cidade nos moldes **medievais**.

A Figura 13 apresenta a reconstrução da Catedral St James, vítima dessa catástrofe.

¹³ John Mayra Donne (1572-1631), poeta **Jacobita inglês**, pregador e o maior representante dos **poetas metafísicos** da época. Obra notável elo estilo sensual e realista e inclui **sonetos**, poesia amorosa, poemas religiosos, traduções do **latim**, **epigramas**, **elegias**, canções, **sátiras** e **sermões**. Sua poesia é célebre por sua linguagem vibrante e metáfora engenhosa.

Figura 13 – Catedral St James



Fonte: PRESTON, 2017.

Muitas controvérsias têm cercado as atividades, os ritos e a doutrina das sociedades maçônicas. Enfatizando a pesquisa no problema das origens, ou melhor, no processo que conduziu as associações profissionais ligadas ao setor da construção da Baixa Idade Média a adquirirem a sua orientação filantrópica e esotérica, evidenciamos que a atuação maçônica é de veras controversa. Considera-se que, para se manterem, foram aceitas outras classes de **artífices**, as quais formaram, aos poucos, agremiações. Abaixo, a Figura 14 ilustra obra maçônica famosa.

Figura 14 – Picadilly



Fonte: PRESTON, 2017.

Essas Figuras comprovam que a Maçonaria “operativa” foi levada ao conhecimento público, com seu trabalho artesanal, habilidades e talento notável, na reconstrução de uma Inglaterra que havia entrado em colapso. Assim, a Maçonaria Operativa ficou muito prestigiada e muito deste prestígio “sobrou” para a Maçonaria “Especulativa” (Francomaçonnaria), que logo se apressaram a ressaltar a sua afinidade e parentesco com seus “irmãos operativos”. A ação de Sir Christopher Wren (Grão-Mestre da Inglaterra, 1685), nesse episódio, tornou-o forte elo entre as duas Maçonarias.

Isto nos demonstra que, pelo menos até 1666, a Maçonaria e a Francomaçonnaria eram duas instituições distintas e que, provavelmente, continuaram assim, porém com um pouco mais de afinidade, pois a História continua nos contando apenas a caminhada da Francomaçonnaria e nada mais se referindo especificamente as Guildas de Pedreiros.

A Francomaçonnaria se desenvolveu em um ambiente de extrema labilidade (Renascimento e Iluminismo), tanto político como religioso - e esse ambiente influenciou de maneira significativa o ambiente interno das Lojas.

Fica praticamente impossível conhecer a História da Maçonaria, sem confundi-la com a História de seus principais países de origem: Escócia e Inglaterra, pois a grande maioria dos Maçons eram membros da nobreza e dos exércitos e ativistas políticos. Essas duas histórias se misturam de forma tão íntima, que conhecer uma, significa automaticamente conhecer a outra.

No final do século XVII, existiam duas linhas distintas dentro da Maçonaria (ainda não chamadas de potências como hoje): os Jacobitas e os Hanoverianos. E conhecer a origem e os objetivos dessas correntes é de fundamental importância para que se entenda os desdobramentos ocorridos no século seguinte.

Em 1685, assumiu o trono da Inglaterra, até então protestante, o Rei James II, protestante que se converteu ao Catolicismo. Logo após sua conversão, ele começou a reintroduzir e a incentivar o Catolicismo, favoreceu os Jesuítas, deu dinheiro ou títulos aos que se convertessem e nomeou católicos para os mais altos postos civis, judiciários e militares. Através de um decreto, determinou que o Clero Anglicano passasse a tolerar os católicos, os quais por sua vez, não obedeceram e foram processados por desobediência, mas absolvidos na Corte (todos protestantes).

Diante das imposições reais, o Parlamento reagiu oferecendo o trono da Inglaterra a filha do Rei James II, Mary e a seu esposo William, ambos protestantes e anticatólicos fervorosos. E em 05 de novembro de 1688 o casal chega à Inglaterra para assumir o trono, mesmo que com o Rei James II ainda entronado.

Ao contrário do que se imaginava, o Rei James II não lutou contra sua filha, e exilou-se na França. Porém, James não desiste de ser rei novamente e, em 1689, vai para a Irlanda com seu exército fiel e mais uma ajuda francesa com o objetivo de reconquistar a Inglaterra. Não obteve resultado positivo, mas essa luta durou anos, e incluiu batalhas e levantes internos.

Os defensores do Rei James eram conhecidos por Jacobitas (do latim: Jacobus).

Neste cenário surge a figura dos Hanoverianos, de origem alemã e que queriam reconduzir ao trono inglês um descendente da família Stuart, também protestante que havia sido destronado em outra ocasião. Esta divisão da sociedade inglesa e escocesa chegou também à Maçonaria e no final do século XVII, existiam duas Maçonarias: a Jacobita e a Hanoveriana.

Os Jacobitas eram ativos e tomaram várias iniciativas (revoltas) na tentativa de derrubar o Rei, e reconduzir ao trono o Rei James, tornando-se assim, muito malvista. Essa impressão se estendeu a toda a Maçonaria, levando os Hanoverianos a tomarem novas atitudes. Acredita-se que a fundação da Grande Loja de Londres, em 1717, foi uma tentativa de mostrar claramente que os protestantes eram a favor do trono. A partir dessa data, a Grande Loja de Londres passou a chamar-se Grande Loja; e a ala Jacobita, permaneceu como jacobita.

Nesse período, a Maçonaria Jacobita era a grande detentora dos preceitos maçônicos e a propulsora de avanço da ordem. Porém, ao se colocar em atrito com o rei, provocando várias revoltas internas, foi se enfraquecendo e no final do século XVIII já não exercia uma influência significativa dentro da Maçonaria. Provavelmente, o Grande Oriente tenha se originado desta ala maçônica.

Por outro lado, os Hanoverianos, mesmo querendo o retorno de outro rei, se aproximaram da corte, tentando sempre se desvincular dos jacobinos, e passaram a assumir os destinos da Maçonaria, organizando-a e impulsionando o seu desenvolvimento. As Lojas que formaram a Grande Loja da Inglaterra eram Hanoverianas e, comprovadamente, foi delas que se originou o Grande Oriente do Brasil e as Grandes Lojas.

Só a Maçonaria Jacobita oferecia os graus superiores, os quais eram considerados heréticos e cismáticos pelo Hanoverianos. Aos poucos as Grandes Lojas foram aceitando os graus superiores, mas somente em 1813 é que surge a Grande Loja Unida, a partir de então, sendo os graus superiores oferecidos a todos os Maçons.

Com o domínio Hanoveriano, a Maçonaria passou a ser eminentemente protestante, sendo intimamente influenciada por seu pensamento. Passa a ter importância o nome do pastor James Anderson, que, extremamente imbuído de provar que a Francomaçonomia nada tinha contra o rei, proferiu discursos, enaltecendo o rei e culpando os Jacobitas, promulgando suas duas constituições que, apesar de respeitar os Antigos Deveres, fazia juras de obediência ao rei.

Apesar de toda esta bajulação, a Maçonaria Hanoveriana não escapou de ser acusada de conspirar para o retorno dos Stuart ao trono e de aceitar em suas Lojas, Jacobitas, Nonjurors e até papistas. Apesar destas acusações, foi saindo da cena política, sobreviveu, e se transformou na Maçonaria que vivenciamos hoje.

Por outro lado, as Lojas Jacobitas foram, paulatinamente, relegadas ao esquecimento e perdendo importância, tendo sobrevivido em poucas regiões da Inglaterra.

Dados históricos da ordem

A Maçonaria primitiva ou pré-maçonaria é o período que abrange todo o conhecimento herdado do passado mais remoto da Humanidade até o advento da Maçonaria Operativa.

Há pesquisadores que buscam nas primeiras **civilizações** a origem iniciática, outras buscam no **ocultismo**, na **magia** e nas **crendices primitivas** a origem do seu sistema **filosófico** e **doutrinário**. Tantas são as controvérsias, que surgiram variadas correntes dentro da Maçonaria. A origem mais aceita, segundo a maioria dos Historiadores, é que a Maçonaria Moderna descende dos antigos construtores de igrejas e catedrais, corporações formadas sob a influência da Igreja na **Idade Média**.

11.1 A Magnitude do Arquiteto

No final do século I a.C., o arquiteto romano Vitruvius enunciou aquilo que viria a se tornar algumas das mais importantes premissas para os futuros construtores: a) recomendava que os construtores se organizassem em sociedades ou *collegia*; b) insistia para que “os altares estivessem voltados para leste”, tal qual se observa nas igrejas cristãs; c) firmou o Arquiteto como sendo alguém mais do que um mero técnico. Definiu o Arquiteto como “[...] um desenhista ou projetista, um matemático, familiarizado com estudos históricos, com música, com astrologia, um aplicado estudante de filosofia”. Esses atributos exigidos do Arquiteto explicam o porquê de as Guildas de Pedreiros passarem a ter tanta importância e serem tão respeitadas.

11.2 A Ordem em 1475

Foi outorgado aos pedreiros de Edimburgo um certificado de incorporação como Guilda, estabelecendo regulamentos comerciais. Essa Guilda tinha por objetivo construir a capela de St. Mary (Figura 15).

Figura 15 - Capela de St Mary



Fonte: SPOLADORE, 2017.

É uma igreja viva, liberal e inclusiva dentro da Igreja da Inglaterra. Ela é o coração espiritual da universidade mais antiga da Grã-Bretanha e já foi o foco do culto cristão e de debates sobre religião, política e moralidade por mais de setecentos anos. Ela tem uma rica História, ela começou a ser usada como palco de palestras e reuniões no início do século XIII.

Os pedreiros de Edimburgo passaram a ter importância porque, mais tarde, quando surgiu a Francomaçoneria na Escócia, ela girava em torno da *Lodge n° 1*, também chamada de “Mary’s Chapel”. Provavelmente então, esta Guilda evoluiu para uma loja da Francomaçoneria.

11.3 A Ordem em 1583

A Maçonaria Especulativa regular foi decisiva para a reconstrução de Londres após o grande incêndio de **1666**. Entretanto, há um manuscrito

que aparece nas *Old Charges* de 1632, sendo o primeiro dos *charges*¹ a ter uma data, que é discernível como sendo 25 de dezembro de 1583. A **Grande Loja Unida da Inglaterra** o adquiriu em 1839 por vinte e cinco libras. A caligrafia é compatível com a data de 1583, embora a linguagem seja mais antiga, suspeitando-se que fora copiado de um original um século mais velho.

O conteúdo da Grande Loja nº 1 conta a mesma história que o manuscrito de Dowland com pequenas mudanças. Os Deveres tomam a forma de um juramento sobre um Livro Sagrado. O Rei James VI outorga a William Schaw (1550-1602), figura importante no desenvolvimento da **Maçonaria**, o título de “Mestre de Obras” e “Guardião Geral da Maçonaria” para a construção de castelos e palácios.

Em sua qualidade de Mestre de Obras e Vigilante Geral dos mestres pedreiros publicou o *The Statutis e ordinanances to be obseruit by all the maister maoussounis within this realmez*. O preâmbulo afirma que os Estatutos foram emitidos com o consentimento de uma convenção do ofício. Especificava como todos os mestres pedreiros se reuniram naquele dia. Os primeiros estatutos da Schaw fundavam-se nos **Antigos Encargos**, com material adicional para descrever uma hierarquia de vigilantes, diáconos e mestres.

Essa estrutura garantiria que os pedreiros não assumissem o trabalho que eles não eram competentes para realizar, e garantiam que um vigilante de loja seria eleito pelos mestres pedreiros. Através desse Vigilante geral poderia manter contato com cada loja em particular.

1 O documento é na forma de um rolo de pergaminho com 2,74 metros de comprimento por 12,7 centímetros de largura, sendo feito em quatro partes coladas nas extremidades.

2 “Os Estatutos e a ordenança devem ser observados por todos os *maister maoussounis* deste reino”.

11.4 William Schaw e os Estatutos da Maçonaria

Os *Estatutos da Maçonaria* foram precioso documento produzido por William Schaw, no ano de 1598, em Edimburgo, capital da Escócia, quando era *Master of Work* do Rei James VI, Eles prescrevem detalhes e deveres a serem seguidos pelos praticantes da Arte Real. Trata-se de ordenações profissionais que encontraram eco nas ordenações da Maçonaria Especulativa.

William Schaw viveu cinquenta e dois anos; viajou na França e em muitos outros Reinos, para o aperfeiçoamento de sua mente; não lhe faltava nenhuma formação liberal; era muito hábil em Arquitetura.

Para confirmar sua fidedignidade, existe uma cópia destes Estatutos no livro de Atas da Lodge nº 1, Mary's Chapel, datado de 1598.

Figura 16 – Assinatura de William Schaw na Ata dos Estatutos



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre

Logo William Schaw foi recomendado a grandes pessoas pelos dons singulares de sua mente. Ele não só era incansável e infatigável no trabalho e negócios, mas constantemente ativo e vigoroso, e foi muito caro a cada homem bom que o conheceu. Ele nasceu para fazer boas obras, e, assim, ganhar os corações dos homens.

11.5 A Ordem em 1602

Nesse período foi escrito o Estatuto de Saint Clair, cuja data não está bem definida. Porém, para confirmar a veracidade do Estatuto de Saint Clair (1630) foi redigido um Segundo Estatuto, repetindo-o e aperfeiçoando-o, estando devidamente documentado. Este documento dá provas da existência de, no mínimo, mais quatro Lojas: Dundee, Glasgow, Ayr e Stirling. Nesse momento histórico, o envolvimento de pessoas importantes com essas Lojas, fez com que a Maçonaria, que já possuía um bom prestígio, continuasse a crescer.

Nascia assim, a Francomaçonomia. Conforme manuscrito datado de 1658, John Myle, Mestre da Loja de Scane e, por vontade própria do Rei James VI, nomeou essas pessoas como *“Friemam, Meason e Fellow Craft”*. No reinado de James VI da Escócia e I da Inglaterra, um sistema de lojas já havia sido estabelecido entre as Guildas de Pedreiros operativos, começando a se espalhar por toda a Escócia e, após a Guerra dos 30 anos, a se infiltrar na Inglaterra.

William Schaw, nomeado mestre de obras do rei da Escócia, em 1553, controlava a contratação de pedreiros e construtores. Morreu no ano de 1602, depois de codificar as regras de criação de lojas corporativas (a Primeira Carta de St. Clair; para maçons). As Lojas, maciçamente, voltadas para a recepção de Aprendizes e para o aumento de salários aos Companheiros, passaram a evoluir autonomamente.

11.6 A Ordem em 1638: Poema de autoria de Henry Adamson de Perth

*Por sermos irmãos Rosa Cruz;
Temos a palavra do Maçom, e premonição,
Coisa que estão por vir, podemos sim prever.*

A antiguidade histórica da afinidade entre a Rosa-Cruz e a Maçonaria inglesa ultrapassa a existência institucionalizada de ambas as ordens. O poema *A Trinódia das Musas*, de Henry Adamson de Perth (1638), contém a passagem *For we are the brethren of the Roise Cross. We have the mason word and second sight*³. Ou seja, para que os irmãos da Rosa Cruz pudessem possuir a ‘palavra Maçônica’ seria necessário que, já naquela época, houvesse um intercâmbio entre as duas correntes de pensamento (CAMINO, 1995). Talvez por isso a fraternidade Rosa-Cruz foi confundida, muitas vezes, com a Maçonaria e, de certo modo, a Maçonaria moderna assimilou muitos princípios esotéricos do grande movimento.

A Ordem em 1660, com a reestruturação da Maçonaria, o Colégio Invisível se transformou em “Sociedade Real” e, pelos próximos 28 anos seguintes, o “Rosacrusismo”, a Francomaçonomia e a Sociedade Real, não apenas haveriam de se sobrepor, mas virtualmente serem indistintas entre si.

11.7 Diário de Rothes

Em um registro no diário do Conde de Rothes, datado de 13 de outubro de 1637, consta a primeira referência a “Palavra Maçônica”. A citação conhecida da “Palavra do Maçom” feita por Rothes (Escócia) não descreve nenhum tipo de cerimônia. Pelo registro, é razoável supor que a “Palavra do Maçom” já era uma prática conhecida naquela data.

O *Edinburgh Register House* é o documento sobrevivente mais antigo que descreve o procedimento das cerimônias. O texto está em duas partes: uma seção, intitulada “A forma de dar a palavra do maçom”, descreve o procedimento para a admissão de um aprendiz ingressado, incluindo cerimônias para assustar o candidato, um juramento, uma forma de

³ “Por sermos irmãos Rosa Cruz; Temos a palavra do Maçom, e premonição, Coisa que estão por vir, podemos sim prever”.

“saudação” e certos modos físicos de reconhecimento. Há também um procedimento separado e similar para o “mestre maçom ou companheiro do ofício”.

A segunda parte desse texto é um catecismo de dezessete perguntas e respostas, quinze para Aprendiz e mais dois para o Mestre ou Companheiro. É provável que essas questões, juntamente com o juramento, representem o todo o “trabalho falado” das cerimônias naquela época.

11.8 Primeira Iniciação

Em 20 de maio de 1641, ocorreu a primeira Iniciação em solo inglês, fato este considerado pela Francomaçoneria como um marco em sua história, iniciado Sir Robert Moray. Esta Iniciação, devidamente registrada, comprova que a Francomaçoneria já existia anteriormente a essa data, com um sistema de Lojas em plena ação.

O próprio General Alexandre Hamilton, presente nesse ato, havia sido iniciado nessa loja, um ano antes, mas sem registros. Por isso, Moray é considerado o primeiro Mestre completo e habilitado. Esse ato trouxe a Francomaçoneria para a clareza.

11.9 Do Diário de Elias Ashmole

Ashmole registra “[...] em 15 de outubro de 1647, fui feito francomaçom em Warrington, Lancashire”, citando a seguir os demais membros presentes. Ashmole registra, 36 anos depois, em seu diário (1682), uma sessão na loja *Mason’s Hall*, em Londres, listando, também, os demais maçons presentes. Seu diário registra sua ação maçônica e de seus irmãos, até o ano de 1680.

Elias Ashmole além de ter sido um dos primeiros membros da *Royal Society of London* (1661), foi muito mais durante sua curta vida, começada em *Staffordshire* em 1617 e terminada em 1692, em Londres. Mas, Elias

Ashmole continua a ser para nós, maçons, acima de tudo, um maçom livre e aceito que um dia do ano 1646, escrevia da seguinte maneira em seu diário “16 de outubro de 04h30min da tarde – Fui feito Franco Maçom [Free Mason] em Warrington, Lancashire, com o coronel Henry Mainwaring de Karnicham em Cheshire” (CHASSAGNARD, 2020).

11.9.1 A Ordem em 1686

O Dr. Robert Plat publica um livro onde satiriza a Francomaçoneria. Além de não ter surtido o efeito desejado, pois não conseguiu atingir a instituição, serviu como fonte bibliográfica, pois relatava com detalhes os rituais, as reuniões de loja, a iniciação e a integridade com que os pedreiros erigiam suas obras, tornou-se, pois, uma fonte altamente fidedigna da História da Maçonaria.

11.9.2 A Sequência

Segundo registros existentes, após a revolução inglesa de 1688, a Francomaçoneria continuou tão ativa como antes. A Maçonaria, ao construir seu mito de origem, buscando no passado muito antigo o surgimento do seu saber, confere transcendência às suas ações e à sua organização, remontando o saber maçônico ao saber originário das construções sagradas.

A origem, ainda que controversa, da Maçonaria encontra consenso entre historiadores maçons e “profanos”⁴ (1717), quando da formação da Grande Loja de Londres que transformou a Ordem em uma espécie de escola de formação humana de caráter cosmopolita e secreto, reunindo homens de diferentes raças, religiões e línguas, objetivando alcançar a perfeição por meio do simbolismo de Natureza mística e/ou racional, da Filantropia e da Educação

⁴ Usamos o termo profano, no sentido daquele utilizado pelos maçons quando se referem aos não iniciados nos mistérios da Ordem.

Em 24 de junho de 1717, quatro Lojas de Londres, cujos nomes derivavam das tabernas onde se reuniam - O Pato e a Grelha, A Coroa, A Macieira e O Copo e as Uvas - construíram uma organização unificada sob o nome de *Grande Loja de Londres* e elegeram um Grão-Mestre com autoridade sobre todos os membros da Ordem. Em 1723 foi publicado o livro das Constituições de James Anderson, que continha a História lendária da Instituição bem como seus preceitos básicos. Nesse período, foi admitido, grande número de indivíduos pertencentes à alta nobreza inglesa e foram instaladas novas Lojas, iniciando uma expansão sem precedentes.

A Francomaçõnaria até 24 de junho de 1717

Até esta data, apesar de já existirem as duas principais correntes político-religiosas Jacobitas (cristãos) e Hanoverianos (protestantes), eram os Jacobitas que possuíam a herança e a História da Instituição. Os Jacobitas constituíam a principal corrente de pensamento, enquanto outros eram apenas tributários. Figuras eminentes da época não eram apenas francomaçõs, mas também, instrumento de disseminação da Ordem por toda a Europa.

Os autores do livro *O Templo e a Loja* (BAIGENT; LEIGH, 2013) argumentam que os Jacobitas não apenas tiveram “uma influência sobre o desenvolvimento da francomaçõnaria”; como eram, pelo menos no início, os seus principais guardiões e propagadores. Quando a Grande Loja que, subsequentemente, haveria de se tornar o principal repositório da francomaçõnaria inglesa foi criada em 24 de junho de 1717, resultante da união de quatro lojas inglesas Hanoverianas, com a nítida intenção de mostrar ao rei e a sociedade, que nem toda a Maçõnaria era contra o rei, afastando-se, o máximo possível da Maçõnaria Jacobita (BAIGENT; LEIGH, 2013).

Encerra-se assim, um Ciclo da História da Maçõnaria, pois após essa data e o domínio da Grande Loja de Londres, a Ordem segue novos rumos, afasta-se da política e da religião, influencia a formação de países como Estados Unidos e Canadá e volta-se quase que exclusivamente para uma Maçõnaria cultural. Por outro lado, a Maçõnaria que se formou na França permaneceu política e religiosa, vindo a influenciar a Maçõnaria da América Latina.

Desde a sua criação, a Maçonaria viu o paradoxo de ser universal, enquanto existente em maneiras muito diferentes e em diferentes épocas e países. Estima-se que, ao redor do mundo, haja entre quatro e seis milhões de pessoas ligadas à Maçonaria, contra sete milhões em **1950**. Essa redução de efetivos foi, principalmente, na Maçonaria Anglo-Americana, cujo número quase dobrou nos dez anos seguintes à **Segunda Guerra Mundial** e, em seguida, diminuiu gradualmente mais de 60% nos cinquenta anos seguintes.

Na Europa Continental, os números diminuíram após a **Ocupação** e não tinha conhecido um aumento semelhante nos **anos 1950**. Eles são, atualmente, um pouco mais elevados. Os mistérios envolvendo os maçons voltaram ao noticiário britânico, desde que o *The Guardian* informou haver duas Lojas maçônicas que operam em segredo no Parlamento do Reino Unido, compostas por políticos ou jornalistas (BBCNEWS/BRASIL, 2018).

A Francomaçõnaria após 24 de junho de 1717

A formação da Grande Loja de Londres foi o fato mais marcante para o reconhecimento da Maçonaria como uma entidade séria e, principalmente, para a sua difusão e aceitação pela sociedade. Rapidamente foram incluídas outras Lojas e em 1723, já eram cinquenta e duas Lojas.

Com o intuito de ratificar sua lealdade ao rei e buscar uma aproximação com Roma, as Grandes Lojas, através do pastor James Anderson, um dos seus principais pilares, promulgou a “Constituição de Anderson”, a qual, com algumas modificações posteriores, se transformar na verdadeira “Bíblia” dos maçons.

O francomaçom da época devia declarar sua lealdade à Coroa e para não ter esta lealdade impugnada, só poderia participar das Lojas que realizassem apenas os graus simbólicos, que eram oferecidos pelas Grandes Lojas. Como os graus superiores eram oferecidos pela Maçonaria Jacobita (antirrei), quem deles participasse, seria automaticamente considerado um adversário do Rei.

Mesmo após esta mudança radical da Maçonaria Hanoveriana, bastava ser maçom para ser olhado com desconfiança e até ser considerado um traidor. Os Jacobitas não desistiam de seu propósito de reconduzir o rei James ao trono da Inglaterra. Eles tentaram essa recondução de forma mais aberta nas rebeliões de 1722 e 1745. Não foram felizes em seu intento e isto só colocou a instituição “Maçonaria” sob suspeita. Porém, após a derrota de 1745, os Jacobitas abandonaram o lado político, se dedicaram mais aos estudos superiores. Deixou de ser vista como subversiva pela Grande Loja que, mesmo de má vontade, começou a dar valor aos graus

superiores. Aos poucos, os Jacobitas se transformaram em leais, íntegros e cívicos ingleses.

Assim, a partir de 1730, a Francomaçonomia inglesa, sob os auspícios da Grande Loja, tornou-se um baluarte da instituição social e cultural, incluindo em sua Fraternidade, os mais famosos personagens da sociedade inglesa. Passou a ser ela, a corrente principal da Maçonaria, tendo desempenhado uma função social e cultural que os seus rivais (Jacobitas), não conseguiram desempenhar.

A Grande Loja se estendeu a toda a sociedade inglesa e inculcou os seus valores no âmago do pensamento inglês. Insistindo numa Fraternidade Universal, transcendendo fronteiras tendo influenciado os reformistas franceses do século XVIII como David Hume, Voltaire, Diderot, Montesquieu e Rousseau.

A Maçonaria inglesa promoveu, assim, um clima filosófico tão intenso, que foi capaz de causar significativas transformações em sua sociedade. O sistema de castas predominante na sociedade inglesa se tornou menos rígido, mais flexível, permitindo que a “mobilidade ascendente” se tornasse cada vez mais viável. Incentivou o espírito de igualitarismo social, ao criticar e censurar as discriminações religiosas e sociais. Desmoralizou o antissemitismo, permitindo que judeus se tornassem francomaçons, favorecendo um acesso à vida social, pública e política, que até então, lhes era negado.

Por sua ação, foi dada a oportunidade para a classe média se expandir. Espalharam um novo ideal de responsabilidade pública através de várias obras de caridade, com especial atenção para viúvas e órfãos. Sua organização inicial em Guildas, muito influenciou na posterior fundação do sindicalismo. E por fim, o método de eleição do Grão-Mestre e dos Mestres, implantou no pensamento inglês, uma saudável distinção entre o homem e o cargo. Na verdade, podemos considerar estas mudanças

propiciadas pela Maçonaria, como as causas de sua posterior condenação pela Igreja.

Com o florescimento das Grandes Lojas, as pró-Jacobitas foram progressivamente relegadas a um segundo plano, certamente que algumas sobreviveram, mas não tiveram nenhuma ação direta em toda esta expansão maçônica.

A Maçonaria na França

As evidências mostram que a Francomaçonomia só teria chegado à França entre 1688 e 1691, introduzida pelo contingente Jacobita, derrotado na Inglaterra e que teria se refugiado naquele país. A primeira Loja francesa teria sido fundada em 25 de março de 1688, porém não existem documentos comprobatórios. A primeira Loja francesa, oficialmente documentada, foi fundada em 1725 e mais provável ainda em 1726.

Apesar de ter chegado depois, foi na França que a Maçonaria reencontrou suas raízes Templárias, pois foi ela que forneceu um terreno fértil, tanto para a Maçonaria, como para a mística templária. Se a Maçonaria demorou a chegar, não aconteceu o mesmo com sua expansão.

Em 1729, as Lojas já proliferavam na França aos moldes da Maçonaria Jacobita, o que levou as Grandes Lojas a tentar se sobrepôr à concorrência, fundando Lojas ainda no mesmo ano. Estes dois sistemas de Maçonaria seguiram, por algum tempo, caminhos paralelos e rivais. Os Jacobitas nunca conseguiram impor um monopólio, mas aos poucos, ganharam ascendência, evoluindo, finalmente, em 1773, para o mais importante corpo francomaçônico da França: o Grande Oriente.

Partiram também da França, os principais focos de conflitos da Maçonaria Jacobita francesa com a Inglaterra, pois ela, aliada ao rei Luiz XV, ainda sonhava em reconduzir ao trono inglês, o Rei James II. Esses conflitos políticos, somados à ascendência da Francomaçonomia tanto na França, como na Inglaterra, é que levaram à sua intolerância, tanto política como com a Igreja.

A Igreja rompeu com a Maçonaria. A Maçonaria, aos poucos, foi se distanciando da política, o que lhe permitiu continuar evoluindo, chegando ao que ela é nos dias atuais. A França, apesar de um início mais tardio, forneceu à Francomaçonomia terreno fértil para o seu desenvolvimento e sua evolução, deixando um grande legado para a Maçonaria moderna.

Na França, a Maçonaria tem três obediências principais: a) o Grande Oriente de França, b) a Grande Loja de França, c) a Grande Loja Nacional Francesa. A Grande Loja de França, fundada em 1894, está bastante próxima o Grande Oriente, mas é mais espiritualista.

A Igreja rompe com a Maçonaria

Segundo Andrew Michael Ramsay¹, expoente maçônico do século XVII, “[...] o mundo nada mais é do que uma grande República, na qual, cada nação é uma família e cada indivíduo, um filho”.

Como aconteceu e acontece com toda a Instituição que adquire certo nome na sociedade e certo número de membros, logo a Maçonaria se torna alvo das autoridades constituídas, que veem nela, uma ameaça ao seu governo. Agora, quando essa instituição, além de possuir uma grande estrutura, apresenta como membros a elite da classe sociocultural de uma época, ainda oferece um novo modo de pensar, não assusta apenas as autoridades políticas, como também, as religiosas. E não foi diferente com a Maçonaria.

A primeira tentativa de “dominar” a Maçonaria ocorreu em 1427, quando um Decreto parlamentar tentou impor Conselhos em burgos e Barões em áreas rurais para todas as Artes, como inspetores, com medo de que as Artes organizadas em Guildas fossem subversivas.

Ressaltamos aqui que, por várias vezes, os maçons e artífices foram considerados infratores. O medo foi tanto que, no fim do século XVI, as Incorporações (Guildas) já se encontravam sob rígido controle dos burgos. A Maçonaria, apesar de respeitar o comando do burgo, manteve seus costumes e seu modo de funcionar, o que incentivou o seu lado “secreto”.

Os mistérios que dão originalidade à Maçonaria são os motivos maior da desconfiança das pessoas, governos e religiosos, fazendo com que, um

¹ Sir Andrey Michael Ramsay foi o cavaleiro grande responsável pelo surgir do Rito Escocês Antigo e Aceite. Além disso, a sua atuação foi importante não só para esta forma de trabalho maçônico. Foi essencial para a efetivação da Maçonaria tanto na Europa Continental como em todo o mundo.

dito do século XVII, perdura até hoje: “[...] se os maçons livres insistem em manter tanto segredo, coisa boa eles não devem fazer!” (PLOT apud LINEBAUGH, Peter; REDIKER, 2000)².

Uma das grandes características e por que não dizer virtude da Maçonaria, foi a sua capacidade de adaptar-se aos novos tempos, aprendendo a conviver com ele e, até mesmo, absorvendo suas mudanças. Assim, foi mudando de forma e conteúdo, conforme as circunstâncias e filiações, o que lhe proporcionou uma estrutura institucional capaz de permitir o convívio entre todas as religiões e crenças políticas. O Maçom podia ser católico (até ser proibido pelo Papa), protestante, judeu etc., bem como republicano ou monarquista.

Até a Reforma Protestante, em 31 de outubro de 1517, era praticamente impossível se conhecer um maçom, que não fosse católico. Ao se estudar a História da Maçonaria, notamos nitidamente, não só a relação de seus membros com a Igreja Católica, como o interesse deles em praticarem sua religião.

Por que motivo então, a Igreja veio a declarar a Maçonaria como sua inimiga?

Com o acontecimento da Reforma Protestante, a igreja Católica passou a ter um grande, não só adversário, como opositor declarado e essa divisão da Igreja chegou até à Maçonaria (ver Jacobitas X Hanoverianos). Os protestantes, realmente, perseguiram a Igreja e a ala protestante da Maçonaria também.

Agora, será que este foi o único fator determinante da ruptura ou a importância adquirida pela Maçonaria na Europa no século XVIII assustou a Igreja?

² Robert Plot - Antiquário britânico e primeiro Guardião do Museu Ashmolean, Oxford. Suas principais obras foram História Natural de Oxfordshire (1677) e História Natural de Staffordshire (1686).

Após a fundação da Grande Loja de Londres, em 1717, a Maçonaria passou a ser conhecida e respeitada. Com seu lema - “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” - passou a ofertar uma nova alternativa filosófica, teológica e moral. Ao internacionalizar-se, surgiu como uma opção de união entre os povos, uma espécie de “ONU” da época.

O trecho da “Oração de Ramsay”, salientada no início do capítulo e sua posterior declaração bombástica - “Os interesses da Ordem, haverão de se tornar os mesmos da raça humana” - serviu para demonstrar o tamanho que a Maçonaria tinha atingido e alertar as autoridades reais e clericais para o risco que a Maçonaria poderia representar.

Assustada com o crescimento da Maçonaria, a Igreja, através do Cardeal Fleury³, ordenou uma investigação policial na França com o objetivo único de encontrar algo possível de condenar a Maçonaria como indecente, o que possibilitaria a decretação do fim da instituição. Porém, em 1º de agosto de 1737, o resultado do relatório final da investigação nada encontrou que desabonasse a Maçonaria, a não ser o fato de sua neutralidade religiosa.

Mesmo com esse resultado não desabonador, no dia 02 de agosto, a Maçonaria foi interdita na França e seu Grande Secretário, preso.

Porém, este resultado mostrou um dado muito mais preocupante para a Igreja: o grande número de notáveis, nobres e clérigos que figuravam entre a lista de Maçons. Este fato alarmou Roma, levando o Papa Clemente XII a editar a Bula Papal *In eminenti apostulatus specula*, em 24 de abril de 1738, a qual proibia todos os católicos de serem maçons, sob a pena de serem excomungados. Dois anos após, nos Estados Papais, os membros de Lojas estavam sujeitos à pena de morte.

³ André Hercule de Fleury (Lodève, 22 de junho de 1653 - Issy-les-Moulineaux, 29 de janeiro de 1743) foi um político francês que foi primeiro-ministro *de fato* durante o reinado de Luís XV (1726-1743). Depois da morte do regente, Luís XV subiu ao trono em 1715, ainda criança (cinco anos), e o Cardeal Fleury, foi designado como seu tutor e regente.

A Bula, porém, não surtiu o efeito esperado. A Maçonaria não sucumbiu e ainda se tornou em refúgio para todos os demais perseguidos pela Igreja. O grande “feito” da Bula foi praticamente destruir a Maçonaria Jacobita, eminentemente cristã e que defendia a volta ao trono da Inglaterra o rei James IV, que era cristão.

Até o final do século XVIII, a Grande Loja da Inglaterra foi se “divorciando”, tanto da Igreja como da política. Esse rompimento da Igreja contra a Maçonaria persiste até hoje, o que demonstra radicalidade e intransigência da Igreja, pois não existe uma razão clara, em nossos dias, para essa divergência.

Colocamos no Apêndice 1, citações retiradas da Bibliografia, que demonstram a fidelidade dos Maçons católicos à Igreja, mesmo após a Reforma Protestante.

A francomaçonaria nas Américas

16.1 Introdução

A Francomaçonaria entrou na América pelos Estados Unidos. As Grandes Lojas começaram a “certificar” Lojas nos EUA no ano de 1730, apesar de haver indício que a Maçonaria já tenha chegado a América em 1607, com os primeiros colonizadores.

O primeiro maçom a chegar à América, com documentos que comprovam sua ida, foi John Skene, o qual está registrado na Loja de Aberdeen, tendo sido iniciado em 1670 e veio para a América em 1682. Estabeleceu-se em New Jersey, chegando a ser governador, mas não pode desenvolver a Maçonaria, pois não tinha outros maçons ao seu lado.

Em 08 de dezembro de 1730, Benjamim Franklin publicou em seu jornal *The Pennsylvania Gazette*, a primeira notícia documentada sobre a Francomaçonaria na América do Norte. Em seu artigo, ele ressaltava de que havia diversas Lojas Maçônicas naquela província. O próprio Franklin se tornou maçom em fevereiro de 1731, chegando a Grão-Mestre da Pensilvânia em 1734. Nesse ano, ele editou o primeiro livro maçônico das Américas, a Constituição de Anderson.

Figura 17 - *St. John Lodge*, de Boston (1733)



Fonte: Wikipedia, the free encyclopedia

A primeira Loja devidamente documentada da América foi a *St. John Lodge*, de Boston, fundada em 1733, certificada pelas Grandes Lojas da Inglaterra. Logo em seguida, muitas outras Lojas foram certificadas e a Maçonaria difundiu-se rapidamente pela América do Norte e pela América espanhola, onde praticamente todos os líderes libertadores eram maçons. Todavia, convém reconhecer que a Maçonaria era múltipla e encampava outras ordens de objetivos que não apenas os políticos. Para Morel e Souza (2008) “as Maçonarias” devem ser entendidas como “[...] uma das formas de sociabilidade do período de independência e construção do Estado nacional” (MOREL; SOUZA, 2008).

No aspecto político-ideológico, pode-se afirmar que a orientação das grandes lojas se afinaria mais com o modelo liberal-democrático norte-americano e com um pretensão apoliticismo e valorização do viés filantrópico-religioso da Maçonaria anglo-saxônica, em oposição a uma tendência histórica vigente no GOB, desde suas origens, de uma influência maior da

Maçonaria francesa de politização explícita, laicismo e anticlericalismo (SILVA, 2018).

16.2 As Lojas Militares

Esta é uma modalidade de Loja que se espalhou pelas colônias inglesas, a partir de 1732 sob a forma de Lojas de Campo Regimentais. Eram Lojas itinerantes e carregavam consigo todos os utensílios necessários para a realização das sessões. Muitas vezes, o Coronel em comando presidia a Loja, podendo ser sucedido por outros oficiais. A primeira delas foi a 1ª *Foot*, mais tarde, *Royal Scots*, em 1732, logo muitas outras foram criadas.

Eram certificadas pela Grande Loja da Irlanda ou Francomaçonomia do Grau Superior, que oferecia os graus superiores, portanto, Jacobita. Seus membros eram, na maioria, jacobitas que haviam fugido ou migrado para a América.

A igualdade de patentes militares dentro das Lojas estimulou, ainda mais, a difusão da necessidade de uma igualdade entre as classes sociais, transmitindo o tipo de afinidade, harmonia e senso de fraternidade que normalmente reina na caserna.

Os contingentes de colonos vindos para a América do Norte foram treinados pelas tropas inglesas, tendo participado de várias guerras e aprendido táticas de guerra que depois seriam usadas na guerra da Independência.

Em **6 de Março de 1775**, um afroamericano chamado **Prince Hall**, foi eleito Mestre-Maçom na Loja da Constituição Militar da Irlanda, nº 441, juntamente com outros catorze afroamericanos os quais, aparentemente, seriam “livres no nascimento”, e não foram feitos escravos. A Maçonaria progrediu rapidamente na América do Norte, porque ali existia um

ambiente, uma mentalidade, uma hierarquia de valores e de atitudes, propícios para que ela implantasse seus princípios.

Quando deixaram a Loja da Constituição Militar da Irlanda, tiveram a autorização para constituir uma **Loja Maçônica**, realizar cerimônias no **dia de São João** e realizar os funerais maçônicos, mas não para conferir **Graus**, nem para fazer outros trabalhos maçônicos. Esses indivíduos solicitaram e obtiveram um mandado da **Grande Loja da Inglaterra** em **1784**, e formaram a Loja Africana n° 459. Após ser retirada da lista de nomes das **Grandes Lojas** americanas (**1813**), essa Loja renomeia-se como a Loja Africana n° 1 e separa-se da **Grande Loja Unida da Inglaterra**.

Essa separação levou a uma tradição de separar, predominantemente, as jurisdições afroamericanas na **América do Norte**, que são conhecidos coletivamente, como a Maçonaria Prince Hall.

16.3 A Independência dos Estados Unidos da América

Os maçons estavam presentes em vários episódios que levaram à Independência Americana. As Lojas da época tinham todos os tipos de políticos, militares e comerciantes. Na guerra pela Independência, o maçom George Washington forma o Estado Maior com todos os membros maçons. Havia um acordo entre maçons europeus que tinha ajuda de franceses e espanhóis através de Benjamin Franklin.

Franklin foi o responsável por ter havido o movimento libertador americano e que isso ajudou para que os mesmos assinassem um acordo e fossem reconhecidos independentes. Já em 1754, Benjamin Franklin¹ propôs um plano para a união de todas as colônias, o que foi rejeitado pelo governo britânico. Debilitada financeiramente pela Guerra dos Sete Anos,

¹ Foi um dos líderes da Revolução Americana, conhecido por suas citações e experiências com a eletricidade. Foi o primeiro embaixador dos Estados Unidos em França. Religioso, calvinista, figura representativa do Iluminismo.

a Inglaterra decreta pesados impostos sobre suas colônias, o que acirra ainda mais os ânimos dos colonos. Associado ainda a outros fatos que viriam a prejudicar os colonos, foi decretado o início da luta pela Independência em 19 de abril de 1775 e durou até 03 de setembro de 1783. A situação da Maçonaria dentro desta guerra, pois sua posição era peculiar. De um lado, os exércitos ingleses, na maioria maçons, fundadores de Lojas na América e treinadores militares dos colonos, de outro lado, a maioria dos rebeldes também eram maçons e também se sentiam mal lutando contra irmãos.

Este sentimento de irmandade foi decisivo no resultado da guerra, pois os comandantes ingleses teriam se portado de uma maneira negligente e lerdo, fato que chegou a levar alguns deles à Corte Marcial. Por várias ocasiões, as tropas inglesas venceram batalhas e poderiam ter massacrado os colonos, mas retrocediam e permitiam sua reorganização. Os ingleses não conseguiam lutar com a mesma bravura com que lutavam contra outros inimigos.

Na verdade, a Inglaterra não perdeu a guerra por motivos militares, e sim, mais por uma questão moral. A guerra era impopular para todos do exército e para a população e seus comandantes lutavam contrariados. Era uma luta de irmãos contra irmãos. Assim, mais parece que a Inglaterra tenha permitido que os rebeldes vencessem, dando-lhes a liberdade.

16.4 A Influência Maçônica na Constituição²

Se a Maçonaria esteve envolvida nos dois lados da guerra pela independência, sua influência na redação da Constituição do novo país é ainda maior. Sem nos aprofundarmos na história e nos detalhes da própria

² Os maçons colonos norte-americanos tiveram, igualmente, papel preponderante na independência das colônias da Inglaterra na América como George Washington, Benjamin Franklin. Dos 56 homens que assinaram a declaração de Independência dos Estados Unidos, 50 eram maçons.

constituição, citaremos apenas os nomes dos principais personagens envolvidos, todos eles francomçons, demonstrando a importância que a Maçonaria ocupa na História Americana como George Washington, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, John Adams, Edmund Randolph, entre outros. Podemos até dizer que não surgiu uma Nação Francomção, mas uma Nação fortemente influenciada pelos seus ideais.

Com os valores maçônicos à frente de toda a luta contra a opressão da Metrópole é dada, em 04 de julho de 1776, a Independência dos Estados Unidos da América.

A Maçonaria no Brasil

O grande feito da Maçonaria, já nos séculos XVII e XVIII, foi exportar o ideal revolucionário e republicano para toda a América do Norte e Latina. Foi a grande mudança de paradigma.

Centros geográficos como Olinda e Recife, Salvador, Tijuco (depois Diamantina) e Vila Rica (depois Ouro Preto), até mesmo em função da tremenda mudança de paradigma que foi a colonização das Américas que reuniu riqueza e grande número de imigrantes, destacando-se Olinda e Vila Rica.

17.1 Introdução

Segundo o livro *Cadastro Geral das Lojas Maçônicas do Brasil*, de Kurt Prober, a primeira Loja Maçônica do Brasil foi fundada em 14 de julho de 1797, a bordo da fragata francesa¹ *La Premense* e chamava-se Loja Cavalheiros da Luz (Salvador/Bahia). Teriam sido seus membros, entre outros, o visconde de Cayru (monarquista) e o padre Francisco Agostinho Gomes e Domingos da Silva Lisboa (Republicano). Diante desse fato histórico, nos cabe fazer e tentar responder a uma pergunta:

Por que a Maçonaria só se iniciou no Brasil quase duzentos anos após seu surgimento na América do Norte?

Se olharmos exclusivamente para os colonizadores dos dois países, a resposta se torna até simples: a América do Norte foi colonizada, principalmente, pelos ingleses, país berço da Maçonaria moderna. Portanto,

¹ Esta Loja pode não ter sido fundada a bordo desta fragata, pois existem registros de que ela estaria aportada em outro local nesta data.

tanto colonizadores, bem como representantes do governo e dos militares eram, na sua maioria, maçons. Já, o Brasil foi colonizado por Portugal, país onde a Maçonaria não era tão forte assim.

Por outro lado, o rei de Portugal, Dom João VI era um ferrenho anti-maçom, praticando uma perseguição tão intensa e implacável, capaz de determinar esse atraso temporal do surgimento da Maçonaria no Brasil. Porém, a ausência de Lojas Maçônicas não significava ausência de maçons, pois muitos deles já viviam e atuavam discretamente aqui no Brasil.

Outro fator que determinou este atraso no surgimento da Maçonaria, foi o fato de que para colonizar o Brasil, vieram de Portugal apenas pessoas de baixa renda e baixo nível cultural (na maioria, pobres e analfabetos). Por outro lado, a população do Brasil era formada por índios, considerados animais; e por escravos, considerados mão de obra e mercadoria de troca ou de venda.

Não existiam no Brasil escolas sequer para a alfabetização, muito menos faculdades ou universidades e os padres jesuítas, alfabetizavam com a intenção de evangelização, ou seja, um nível mínimo para ler, escrever e, assim, aceitar os ensinamentos religiosos sem contestar.

Tudo começou a mudar a partir da metade do século XVIII, quando os filhos dos colonizadores que ficaram ricos e haviam ido estudar na Europa, começaram a retornar ao Brasil. Nesse período, fervilhavam na Europa as ideias inovadoras do Iluminismo, absorvidas pela Maçonaria e propagadas dentro das Universidades por maçons famosos.

O Iluminismo discutia e defendia os direitos individuais e dos povos, a separação entre a Igreja e o Estado e o combate ao ensino conduzido pelos padres jesuítas que, no Brasil, visavam apenas à evangelização, sem se preocupar com uma melhor formação dos cidadãos. Politicamente, o Iluminismo dividia-se em duas classes, os Monarquistas (ingleses) e os

Republicanos (franceses). Essas duas correntes foram trazidas para o Brasil, com o retorno desses jovens.

Ao regressarem ao país, esses jovens burgueses, agora letrados, bem como muitos padres que para cá vieram para desenvolver suas atividades, seja no clero regular, quer no clero secular, deparavam-se com um total desrespeito da liberdade do indivíduo, das famílias e da sociedade, bem como da liberdade de comércio. A grande maioria desses jovens e desses padres havia sido iniciada na Maçonaria, principalmente em Montpelier (França) e Coimbra (Portugal) e trouxeram consigo as ideias do Iluminismo.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil sofria alguma influência dos ideais Iluministas oriundos da Europa, e parte da Maçonaria adotou estes por preceitos. Todavia, percebemos também que estes ideais eram os fundamentos da Maçonaria, eram algumas de suas *landmarks*². Dessa forma, podemos estabelecer a conexão entre a participação efetiva da Ordem no processo de mudanças na sociedade brasileira do século XIX através da presença de maçons na política em cargos de peso.

A situação vivida pelo povo brasileiro provocou uma reação diferente das do Iluminismo europeu: aqui não se tratava apenas reclamar por direitos, mas em libertar o país do Colonialismo português. Foi esse panorama socioeconômico que deflagrou o movimento antimonarquista e libertário.

Voltamos a frisar que, nessa época, ainda não existiam Lojas Maçônicas no Brasil, mas já existiam maçons agindo em seu meio. Portanto, vê-se que os primeiros movimentos maçônicos no Brasil foram puramente políticos, com o objetivo principal de independência de Portugal. Este fenômeno também ocorreu nas colônias espanholas na América.

² *Landmarks* seriam marcos inerentes à própria condição de maçom. Por exemplo, “a Maçonaria é uma Ordem à qual não podem pertencer senão homens livres e de bons costumes, que se comprometam a pôr em prática um ideal de paz” (COUTO, 2005).

17.2 O Início

Nos séculos XVII e XVIII, o grande feito da Maçonaria foi exportar o ideal revolucionário e republicano para toda a América (do Norte e Latina), o que foi a grande mudança de paradigma. Centros geográficos como Olinda e Recife, Salvador, Tijuco (depois Diamantina) e Vila Rica (depois Ouro Preto), pela mudança do modelo de colonização das Américas, já reuniam grande riqueza e grande número de imigrantes. Havia mais luxo em Olinda e Vila Rica do que mesmo em Lisboa. Convém ressaltar duas instituições que são consideradas precursoras da Maçonaria no Brasil, o Areópago de Itambé e o Seminário de Olinda.

O Areópago de Itambé foi criado em 1796, em Itambé, Pernambuco o qual era constituído como um corpo maçônico, por isso é considerado como uma verdadeira Loja maçônica e precursora da Maçonaria no Brasil. Seu idealizador foi o Frade carmelita Manuel e Arruda Câmara e seu Irmão Francisco, os quais haviam sido iniciados na Maçonaria em Montpelier, França.

O Seminário de Olinda foi criado pelo bispo maçom Dom José da Cunha de Azeredo Coutinho, em 16 de fevereiro de 1800, por ter sido um importante foco propagador das ideias libertárias. Aceitava como membros, não apenas seminaristas, mas também leigos identificados com os ideais reinantes no Seminário, chegando ao ponto de comportar em seu interior, mais leigos, do que seminaristas. É considerado o primeiro movimento maçônico do Brasil.

17.3 A Perseguição

Em Portugal, no século XVIII, as sociedades secretas e, em especial, a Maçonaria eram proibidas e perseguidas e se descobertas, seus membros eram “sumariamente” eliminados sob o crime de “Lesá Majestade”, todos os seus bens eram confiscados e seus documentos e instalações eram

inteiramente destruídos pelo fogo. Provavelmente, esse seja o principal motivo da dificuldade de se recompor o início da História da Maçonaria no Brasil.

Então, os maçons criaram uma forma dissimulada de se reunirem, que foi fundando as chamadas Sociedades Literárias e Culturais. Dessa forma, sob o manto de produzirem peças literárias e/ou outros temas de caráter cultural, podiam se reunir e tramar contra o poder opressor. Ficaram também conhecidos como clubes revolucionários. Evidentemente, uma vez descoberta as verdadeiras razões destas Sociedades Literárias, seus membros eram castigados aos mesmos moldes das sociedades secretas acima descritas.

No sentido de ressaltar a importância dessas Associações Literárias na História da Maçonaria do Brasil, achamos importante citar algumas delas, pois suas relações com a Maçonaria são evidentes: Academia Brasileira dos Esquecidos, Academia dos Felizes, Academia Literária dos Seletos, Academia dos Renascidos, Academia Científica, Sociedade Literária do Rio de Janeiro, Arcádia Ultramarina. Todas estas instituições são consideradas Lojas Maçônicas ou Instituições Maçônicas.

17.4 O Surgimento das Lojas Maçônicas no Brasil

Como vimos na Introdução, a primeira Loja Maçônica do Brasil é a Loja Cavaleiros da Luz, criada em Salvador (1797), porém essa não é considerada uma Loja regular. A primeira Loja Maçônica regular do Brasil é a Loja União, mais tarde rebatizada de Loja Reunião, fundada em 1800 (1801), no Rio de Janeiro. Tornou-se regular ao receber sua “patente” ou carta de filiação (regularização) do Grande Oriente da Ilha de France, filiada à Grande Loja da Inglaterra que trabalhava no rito Adhonthiramita.

Logo no ano seguinte, foi fundada a Loja Virtude e Razão (1802), em Salvador, Bahia, que trabalhava no Rito Escocês Antigo e Aceito, e foi uma

das três Lojas que, em 1813, se reuniram para formarem o Grande Oriente Brasileiro, que abateu colunas em 1817.

O Grande Oriente Lusitano, de Portugal, ao saber da existência de uma Loja Maçônica no Brasil, filiada a uma Obediência francesa, a Loja Reunião, enviou ao Brasil três delegados, dois identificados apenas por suas iniciais e o outro pelo nome de Francisco Xavier de Araújo, com o intuito de fundar novas Lojas filiadas a ela e tentar fazer com que a Loja Reunião a ela se filiasse.

Ao não conseguirem seu intento junto à Loja Reunião, eles fundaram a Loja Constância e a loja Philantropia, obviamente filiadas ao Grande Oriente Lusitano. Muitos membros da Loja Reunião migraram para as novas Lojas. Essas Lojas abateram colunas³ por força do decreto de 02 de agosto de 1806, emitido pelo Vice-rei Conde de Arcos⁴, o qual proibia qualquer atividade maçônica no Brasil. A Loja Reunião abateu colunas em 24 de junho de 1805, após celebrar a festa de São João Batista, no solstício de inverno.

Cabe ainda mencionar a Loja Virtude e Razão Restaurada que foi fundada em 10 de agosto de 1808, por doze maçons que pertenceram à Loja Virtude e Razão que havia sido fechada pelo decreto de 1806. Esses irmãos aproveitaram a fraca repressão do referido período, para reerguê-la. Trocou de nome para Loja Humanidade, abateu coluna por duas vezes, se reerguendo e abateu colunas definitivamente antes de 1861.

Sua importância para a história da Maçonaria está no fato de ela ter conseguido conservar seus arquivos intactos, algo raro e difícil de

3 A expressão "Abater Colunas" designa corretamente, na linguagem maçônica, o acontecido com Loja que encerrou suas atividades, qualquer que seja a motivação, temporária ou definitivamente.

4 Dom Marcos de Noronha e Brito, conde de Arcos e governador do Pará, foi Vice Rei do Brasil de 02 de agosto de 1806, até 22 de Janeiro de 1808, quando o cargo de Vice Rei foi extinto pela chegada da família real ao Brasil. Influente ante a corte, foi ferrenho inimigo da Maçonaria. Como governador da Bahia, agiu com extremo rigor contra os maçons que participaram da revolução Pernambucana de 1817.

acontecer naquele período turbulento. Sua Carta Capitular teria sido emitida pelo Supremo Conselho do Brasil, que na época possuía três Lojas na Bahia.

17.5 A Importância da Vinda da Família Real para o Brasil e de seu Retorno a Portugal

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, trouxe consigo, grandes proveitos para o nosso país. Em 1815, o Brasil foi elevado a Reino Unido de Portugal e Algarve e com este título, vieram todas as vantagens por ele recebidas, conforme os relatos históricos.

O que interessa para a História da Maçonaria no Brasil é que, junto com a Família Real, vieram inúmeros maçons, fato esse que levou a um relaxamento da perseguição aos maçons e, conseqüentemente, um “desenvolvimento” da Maçonaria.

Nesse período, Pernambuco era uma das províncias mais adiantadas do Brasil (período de expansão pós-expulsão dos holandeses), e em nenhuma outra parte do país, havia tantas sociedades secretas.

Em 29 de novembro de 1821, a Família Real retorna a Portugal, deixando no Brasil Dom Pedro como príncipe Regente. Esse fato toma importância histórica, pois a partir dele, duas situações novas surgiram: o acirramento do desejo de liberdade e a diminuição da perseguição a Maçonaria.

O clima existente entre a vinda e o retorno da Família Real, favoreceu a proliferação de Lojas Maçônicas, principalmente entre os anos de 1809 e 1816. A partir de então, a Maçonaria se difundiu por todo o Brasil.

17.6 Algumas Características dos Maçons e da Maçonaria no Século XIX

Indiscutivelmente, a História nos mostra que tanto as Sociedades Literárias quanto as Lojas Maçônicas eram fundadas única e exclusivamente

com o cunho político e com o objetivo específico de libertar o Brasil do jugo de Portugal, como vimos anteriormente.

Sendo a independência do Brasil o principal foco de ação da Maçonaria no Brasil Colônia, fica fácil deduzir que os principais nomes que lutaram por esta liberdade eram maçons. Estes maçons ocuparam os principais cargos tanto no primeiro, como no segundo Reinado, o que lhes dava muito poder. Esse poder ou a busca por ele, trouxe muitos atritos, brigas e discórdia dentro das lojas.

Durante o século XIX, a Maçonaria no Brasil esteve completamente desorganizada. Lojas eram fundadas por dissidências de irmãos descontentes em suas Lojas, e Grandes Orientes eram fundados devido a descontentamento interno com outro Grande Oriente, Lojas trocavam de Grande Oriente ao bel-prazer e, posteriormente, retornavam ao de origem, quando a situação lhes convinha; Grandes Orientes menores duravam pouco e eram absorvidos pelos maiores ou mais antigos. Lembramos que a Maçonaria só começou a ter organização interna e a seguir os parâmetros europeus, no final do século XIX.

Outra característica de significado peculiar da Maçonaria no século XIX era o grande número de padres e bispos maçons (bem mais padres). O “novo” Clero, muitos dos integrantes nascidos no Brasil e estudados na Europa, retornavam ao país trazendo consigo as ideias lá dominantes, que eram extremamente influenciadas pelo Iluminismo.

Este Clero, ou já retornava maçom da Europa ou eram iniciados aqui no Brasil, pois aqui reinava um clima favorável para o desenvolvimento desses ideais e a Maçonaria era o local mais adequado e propício para que estes planos se concretizassem.

Os representantes do Clero que cultuavam as ideias iluministas, eram convictos e ativos e foram responsáveis diretos pelas revoltas em Pernambuco: Revolução Pernambucana (1817) Confederação do Equador (1724),

também conhecidas como Revoluções dos Padres, devido ao grande número deles presentes em seus comandos, ou que participaram ativamente em quase todas as outras revoluções de cunho libertário.

Pelo que se observou nos dados históricos, parece que a Bula Papal, de 24 de abril de 1738, proibindo os cristãos e o Clero de pertencerem à Maçonaria, não alcançou seu objetivo a contento. Os padres continuaram sendo maçons e ativos politicamente, fato esse que culminou na chamada “Questão Religiosa”, em 1873.

17.7 Correntes Políticas dentro da Maçonaria

Apesar do objetivo único de libertação que unia a Maçonaria, os ideais políticos que norteavam os maçons não eram os mesmos, o que também gerou muitos atritos e desavenças. Existiam três grandes correntes políticas dominantes:

17.7.1 O grupo dos “Vinte e Quatro”

Comandados por Evaristo da Veiga e pelo senador Vergueiro, essa corrente era monarquista, mas constitucionalista e representativa, ou seja, queria uma Monarquia não ditatorial.

17.7.2 A Corrente Republicana

Comandada por Gonçalves Ledo, essa corrente era compostas pelos liberais mais exaltados e dominava o Grande Oriente do Passeio.

17.7.3 A Corrente Monarquista absolutista

Querida o retorno de Dom Pedro I ao trono do Brasil. Corrente que era comandada por José Bonifácio de Andrade e Silva e era ativa no Grande Oriente do Brasil.

Assim, fica fácil de entendermos o porquê de tantas intrigas e desavenças dentro da Maçonaria nesse conturbado período. Tínhamos então,

uma Maçonaria unida pelo ideal libertário, mas com correntes distintas quanto aos ideais de governo.

17.8 Os Grandes Orientes

Tanto para entendermos como a Maçonaria se organizou no Brasil, bem como as citações anteriores das brigas e lutas pelo poder, tanto interno como político, é indispensável que tenhamos uma noção dos Grandes Orientes que existiram, uns de suma importância para o crescimento da Maçonaria, outros insignificantes, de curta duração, criados apenas para satisfazer o ego de irmãos descontentes ou contrários as ideias predominantes em seu Grande Oriente. A razão dessas dissensões era a facilidade que havia de criar nova corrente, pois bastava ter em mãos três Lojas e um novo Grande Oriente (GO) poderia ser criado.

Neste capítulo, no sentido de sermos os mais didáticos possíveis, descreveremos apenas os Grandes Orientes, sem nos referirmos às uniões entre eles, pois esses fatos serão relatados mais adiante.

17.8.1 Grande Oriente Brasileiro

Foi o primeiro Grande Oriente (GO) fundado no Brasil e se originou da união das Lojas Virtude e Razão, Humanidade e União (1813), existindo apenas até 1817, quando foi fechado em razão da grande perseguição aos maçons após o fracasso da Revolução Pernambucana de 1817.

17.8.2 Grande Oriente do Brasil

Foi criado no início de 1822, quando a Loja Comércio e Artes, do Rio de Janeiro, decidiu se dividir em três Lojas, constituindo então as Lojas União e Tranquilidade e Esperança de Niterói. Com o número necessário de Lojas, em Assembleia Geral, foi então fundado o Grande Oriente Brasileiro em, provavelmente, 17 de maio de 1822, que mais tarde passou a

chamar-se Grande Oriente do Brasil⁵. Praticava o Rito Adonhiramita, era republicano e chefiado por José Bonifácio. Foi fechado em 21 de outubro de 1822, por Dom Pedro I, pois este, apesar de maçom, conhecia as intenções de José Bonifácio. Foi reinstalado em 23 de novembro de 1831, pelo mesmo José Bonifácio.

O Grande Oriente do Brasil foi reconhecido pelo Grande Oriente de França em 04 de novembro de 1841. Estabeleceu um tratado de amizade com a Grande Loja de Hamburgo, em 03 de novembro de 1845, e em 15 de novembro com a Grande Loja de Nova York, em 20 de dezembro de 1845 com a Grande Loja da Prússia e em 12 de junho de 1872, com a Grande Loja de Massachusetts.

Em decreto de 21 de outubro de 1856, o Grande Oriente do Brasil (GOB) regulamentou o seu Supremo Conselho, adaptando-o às normas internacionais e publicou, pela primeira vez, a Constituição, os Estatutos e os Institutos do Rito Escocês Antigo e Aceito, assim como o primeiro timbre do Supremo Conselho.

O Grande Oriente do Brasil (GOB) foi o responsável pelo reconhecimento do Grande Oriente do Peru, Uruguai e Argentina.

17.8.3 O Apostolado da Nobre Ordem de Santa Cruz 6

Sua criação em 02 de junho de 1822 é considerada a primeira cisão da Maçonaria brasileira. Também conhecida como *Apostolado da Nobre Ordem de Santa Cruz*, essa Ordem foi criada por José Bonifácio de Andrade e Silva, maçom pertencente à Loja Esperança de Niterói, filiada ao Grande Oriente do Brasil, comandado por Gonçalves Ledo, com a intenção clara

⁵ Há controvérsias sobre esses dados, pois diferentes historiadores citam a mesma data para a fundação dos dois Grandes Oriente e a mesma administração para os dois.

⁶ O Apostolado da Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz foi fundado por José Bonifácio também em 1822, com o objetivo de defender a integridade do Brasil e lutar por sua Independência.

de introduzir Dom Pedro em sua Instituição, afastando-o da Maçonaria, ganhando assim, muito mais poder junto ao Príncipe Regente.

Dom Pedro I ocupou o cargo máximo nesta instituição e José Bonifácio ficou como seu Lugar Tenente, porém, a estratégia de José Bonifácio não rendeu o efeito esperado, e em 15 de julho de 1823, Dom Pedro I fecha o Apostolado pessoalmente, alegando que ali se tramava a sua morte. Toda a documentação foi apreendida e destruída, só restando nos dias atuais, a urna que continha estes documentos exposta no museu do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Em seguida, Dom Pedro I se aproximou da Maçonaria, como descreveremos a seguir quando nos referirmos a Dom Pedro I em especial.

17.8.4 Supremo Conselho⁷ para o Império do Brasil do Rito Escocês Antigo e Aceito

Foi fundado por Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, em 12 de novembro de 1832, um maçom que esteve exilado na Europa desde 1823, por ordem de dom Pedro I. Montezuma era um homem extremamente político e influente, mas também fazia uso dos meios que fossem necessários para atingir seus objetivos.

Ao retornar para o Brasil, Montezuma trouxe consigo uma patente do Mui Poderoso Supremo Conselho para o Reino dos Países Baixos para o Rito Escocês Antigo e Aceito, emitido em 12 de março de 1829, o que lhe autorizava a instalar no Brasil, um Supremo Conselho (Graus Filosóficos).

Para que um Supremo Conselho funcione, ele necessitava de Mestres maçons do Grau Simbólico, portanto, Montezuma precisava de Lojas Simbólicas que lhe fornecessem os Mestres. Como nem o Grande Oriente do Brasil e nem o Grande Oriente do Passeio demonstraram interesse em se

⁷ Supremo Conselho é uma Instituição maçônica autônoma que congrega Lojas Maçônicas dos chamados Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito, ou seja, dos Graus 4 ao 33. Foi criado a partir de uma dissidência do Grande Oriente.

associarem ao Supremo Conselho, Montezuma transformou o “*seu*” Supremo Conselho em instituição mista, ou seja, fundou um Grande Oriente vinculado a ele, podendo assim, abrir Lojas e suprir as suas necessidades, o que é completamente irregular, pois Supremos Conselhos *não* podem ter Lojas Simbólicas.

Então, a terceira potência maçônica brasileira estava criada e foi mais um motivo de divisão no frágil e incipiente ambiente maçônico brasileiro. Como potência mista, o Supremo Conselho do Brasil começou a criar Lojas, ou aceitar a adesão de Lojas de outras potências. Esse Supremo Conselho foi reconhecido pelo Supremo Conselho da Bélgica em 27 de julho de 1833 e em 15 de agosto do mesmo ano pelo Supremo Conselho da França, dessa forma se tornando a única potência regular do Brasil.

No final do ano de 1833, o Supremo Conselho do Brasil participou do Primeiro Congresso Internacional de Supremos Conselhos, junto com o Supremo Conselho Francês, com o objetivo de regularizar o Supremo Conselho Unido para o Hemisfério Ocidental que, embora não tenham tido sucesso em seu intento, essa é considerada a primeira tentativa de unificação dos Supremos Conselhos.

Em 05 de outubro de 1835, foi destituído do cargo de Soberano Grande Comendador, por atos irregulares em sua administração. Assumiu seu posto Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrade e Silva e como Lugar Tenente seu irmão, José Bonifácio, que era Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. Logo em seguida, Antonio passou o seu cargo para José Bonifácio, ocorrendo quase que uma fusão entre eles. Apesar dessa união não ter ocorrido, o Grande Oriente do Brasil comandou o Supremo Conselho por longa data.

17.8.5 Grande Oriente Brasileiro (Grande Oriente do Passeio)

Apesar da atuação intensa do Grande Oriente do Passeio tanto na vida política como na vida maçônica no século XIX, nós temos poucos dados sobre a data de sua criação. Em 1825, alguns maçons reuniram-se em um quadro errante, que denominaram de “Vigilância da Pátria”, o qual conseguiu se manter ativo apesar da intensa perseguição aos maçons.

Essa entidade teria dividido seus membros e formado a Loja União e a Loja Sete de Abril, as quais serviram de base para a criação do Grande Oriente do Passeio em 1830. Por muito tempo esteve sob o comando de Gonçalves Ledo sendo, republicano. Permaneceu ativa por vários anos e foi o último Grande Oriente a se unir ao Grande Oriente do Brasil.

17.8.6 Grande Loja Provincial

Não chegou a ser um Grande Oriente, mas congregou todas as Lojas pernambucanas. Nela foram sigilosamente tramados os preparativos para a eclosão de uma Revolução Republicana, com o objetivo de criar uma República Federativa do Nordeste: a Revolução Pernambucana de 1817. A Grande Loja Provincial foi criada em 1816 e fechada em 1817, após o fracasso da revolta.

17.8.7 Grande Oriente de Brito Sanches

Criado em 1847, por Brito Sanches, maçom filiado ao Grande Oriente do Passeio, que insatisfeito por não ter conseguido poderes em seu Grande Oriente, desligou-se dele e fundou o “seu” Grande Oriente e o “seu” Supremo Conselho. Teve duração de apenas dois anos, tendo encerrado suas atividades em 1849.

17.8.8 Grande Oriente de Caxias

Foi fundado em 20 de março de 1947, pelo então conde de Caxias (depois Duque), com o nome de Grande Oriente Brasileiro e Supremo

Conselho do Império do Brasil. A formação deste Grande Oriente não parece ter ocorrido por disputas internas ou políticas; tinha como objetivo preparar para a união do Supremo Conselho do Brasil com o Grande Oriente do Brasil, como veremos logo a seguir.

17.8.9 Grande Oriente do Brasil (Grande Oriente dos Beneditinos)

Foi fundado por Joaquim Saldanha Marinho em 16 de dezembro de 1863, quando a paz parecia já estar reinando na Maçonaria, recebendo o título de Grande Oriente do Brasil, junto com sete Lojas rebeladas contra o Grande Oriente do Brasil. Por ter usado o mesmo nome do Grande Oriente de origem, passou a ser chamado de “dos Beneditinos”, por ter sido fundado na rua dos Beneditinos.

Tinha reconhecimento da Grande Loja de Hanover, Grande Oriente de Cuba e Supremo Conselho de Nova York, portanto, era uma potência regular. Em 12 de setembro de 1872, mudou seu título para Grande Oriente Unido do Brasil. Foi perdendo prestígio paulatinamente, tendo sido extinto e incorporado pelo Grande Oriente do Brasil em 18 de janeiro de 1883.

17.9 As Fusões dos Grandes Orientes e a Consolidação da Maçonaria no Brasil

Como ressaltamos até aqui, devido às disputas internas por poder e/ou por divergências políticas na Maçonaria no século XIX, foram criadas várias potências, e a ordem interna era confusa, quase um caos. Cada personalidade influente queria ter a Maçonaria sob o seu comando, caso não conseguisse, simplesmente fundava novas Lojas e criava um novo Grande Oriente, mesmo que irregular. Durante esse período de quase caos, várias tentativas de união foram realizadas, mas as divergências eram tantas e tão grandes, que esse intento só foi alcançado no fim desse século.

A primeira tentativa já ocorreu em 1832, quando o cônego Januário da Cunha Carneiro, Venerável Mestre da Loja Comércio e Artes, pertencente ao Grande Oriente do Brasil, tentou a união com o Grande Oriente do Passeio. Esta união não ocorreu devido às exigências “descabidas” feitas pelo Grande Oriente do Brasil.

A segunda ocorreu em 11 de novembro de 1838, mas também não se concretizou, porque o Grande Oriente do Passeio exigia que o Grande Oriente do Brasil adotasse o Rito Escocês, abandonando o rito moderno e o Adonhiramita.

Parece ter havido uma terceira tentativa em novembro de 1938, mas dessa vez envolvendo toda a Maçonaria brasileira - porém faltam dados históricos concretos que a comprovem.

Tanto o Supremo Conselho do Brasil como o Grande Oriente do Passeio devido à fraca atuação de seus Grão-Mestres (1840-1842) tiveram um grande enfraquecimento de suas forças. O Grande Oriente do Passeio, principalmente, perdeu muitas Lojas para o Grande Oriente do Brasil.

Em 1842, as duas potências enfraquecidas, que trabalhavam no Rito Escocês, iniciaram tratativas para uma possível fusão e, para tanto, foi nomeada uma comissão mista. O texto final foi ratificado pelo Grande Oriente do Passeio em 21 de novembro de 1842 e, em 05 de dezembro de 1842, pelo Supremo Conselho do Brasil. Criou-se então, o *Mui Poderoso Supremo Conselho e o Grande Oriente Brasileiro do Rito Escocês Antigo e Aceito*, sendo extinto o Supremo Conselho do Brasil e todos os Grandes Orientes provisórios sob a jurisdição do Grande Oriente do Passeio.

Essa união corrigiu dois erros importantes: deu ao Grande Oriente do Passeio um Supremo Conselho regular, pois o seu era irregular e deu Lojas Simbólicas regulares ao Supremo Conselho do Brasil, considerando que seu Grande Oriente não era regular.

Mais uma vez, por divergências internas, o Grão-Mestre do Grande Oriente do Passeio, Alves Branco, apesar de ter o Supremo Conselho regular, mas sob o comando do Conde de Lages resolveu criar um novo Supremo Conselho mesmo que irregular, nascendo assim o *Mui Soberano Supremo Conselho ao Grande Oriente Brasileiro*. Devido a este acontecimento, o Conde de Lages, com sérios problemas de saúde passou o cargo de Soberano Grande Comendador ao, então, Conde de Caxias, em 20 de março de 1840, que logo declarou o Supremo Conselho do Brasil, independente do Grande Oriente do Passeio. Caxias ficou no comando do Supremo Conselho do Brasil, e impediu que retornasse ao Grande Oriente do Passeio. Em 1847, o conde de Caxias criou o Grande Oriente de Caxias, tornando-se uma potência regular e, provavelmente, já com a intenção de união com o Grande Oriente do Brasil, que ocorreu em 1854.

A situação do Grande Oriente do Passeio só piorou e após várias tentativas de regularizar seu Supremo Conselho junto às autoridades maçônicas internacionais, adormeceu no Rio de Janeiro em 1861. Seu Supremo Conselho permaneceu “agonizante” e funcionando de maneira independente, quando foi anexado ao Grande Oriente do Brasil em 1864.

Outra cisão ocorreria em 1863 após o afastamento de diversos maçons. Joaquim Saldanha Marinho fundava o Grande Oriente do Vale dos Beneditinos, conhecido como Grande Oriente dos Beneditinos. Uma nova tentativa de reunificação aconteceria em 1869, sob a interferência da Maçonaria portuguesa, que obteve êxito para a formação de uma comissão (formada por integrantes das duas potências) para iniciar o processo de reunificação. Os trabalhos foram encerrados em 1871, sem uma resolução face ao conflito (CASTELANI; CARVALHO, 2009).

O segmento paulista do Grande Oriente do Passeio permanecia ativo e por conflitos internos, o Dr. Pedro Ernesto de Albuquerque fundou, em

07 de setembro de 1870, o Grande Oriente Brasileiro, o qual teve curta duração, tendo encerrado suas atividades em 20 de dezembro de 1874.

Em 1852, o Grande Oriente do Brasil redigiu uma nova Constituição, muito mais severa que a de 1842, o que causou descontentamento em um grande número de seus membros, criando, dentro do Grande Oriente, um grupo rebelde chamado de “Grande Oriente Revolucionário”. Esse movimento logo foi abafado pela falta de apoio das demais Lojas.

Montezuma criou um novo Supremo Conselho em dezembro de 1854, agora irregular, chegando até a fornecer patente para a fundação de um Supremo Conselho no Uruguai que, ao descobrir a irregularidade, recorreu ao Grande Oriente do Brasil, que lhe concedeu a carta patente em 17 de julho de 1856. Esse Supremo Conselho desapareceu em 1859.

A partir de 1854, o Grande Oriente do Brasil - tendo anexado o Grande Oriente de Caxias e o Supremo Conselho do Brasil - passou a ser a única autoridade maçônica regular do Brasil, posição essa ratificada em 22 de dezembro de 1858 pelo Supremo Conselho da Bélgica que havia fornecido a patente a Montezuma.

Em 01 de maio de 1864, o Grande Oriente do Passeio e seu Supremo Conselho irregular foram anexados ao Grande Oriente do Brasil, tendo as suas atividades encerradas. Restavam dois Grandes Orientes regulares, o Grande Oriente do Brasil e o Grande Oriente dos Beneditinos, que era dissidente do Grande Oriente do Brasil. Esses dois Grandes Orientes se fundiram em 18 de janeiro de 1883, passando então o Grande Oriente do Brasil, a ser a única potência e o único Supremo Conselho Regular do Brasil, a quem, todos os maçons do Brasil deviam obedecer.

Enfim, 53 anos após a instalação da primeira Obediência, a Maçonaria brasileira se consolidaria em uma única e vigorosa potência, o Grande Oriente do Brasil.

17.10 Maçons, Padres Maçons e as Revoltas Comandadas por Eles

Neste subtítulo apenas citaremos os nomes dos maçons e padres maçons que ajudaram a construir a Maçonaria no Brasil e as revoltas por eles organizadas e comandadas. A vida e a história de cada um e das revoltas por eles comandadas estão muito bem documentadas no livro: *“Pequena História da Maçonaria no Brasil”*, de João Ferreira Durão e na literatura da história do Brasil. Faremos exceção a três nomes, Montezuma por sua importância maçônica e Dom Pedro I e o Padre Feijó por suas importâncias políticas e por também serem maçons.

17.10.1 Dom Pedro I

Pedro de Alcântara Francisco Antonio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, nasceu em Queluz, Portugal, em 12 de outubro de 1798 e morreu de tuberculose, também em Queluz em 24 de setembro de 1834.

Interessa-nos, apenas, o lado maçônico de Dom Pedro I. Dom Pedro I foi “atraído” para o Apostolado, sendo atraído para essa Instituição por José Bonifácio, numa tentativa de impedi-lo de se aproximar da Maçonaria. Dom Pedro, porém, se deu conta de que, pertencendo a essa instituição, não teria um apoio amplo para os seus planos de Independência. Achevou-se da Maçonaria, pois sentiu que, se não se aproximasse da Ordem, de ampla difusão e poder, ela mesma proclamaria a Independência do Brasil.

Atraído por Gonçalves Ledo e com o apoio de “última hora” de José Bonifácio, Dom Pedro I foi iniciado no dia 02 de agosto de 1822, na loja Comércio e Ordem, recebendo o nome de Pedro Guatimozim. Sendo essa iniciação de interesse das duas partes, já na sessão de 05 de agosto, por aclamação, Dom Pedro I foi elevado direto ao Grau de Mestre.

As divergências internas entre Gonçalves Ledo (Republicano) e José Bonifácio (Monarquista) marcaram as reuniões do mês de agosto de 1822, culminando com a nomeação de Dom Pedro I, por aclamação, para o cargo de Grão-Mestre⁸ e José Bonifácio como Grão-Mestre Adjunto, o que descontentou a muitos, acirrando os ânimos entre as duas correntes e acabou com a vitória de Gonçalves Ledo sobre José Bonifácio e a proclamação da República em 07 de setembro de 1822.

Aqui começa o outro lado da história sobre Dom Pedro I, pouco conhecida dos maçons, pois, logo em seguida, Dom Pedro I começou a mostrar a sua face de absolutista e semiditatorial, passando a cercar-se cada vez mais de auxiliares portugueses e rejeitando asperamente a aproximação dos brasileiros.

Fica a nítida impressão de que Dom Pedro I já tinha arquitetado um plano para valer-se das forças brasileiras, em especial a Maçonaria, para atingir seus planos que era, suspeita-se, decretar a Independência do Brasil, assumir a coroa de Portugal e transformar o Brasil em Colônia novamente.

Visando única e exclusivamente atingir seus objetivos, Dom Pedro I ignorou a Maçonaria e como se não bastasse, declarou-a irregular, proibindo seu exercício no Brasil, fechando todas as Lojas e os Grandes Orientes existentes. Entretanto, mesmo sem Lojas, a Maçonaria continuou trabalhando, agora, para a deposição de Dom Pedro I e a instalação da República.

Com a morte de Dom João VI e dos problemas existentes em Portugal, Dom Pedro I teve que voltar a Portugal, assumindo o trono como Dom Pedro IV. Após breve período como Rei de Portugal e Imperador do Brasil,

⁸ Título de Grão-mestre ou Grande Mestre é o mais alto grau em ordens honoríficas ou de mérito, isto é, título dado à máxima autoridade de uma Ordem, que tem poder quase absoluto, geralmente limitado no tempo por uma eleição entre os membros da ordem a que pertence.

abdicou ao trono do Brasil em nome de Seu filho, que viria a se tornar Dom Pedro II. Esses acontecimentos favoreceram a uma diminuição da perseguição à Maçonaria e ao seu recrudescimento, culminando com a proclamação da República.

17.10.2 Montezuma

Francisco Gomes Brandão, que posteriormente adotou o nome de Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, nasceu em 23 de março de 1794 e morreu em 15 de fevereiro 1870. Era médico e advogado; recebeu o título de Barão de Cachoeira pelo seu envolvimento nas lutas baianas pela Independência, ao qual recusou, mas aceitou a comenda do “Cruzeiro” (Imperial Ordem do Cruzeiro), sendo o primeiro brasileiro a receber uma Comenda. Foi eminente político, tendo se eleito para vários cargos. Com a dissolução da Assembleia Geral Constituinte em 1823, Montezuma foi preso e deportado, retornando ao Brasil entre 1830 e 1831, trazendo consigo, a patente para instalar um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito. Foi figura central na política do segundo reinado e destacado maçom.

17.10.3 Padre Feijó

Sacerdote católico e estadista brasileiro, Diogo Antonio Feijó nasceu em São Paulo, em 17 de agosto de 1784; ordenou-se padre em 1809, ficando conhecido como Padre Feijó. Foi iniciado na Maçonaria em 1833, na Loja Amizade (São Paulo), filiada ao Grande Oriente do Passeio. Além de padre e maçom, foi grande político e regente do Príncipe Dom Pedro II, acumulando cargos eletivos ou não dentro do Segundo Reinado.

Quando eclodiu a Revolução Liberal (1842), em Sorocaba, São Paulo, Feijó manifestou-se a favor dos rebeldes. Tendo Duque de Caxias sufocado a revolta, todos fugiram menos Feijó, já em uma cadeira de rodas. Duque

de Caxias o teria perdoado por ter sido Padre Feijó seu superior e por ele ser um irmão maçom. Há quem conteste esta versão.

17.10.4 Outros maçons famosos

Bento Gonçalves,
Domingos José Martins,
Evaristo da Veiga,
Hipólito da Costa,
Joaquim Gonçalves Ledo,
José Bonifácio de Andrade e Silva,
José Clemente Pereira,
Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias),
Manoel de Carvalho Paes de Andrade,
Nicolau de Campos Vergueiro,
Saldanha Marinho.

17.10.5 O clero maçônico

Bispo Dom José da Cunha Azeredo,
Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro (Pe. Miguelzinho),
Padre Luiz Cavalcante,
Padre João Pessoa Montenegro,
Padre Belchior Pinheiro de Oliveira,
Padre Roma,
Cônego Januário da Cunha Barbosa,
Frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio,
Cônego João Batista Campos,
Padre Manoel de Arruda Câmara,
Manoel José Rodrigues de Carvalho Coleta,
Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca (Frei Caneca),
Frei Isidoro de Santa Tereza Brito,
Cônego João Batista Campos.

17.10.6 Revoluções e revoltas

Conjuração Mineira e Conjuração Baiana (antes do surgimento das Lojas), Conspiração de Suassunas (1801), Revolução Pernambucana (1817), confederação do Equador, Pe (1824), Revolução Farroupilha (1835), Sabinada (1837), Cabanagem (1833), Balaiada (1838), Revoluções Liberais (1842).

17.11 Apontamentos

Nesse subtítulo, colocamos algumas citações de autores e acontecimentos que não se encaixavam em outros subtítulos, mas que achamos importante citá-los. Todos pertencem ao livro *Pequena História da Maçonaria no Brasil*, de João Ferreira Durão (2008) e o número entre parênteses é o da página do livro.

1. Ousamos afirmar que não era a Maçonaria que se infiltrava na política para realizar os ideais maçônicos. Era a política que se infiltrava na Maçonaria para realizar seus propósitos políticos. Talvez desde aquela época, houvesse muitos políticos contaminados pelos interesses particulares e de grupos, além da inevitável ânsia pelo poder, que, de fato, ainda estava com a Maçonaria. Os puros ideais maçônicos, ainda hoje cultivados pela Maçonaria Universal, foram desde logo marginalizados (2008, p. 219).
2. Alvará de 30 de março de 1818: Dom João VI proíbe as sociedades secretas no Brasil.
3. No início do século XIX, o Iniciado adquiria um nome maçônico, geralmente um nome heroico. Este costume foi abandonado posteriormente.
4. O primeiro ritual impresso no Brasil foi publicado no princípio de 1834, com o nome de *Reguladores do Rito Francez - Graos Simbólicos*. Como desafio, no mesmo ano, foi publicado o primeiro Ritual Maçônico Escocês, sob o título de *Guia dos Maçons Escocezes ou Reguladores dos Três Grãos Simbolicos do Rito Antigo e Aceito* (grafia da época). A fonte não especifica qual Grande Oriente publicou os decretos.

5. O primeiro consistório brasileiro foi fundado em 01 de setembro de 1837, com o nome de *Mui Poderoso Consistório de Príncipes do Real Segredo Número 1*, o qual opera com grande brilho e dignidade até os dias atuais, como Corpo da Maçonaria Administrativa do Supremo Conselho do Brasil.

17.12 A Maçonaria no Brasil no Século XX

A história do surgimento e da organização da Maçonaria no Brasil priorizou como protagonista o Grande Oriente do Brasil, primeira potência maçônica fundada no país, em 1822. Antes do Grande Oriente do Brasil existiam tentativas de fixar a instituição no país, isoladas pela distância geográfica e por iniciativas esparsas. Somente com a fundação do Grande Oriente do Brasil, a Maçonaria passou a ser um grupo estratégico nacional, sobretudo em relação à política e às forças armadas.

A unidade institucional, entretanto, não durou muito, uma vez que o Grande Oriente do Brasil é marcado pela fragmentação política ao longo dos anos, em cisões que duraram tempo determinado e outras duas que permanecem até hoje: a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil e suas Grandes Lojas estaduais e da Confederação Maçônica do Brasil.

17.12.1 A criação das Grandes Lojas ou primeira grande cisão

No início do século XX, o Brasil tinha apenas um Grande Oriente e um Supremo Conselho regular, ambos sob o comando do Grande Oriente do Brasil.

Nesse período, o Supremo Conselho e o Grande Oriente existiam como instituições distintas, mas com a mesma administração, ou seja, o Grão-Mestre do Grande Oriente era também o Supremo Grande Comendador do Supremo Conselho e o Grão-Mestre adjunto do Grande Oriente, exercia também o cargo de Lugar Tenente do Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho.

O arranjo foi oficializado na Constituição de 24 de fevereiro de 1907, pelo Grande Oriente do Brasil e pelo Estatuto do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Na III Conferência de Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito, realizada em Lausanne (Suíça), entre 29 de maio e 02 de junho de 1922, ficou definido que os Supremos Conselhos (Filosóficos) ficariam independentes dos Grandes Orientes (Simbólicos). A partir de então, deveria haver uma eleição para a administração do Supremo Conselho e outra para o Grande Oriente.

Seguindo as tendências da Maçonaria mundial, Mario Marinho de Carvalho Behring⁹, mesmo antes do III congresso da Suíça, iniciou as mudanças eleitorais, visando à adaptação a essas regras na Maçonaria Brasileira.

Em 21 de janeiro de 1921, morreu o Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil e Lugar Tenente do Supremo Conselho. Diante do fato, foi realizada uma Assembleia Geral para a eleição de seu substituto. Concorreram ao cargo, José Maria Moreira Guimarães, apoiado por quase todas as Lojas paulistas e Mario Behring, como candidato do poder central.

Mario Behring saiu vencedor, apesar das reclamações do Grande Oriente de São Paulo, uma vez que várias atas de Lojas paulistas haviam sido impugnadas, o que determinou a vitória de Behring. (Existem historiadores que afirmam que realmente ocorreu fraude nesta eleição).

Apesar de eleito para o cargo de Grão-Mestre Adjunto e ter, por consequência, o direito de ocupar o cargo de Lugar Tenente no Supremo Conselho, Behring exigiu que o Supremo Conselho realizasse uma eleição

⁹ Ou Irmão Mário Behring, nasceu em Ponte Nova (MG), mudou-se para o Rio de Janeiro ainda jovem onde cursou o Colégio Pedro II deixando como legado as Grandes Lojas Estaduais que formam a Confederação da Maçonaria Simbólica (CMSB) do Brasil e o Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil devidamente regularizado, operando como os demais Supremos Conselhos do mundo.

para o cargo. Mesmo sem haver essa necessidade pelos Estatutos vigentes, a eleição foi realizada e Behring foi eleito Lugar Tenente. O fato repetiu-se em fevereiro de 1922, quando Behring foi eleito Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. Mesmo tendo o direito a ocupar o cargo de Supremo Grande Comendador do Supremo Conselho, exigiu uma nova eleição no Supremo Conselho.

Seguindo as tendências mundiais, Behring foi eleito, separadamente, para os dois cargos. Porém, ainda havia uma irregularidade a ser sanada: apesar de duas eleições, a mesma pessoa ocupava os dois cargos, o que não gerava a “independência” das entidades, preconizada pelos Grandes Conselhos Mundiais. Todavia, estava dado o primeiro passo na busca pela regularidade internacional, fato que só ocorreu em 1927, com a criação das grandes Lojas estaduais, definindo a separação definitiva entre Lojas Simbólicas e Lojas Fisiológicas. O Grande Oriente do Brasil só reconheceu este fato em 23 de maio de 1957, quando passou a ter as duas entidades separadas.

Em 13 de junho de 1925, Behring deixou o cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, permanecendo apenas como Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho. Em 04 de abril de 1926, foi aprovado o Estatuto do Supremo Conselho, o qual dava maior independência entre os poderes.

Tudo mudou em 1927, quando Otavio Kelly foi eleito para Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, que declarou que estava decidido a assumir também o cargo de Supremo Grande Comendador, tendo para tanto, agendado uma reunião para o dia 20 de junho de 1927, iniciando uma disputa interna mais uma vez.

Mario Behring, astutamente, adiantou-se ao seu oponente e convocou uma reunião extraordinária do Supremo Conselho para o dia 17 de junho, uma sexta-feira, na qual algumas decisões importantes foram

tomadas, como: a de expedir as Cartas Constitutivas para as Grandes Lojas que estavam sendo criadas nos estados da Federação; o rompimento das relações com o Grande Oriente do Brasil; e a decisão de que o cargo de Soberano Grande Comendador seria eleito pelos membros efetivos do Supremo Conselho; e que bastava ser Mestre para ser Grão-Mestre das Grandes Lojas.

Era o Supremo Conselho o legítimo detentor do Rito Escocês Antigo e Aceito perante os outros 35 Supremos Conselhos mundiais, com os quais, Behring mantinha um profícuo relacionamento, o que tornou legítima a emissão das Cartas Constitutivas para as Grandes Lojas e destas, para suas respectivas Lojas.

Em 22 de maio de 1927, era criada a primeira Grande Loja, a do estado da Bahia. Em 29 de abril de 1829, ocorreu a IV Conferência Mundial dos Supremos Conselhos e Behring conseguiu se cadastrar como o representante do Brasil, chegando e se inscrevendo antes dos representantes do Grande Oriente do Brasil.

17.12.2 A segunda grande cisão

Mais uma vez, a disputa interna pelo poder dentro do Grande Oriente do Brasil, determinou uma separação no ano de 1973. Foi uma disputa pelo cargo de Grão-Mestre Geral, quando concorriam ao cargo pela situação, Osmane Vieira de Resende (ES) e pela oposição, Athos Vieira de Andrade (MG). A situação, usando de seu poder, promoveu suspensões, expulsões e fechamento de lojas que apoiavam a oposição e favoreceu os aliados com perdão de dívidas e isenção de taxas. Apoiavam a oposição todos os estados exceto o Maranhão, que junto com o poder central compunham a situação.

Mesmo com toda esta ação irregular, a situação perdeu por larga margem de votos. Não satisfeita com o resultado, a comissão apuradora anulou 85% dos votos destinados a Athos e declarou Osmane o vencedor.

Diante da situação, dez Grão-Mestres se reúnem no Rio de Janeiro, tomando a decisão de “desfederalizar” seus Grandes Orientes Estaduais, fundando então, a Confederação Maçônica Brasileira (COMAB).

17.12.3 A Maçonaria durante a era Vargas e no Regime Militar

Antes de entrarmos diretamente na era Vargas, se faz de suma importância que conheçamos algumas atitudes tomadas pelo Grande Oriente do Brasil, que foram determinantes para a ação de Vargas contra a Maçonaria.

Em 1892, o Grande Oriente do Brasil emite o seu primeiro boletim se declarando a favor do socialismo e, em 1917, patrocina algumas conferências maçônico-socialistas. Antes, em 1909, já havia se disposto a aceitar como membros ateus. Como a aceitação de ateus ia de encontro às normas da Maçonaria internacional, esta interveio exigindo a revogação dessa Orientação. Evidentemente, a aceitação de ateus como membros era uma posição contra a Igreja, que estava aliada ao governo.

Em 24 de outubro de 1930, Getúlio Vargas, após perder as eleições para Washington Luiz assumiu¹⁰ o governo através de um golpe militar.

Em 23 de outubro de 1937, Getúlio Vargas decreta o estado de sítio. Grande conhecedor que era da História do Brasil e da ação da Maçonaria nos mais variados movimentos de libertação, bem como daquele veio socialista anteriormente anunciado, decreta o fechamento de todas as Lojas maçônicas do Brasil, sendo que as poucas Lojas que funcionavam era na clandestinidade.

Buscando melhorar sua imagem junto ao governo, em 03 de março de 1938, o Grande Oriente do Brasil muda seu lema para *Ordem, Fraternidade e Sabedoria*, tentando se desvincular do socialismo implícito no

¹⁰ Penúltimo presidente maçom eleito, o último foi Jânio Quadros.

lema oficial. Essa ação surtiu pouco efeito, em 02 de junho de 1938, o Grande Oriente do Brasil decreta a expulsão automática de todos os maçons socialistas, os mesmos devendo delatar seus irmãos para o governo, fenômenos nunca existido na Maçonaria, nem na Alemanha durante a Primeira e a Segunda Grandes Guerras.

Essa atitude pouco maçônica agradou ao governo e em 1939, as Lojas começaram a ser liberadas para funcionamento. O Grande Oriente do Brasil chega ao cúmulo do “puxa-saquismo” ao oferecer o cargo de Grão-Mestre ao Cel. Valentim Benício que era profano, mas, num ato de extrema felicidade e honestidade, negou-se a aceitar.

Quanto à ditadura militar implantada em 1964, o Grande Oriente do Brasil fez uso de seu aprendizado com a ditadura Vargas e se posicionou a favor de maneira incondicional. Nunca é demais lembrar que nos anos mais duros da ditadura, o Grande Oriente do Brasil manteve em seus quadros homens da repressão. É o que fica patente em um documento da Polícia Política, encontrado durante pesquisas da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro (CEV-Rio) no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro (Aperj).

Relembre-se da carta dirigida ao Coronel Diretor do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), no ano de 1970, um dos mais duros do regime. Um ex-funcionário do DOPS denuncia o diretor do Grande Oriente do Brasil, Moacyr Arbex Dinamarco¹¹, delatando que a Loja está cheia de “[...] elementos que, por força de sua profissão seriam subversivos, comunistas e corruptos” (ASSIS, 2017).

Em 19 de março de 1964, aconteceram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, também conhecida por Marcha das Carolas, pois

11 Maior autoridade maçônica, o Soberano Grão-Mestre Geral do Grande Oriente. “[...] Grão-Mestrado Geral do Grande Oriente do Brasil possibilitou às organizações maçônicas, sob sua administração, prestarem decidida colaboração às grandes iniciativas do Governo Revolucionário, visando à erradicação do analfabetismo; ao combate do uso dos tóxicos e à oficialização do Ensino de Moral e Cívica nas escolas do País” (RECIFE, DECRETO n° 9.826, de 10 de novembro de 1971).

eram puxadas pelas mulheres que “viviam” na igreja e apesar da incompatibilidade da Igreja com a Maçonaria, muitas Lojas participaram dessas marchas.

Essas marchas eram estimuladas e patrocinadas pela Igreja, que era contra João Goulart por medo da implantação do comunismo. Este movimento apressou os militares a derrubar o governo. Assim, em 01 de abril de 1964, acontecia o golpe de estado e a implantação da ditadura militar. Tentando não sofrer a perseguição ocorrida na era Vargas, o Grande Oriente do Brasil se apressa a tomar uma posição e já em 03 de abril, se manifesta a favor do novo governo.

Dessa forma, nesse período conturbado de nossa História, a Maçonaria não sofreu restrições e pode seguir seu caminho sem percalços.

17.12.4 As grandes Lojas no Rio Grande do Sul

As Grandes Lojas iniciaram-se no Rio Grande do Sul em 08 de janeiro de 1928, quando quatro Lojas do Sul do estado, reuniram-se em Bagé e decidiram acompanhar esta nova tendência mundial de separação entre a Maçonaria Vermelha e a Maçonaria azul, criando assim a Grande Loja Simbólica do Rio Grande do Sul. As quatro Lojas eram:

1. Loja Rocha Negra, de São Gabriel,
2. Loja Caridade Santanense, Santana do Livramento,
3. Loja Fraternidade de Pelotas,
4. Loja Amizade de Bagé.

A numeração foi concebida por sorteio. A Loja Amizade nº 4 permaneceu por curto espaço de tempo, retornando ao Grande Oriente do Brasil, ao qual é obediente até hoje. Por ter sido a líder deste movimento, a Loja Fraternidade nº 3 teve a hora de eleger um de seus obreiros como o

primeiro Grão-Mestre e a escolha que recaiu sobre o irmão Manoel Serafim Gomes Freitas.

Nos primeiros anos, Pelotas ficou como a sede da Grande Loja, período em que a mesma foi estruturada. De 1934 a 1936, a sede ficou em Bagé, de 1936 a 1939, a sede ficou em Porto Alegre, de 1939 a 1942, retorno a Pelotas, quando então retornou para Porto Alegre, tornando-se a sede definitiva.

17.13 A Questão Religiosa

Apesar da edição da Bula Papal “*in eminenti apostulatus specula*”, pelo Papa Clemente XII, em 24 de abril de 1738, a qual proibía qualquer católico de ser maçom, sob severas penas, não nos parece que tenha havido um reconhecimento e um respeito a ela, nem pelos católicos, bem como pelo Clero, como veremos a seguir.

No início do século XIX, a Maçonaria foi perseguida severamente por Portugal e não pela Igreja, pois uma grande parte do Clero, ou era ou tornou-se maçom e tomou parte dos principais movimentos libertários. Essa partição do Clero na Maçonaria ou era desconhecida da Igreja, ou simplesmente negligenciada, ignorando essa parceria proibida.

Esta trégua ou vista grossa da Igreja com a Maçonaria e com o Clero maçom durou até 02 de março de 1872, quando o Grande Oriente do Brasil realizou uma sessão solene para comemorar a Lei do Ventre Livre ou Lei Visconde do Rio Branco para homenagear este, que era o Grão-Mestre e Grande Comendador. Pronunciaram-se na ocasião, o Venerável Mestre da Loja Esperança e seu orador, o padre José Luiz de Almeida Martins, cujos discursos enaltecera a Maçonaria pela sua participação na luta abolicionista.

Ambos os discursos foram amplamente divulgados nos jornais da Corte, o que trouxe sérios transtornos ao gabinete do Visconde de Rio

Branco e ao padre José Luiz, pois o bispo diocesano do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria Lacerda, ao tomar conhecido do conteúdo do discurso do padre, reagiu violentamente, advertindo o padre e exigindo que ele abandonasse a Maçonaria. Na ocasião o Papa era Pio IX, árduo crítico da Maçonaria.

Como o padre José Luiz negou-se a cumprir as ordens do bispo, esse o suspendeu das ordens, proibiu-lhe o uso do púlpito e do confessionário. Essa decisão foi tomada baseando-se no Consistório Secreto de 25 de setembro de 1865.

A referida ação do Bispo acabou unindo o Grande Oriente do Brasil e o Grande Oriente dos Beneditinos, que vinham em conflito, em defesa do padre José Luiz. O Grande Oriente dos Beneditinos, comandado por Saldanha Marinho, emitiu em 27 de abril de 1872, um manifesto em nome da Maçonaria (sem a anuência do Grande Oriente do Brasil). Nesse manifesto, Saldanha Marinho deixa de lado qualquer diplomacia, foi anticlerical e agrediu violentamente a Igreja.

Em contraponto aos elogios feitos à Maçonaria, a Igreja reagiu com a edição do livro *A Maçonaria Revelada Por si Mesma, No Manifesto do Grande Oriente Brasileiro*, de autoria do padre João T. G. Mourão, impresso no Pará e que recebeu todo o apoio do bispo paraense Dom Antonio de Macedo Costa.

A crise persistia e para piorar, chega ao Recife, o bispo Vital de Oliveira, vindo da Europa e seguidor das ideias do Papa Pio IX, ainda ressentido pela ação de Garibaldi (maçom), na luta pela unificação da Itália, em 1870. Pio IX julgava a Maçonaria responsável por esta unificação¹². O bispo de Recife suspendeu todos os padres maçons e

¹² Recomendamos a leitura sobre esse assunto na Literatura para melhor se entender a disputa entre a Igreja e o povo italiano.

determinou que todos os maçons fossem expulsos das irmandades. Não sendo mais uma vez atendido, lançou um interdito contra as capelas e igrejas rebeldes, as quais apelaram para a coroa.

As capelas obtiveram ganho de causa junto ao Conselho de Estado que, em 12 de julho de 1823, determinou ao bispo o levantamento do interdito. Dessa vez, quem não obedeceu foi o bispo, alegando incompatibilidade entre a Igreja e a Maçonaria. Rio Branco, na qualidade de chefe do Conselho de Ministros e Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho, não concordou com as alegações do bispo, afirmando que “[...] a Maçonaria não é uma sociedade antirreligiosa e funesta a instituições sociais”.

Diante da insubordinação legal, Dom Vital, bispo de Recife e Dom Antonio Macedo Costa, bispo do Pará, foram presos em 1874 e condenados a 4 anos de prisão em regime de trabalho forçado, pena esta que foi revertida para prisão simples, e em 17 de setembro de 1875, por decreto imperial, foram anistiados.

A igreja não se deu por rendida e persistiu orientando as paróquias a expulsarem os maçons membros de suas irmandades. Esta perseguição chegou a tal ponto que, em 1876, o Duque de Caxias foi expulso da Irmandade da Santa Cruz dos Militares, onde era provedor e membro da mesa administrativa, sob a alegação de ser um *Maçom Pestilento*, como se ele nada houvesse feito pelo Brasil e pela Igreja.

Essa é a versão que nos traz o irmão João Ferreira Durão, em seu livro, *Pequena História da Maçonaria no Brasil*. Vejamos agora a versão da Igreja, no livro *Maçonaria e Igreja Católica* (1996), de autoria do bispo Dom João Evangelista Martins Terra.

As razões básicas do conflito são as mesmas e as narrativas também são semelhantes, porém, a reação da Maçonaria contra a Igreja é muito mais exacerbada na versão da Igreja e até um tanto teatralizada, quando

compara a união dos dois Grandes Orientes, sempre em litígio, contra a Igreja, com a união de Pilatos com Herodes contra Cristo.

Outro ponto de discórdia entre as duas fontes, refere-se ao tamanho reação da Maçonaria frente à ação da Igreja contra ela. Segundo Durão (2008), a reação foi intensa, mas restrita ao Rio de Janeiro. Segundo Dom João Evangelista, as agressões maçônicas contra a Igreja teriam ocorrido em todo o território nacional, atacando todos os dogmas do Catolicismo, especialmente a Doutrina da Trindade, a divindade de Cristo, o Santíssimo Sacramento etc., referindo-se, ainda, a um tratamento jocoso aos padres por parte dos maçons.

Dom Vital¹³, Bispo do Recife, assim se manifesta sobre a Ordem “[...] até 1872, a Maçonaria no Brasil respeitou a religião católica. Introduziu-se no Clero, nos conventos, nos cabidos¹⁴, nas Confrarias. Mas quando teve um Grão-Mestre à frente do governo nacional [...] julgou oportuno atacar a Igreja”. Para quem é maçom e católico, fica fácil concluir que o grande problema nessa “intolerância”, é que a Igreja não consegue rever a questão de uma maneira lúcida e imparcial, ficando apegada aos fatos ocorridos e relatados, talvez, tendenciosamente, por ambos os lados há aproximadamente 150 anos.

Repensemos os fatos. A Igreja rompe unilateralmente com a Maçonaria em 1738, sem uma causa clara. Segundo os dois relatos acima citados, foi a Igreja que se levantou contra o discurso do padre José Luiz e o obrigou a abandonar a Maçonaria e, não atendida, retirou dele seus Direitos canônicos. Após esta pena imposta pela Igreja ao padre maçom, é que a Maçonaria reagiu e se manifestou. A Maçonaria não poderia atacar os dogmas católicos como referidos no livro de Dom João, pois admitia

¹³ Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo capuchinho brasileiro, nasceu em 27 de novembro de 1844, no Engenho Aurora, Pedras de Fogo, freguesia de Itambé, Pernambuco, divisa com a Paraíba.

¹⁴ Conjunto de clérigos de uma catedral, igreja ou colegiada; capítulo (assembleia) de uma congregação ou ordem.

padres e católicos em seu seio e, portanto, deveria respeitar as suas convicções religiosas. E por fim, como vimos em todo o Capítulo 18, não foi a Maçonaria quem se infiltrou na Igreja e na Política, e sim os políticos e os padres com ideias libertárias, entraram na Maçonaria, por encontrar nela um ambiente propício ao exercício de seus ideais.

Apesar de toda esta pendenga, fica uma pergunta: *Em algum momento da história, a Maçonaria adentrou-se na Igreja e tentou mudar sua doutrina e seus ritos?* O que os fatos nos mostram, é que o que ocorreu, foi mais uma das tantas guerras de poderes e pelo poder e cujo resultado compromete e complica a vida dos maçons católicos até os dias de hoje.

Apêndices

Apêndice 01: Fatos que Demonstram a Relação Respeitosa da Maçonaria com a Igreja

Os parágrafos abaixo relacionados foram retirados do livro “*A Origem da Maçonaria: O século da Escócia*”, de David Stevenson (2005).

- a) “Os pedreiros medievais também se organizavam em guildas e seus documentos históricos associavam intimamente as características do Ofício com conceitos religiosos e morais” (p. 22).
- b) “Os manuscritos do Antigo Deveres sempre começam com uma colocação padrão, que era uma breve invocação ou oração em nome Deus Pai, Filho e Espírito Santo” (p. 39).
- c) “Os Seton, grandes defensores de William Schaw, eram católicos e se ofereceram para tentar restabelecer a religião católica na Escócia” (p. 49).
- d) “Os dois oficiais de Kilwinning eram obrigados a excluir de sua sociedade e companhia todos os maçons que fossem desobedientes à Igreja ou à Arte” (p. 66).
- e) “Os inspetores das Lojas eram responsáveis pelos presbíteros de seus condados” (p. 72).
- f) “William Sinclair, grande protetor dos Maçons, era católico e foi perseguido pelos protestantes” (p. 76).
- g) “Foi, portanto, compreensível o fato de que, em Edimburgo, a maioria dos artesãos líderes, permaneceu obstinadamente católica após a Reforma Protestante” (p. 154).
- h) “A Igreja não tinha necessidade de perseguir as Lojas, porque elas não ameaçavam sua autoridade exclusiva, em termos de religião” (p. 156).
- i) “[...] que segundo seu julgamento, não há pecado nem escândalo nessa palavra, uma vez que, nos mais puros momentos desta Igreja, Maçons com a

- Palavra já foram e continuam sendo anciãos de nossas sessões e muitos professores com a palavra são diariamente admitidos às ordenações” (p.160).¹
- j) “As três janelas (interior da Loja) teriam o intuito de lembrar a Trindade. Alguns catecismos impressos os associavam ao Pai, Filho e Espírito Santo” (p. 174).
 - k) “[...] o Cristianismo veio do Leste e a arte maçônica nascera também lá” (p. 176). ²
 - l) “Primeiro, ao entrar novamente em Loja, ele deve fazer uma ridícula reverência, depois o sinal e dizer - Deus abençoe a honorável companhia” (p. 188).
 - m) “Mas o homem ao qual se referiam como inspetor, agora é chamado de diácono” (p. 235).
 - n) “Os segundos Estatutos de Schaw indicavam que as reuniões da Loja de Kilwinning sempre deveriam acontecer na paróquia” (p. 248).
 - o) “O fato de um ou dois membros de uma Loja serem católicos, é considerado evidência de uma atitude tolerante para com as religiões” (p. 260).
 - p) “Em outro aspecto, a Guilda era uma confraternidade ou irmandade religiosa, que geralmente empregava um padre, e usava um altar em uma Igreja local, dedicado ao Santo padroeiro da Arte, em cujo dia eram celebradas missas especiais e realizadas procissões” (p. 32).

Apêndice 02: Lojas Maçônicas Escocesas Antes de 17103

1. Aitchison's Haven, 9 de janeiro de 1599.
2. Edinburgh, 31 de julho de 1599.
3. St. Andrews, 27 de novembro de 1599.
4. Kilwinning, 28 de dezembro de 1599.
5. Stirling, 28 de dezembro de 1599.
6. Haddington, 1599.
7. Dunfermline, 1600-1.
8. Glasgow, 31 de dezembro de 1613.

¹ A respeito de um jovem ter a Palavra de Maçom e poder entrar para o ministério.

² Por que o trabalho em Loja ocorre ao leste.

³ Especificadas pelas datas das primeiras referências conhecidas.

9. Dundee, 1627-8.
10. Linlithgow, 02 de março de 1654.
11. Scone Perth), 24 de dezembro de 1658.
12. Aberdeen, 1670?
13. Melrose, 28 de dezembro de 1674.
14. Conangate Kilwinning, 20 de dezembro de 1677.
15. Inverness, 27 de dezembro de 1678.
16. Dumfries, 20 de maio de 1687.
17. Canongate e Leith, Leith e Canongate, 29 de maio de 1688.
18. Kirkcudbrig, c. 1691?
19. Hamilton, 25 de março de 1695.
20. Dunblane, abril de 1695.
21. Kelso, 02 de junho de 1701.
22. Haughfoot, 22 de dezembro de 1702.
23. Banff, 1703.
24. Kilmolymonck (Elgin), 27 de dezembro de 1704.
25. Edinburgh Journeymen, 1707.

Apêndice 03: *Ordens Contemporâneas ao Fim dos Templários*

- 1- Colégio invisível.
- 2- Sociedade Real.
- 3- Cátaros.
- 4- Guarda Escocesa (Ordem do Templo).
- 5- Hospitalários (São João de Jerusalém).
- 6- Rozacruz.
- 7- Sociedades Secretas.
- 8- Maçonaria?

Apêndice 04: *Ciências Consideradas “Misteriosas” que poderiam ter Influenciado a Maçonaria*

1. O Conhecimento Oculto.
2. A doutrina Sagrada.

3. Tradições Místicas.
4. Geometria Sagrada.
5. Hermitismo.
6. Pensamento Oculto.
7. Renascença.
8. Iluminismo.

Apêndice 05: *Qual “São João” é o nosso Padroeiro?*

Como sabemos, a maçonaria tem como padroeiro São João, por isso, suas Lojas são conhecidas por “Lojas de São João”. Porém, existem muitas divergências quanto ao qual São João seria o padroeiro da ordem.

A Literatura cita vários “São Joãos”, mas ao se investigar mais atentamente, conseguimos selecionar os três São Joãos mais prováveis: São João Batista, São João Evangelista e São João de Jerusalém, o Smoller.

Cada autor tenta justificar sua escolha, baseado mais em suas conclusões, do que em uma bibliografia consistente, daí a necessidade de conhecermos bem cada um dos São Joãos, antes de apontarmos uma escolha.

São João Batista: o primo de Jesus, o que veio antes para aplainar os caminhos, o que não é digno de desamarrar suas sandálias, o que batizou Jesus no rio Jordão. Portanto, íntimo de Jesus e grande conhecedor de sua pregação.

São João Evangelista: o João Apóstolo, escolhido por Jesus, discípulo fiel que o acompanhou durante toda a sua pregação, assistiu sua morte, confirmou sua ressurreição e foi evangelizar, enviado pelo Jesus ressuscitado. Por isto também, grande conhecedor da sua mensagem.

São João Smoller: este São João é muito pouco conhecido dos cristãos. Nasceu em Amanhut, Chipre, no ano de 550, filho de família muito rica foi elevado ao posto de Patriarca de Alexandria. Sem abdicar de suas

posses, as usou para fazer benemerências, ajudando muito os pobres de sua terra, a quem chamava de “meus senhores”. Usou sua fortuna também para fundar hospitais e hospícios em Jerusalém. Por esta vida voltada ao próximo, a Igreja o tornou santo.

Em 1070, os monges Beneditinos fundaram a Ordem de Malta ou Cavaleiros Hospitalários, oficialmente, a Ordem Soberana e Militar Hospitalária São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta, hoje, Ordem de Malta. Esta instituição católica tinha como objetivo prestar socorro aos feridos das batalhas das cruzadas.

Esta Ordem escolheu como patrono São João de Jerusalém, por sua ação na benemerência muito semelhante aos objetivos da Ordem. Por sua ação, acabou ficando muito próxima dos Cruzados, quase que se fundindo com eles. Como a História nos mostra que os Cruzados se transformaram nos Templários e a Maçonaria teria se originada dos Templários, criou-se então a possibilidade deste São João, o Smoller, ser o padroeiro da Maçonaria, mas não é bem assim, como veremos.

Antes de entrarmos nos argumentos específicos de cada São João, vale a pena revermos o conceito fiel de maçom: palavra de origem francesa que significa “pedreiro livre”.

Os argumentos que defendem São João Smoller, citam como fator principal, a sua ação na benemerência, a qual seria muito semelhante à exercida pela Maçonaria.

Porém, se lembramos de que a Maçonaria tem por base de sua Doutrina/Filosofia, a Caridade e a Humildade e cobra de seus membros uma Fé no Ser Superior, semelhantes ao Cristianismo, fica difícil aceitar este argumento, pois os outros dois São Joãos, também as teriam exercido de maneira intensa, pela convivência que tiveram com Jesus. Portanto, este argumento não se sustenta por si só.

Alegam ainda que São João Batista está ligado ao solstício de inverno, pois seu aniversário é comemorado no dia 24 de junho e São João Evangelista ao solstício de verão, tendo seu aniversário comemorado em 27 de dezembro e que apenas por serem famosos é que estariam relacionados com a Maçonaria. Dois erros a meu ver: o primeiro, o Batista e o Evangelista foram santos ativos e próximos de Cristo, mais até que o Smoller, e o segundo erro, por que não fecha com a Maçonaria escolher um patrono só por que ele é famoso.

A Carta de Bolonha é considerada o documento mais antigo sobre Maçonaria já encontrado, tendo sido redigida em 08/08/1248, a qual reforça a tese de que a Maçonaria surgiu a partir das Guildas de Pedreiros e Escolas de Construção Romanas. Não há menção documental à influência direta das Ordens de Cavalaria na Maçonaria e, tampouco, evidências concretas de que São João Smoller seja, de fato, padroeiro da maçonaria.

Na revista católica *Suprema Lex*, nº 3, jan./jun. 2012, encontramos essa colocação: “[...] aos 24 de junho de 1717, festa de São João Batista, padroeiro dos pedreiros medievais, quatro lojas maçônicas de Londres se uniram e fundaram a *Grande Loja de Londres*”.

Por outro lado, William Schaw editou seus dois Estatutos no dia 28 de dezembro, um dia após a data comemorativa de São João Evangelista e se observarmos a data da fundação das primeiras Lojas escocesas (Apêndice 02), veremos que um grande número ocorreu no dia 27 ou 28 e outras próximas deste dia, “sugerindo” que o santo protetor seria São João Evangelista.

Quando estudamos a origem da Maçonaria e a sua divisão em Jacobita e Hanoveriana e o antagonismo entre elas, podemos concluir que o São João Evangelista era o protetor da Maçonaria Jacobita e que a Hanoveriana teria escolhido São João Batista, justamente para se diferenciar de sua “irmã” tão contestada pela corte.

Alguns autores colocam a possibilidade de considerarmos São João Batista como padroeiro dos aprendizes, por representar “aquele que inicia”, “que batiza” e São João Evangelista o padroeiro dos companheiros, por ser “aquele que ensina”. Porém, estas colocações mais se parecem com um arranjo na tentativa de ajustar os dois santos à maçonaria.

O certo é que, pelos indícios mais concretos, o patrono (padroeiro) da Maçonaria deveria ser São João Batista, mas pelo que sentimos na pesquisa, a unanimidade está longe de ser alcançada.

Observação:

O rito Adhonoramita tem como patrono São João Smoller.

Apêndice 06: A Origem do Termo Grande Arquiteto do Universo

O termo Grande Arquiteto do Universo, é usado pela Maçonaria para identificar Aquele que é Deus, que é o Criador, respeitando a fé de cada maçom. Sua definição está acima de qualquer credo religioso e a crença neste Ser Supremo é ponto indiscutível para que uma pessoa possa ser iniciada.

Como é uma escola de filosofia de moral e bons costumes, a Maçonaria não pretende concorrer com nenhuma religião, exigindo apenas a crença em um ser superior, criador de tudo e de todos. Importante, *esta crença deve ser anterior ao convite.*

Mas de onde vem o termo? É só a Maçonaria que faz uso dele?

O “Timaeus” de Platão aparece como a mais antiga citação conferindo igualdade entre o Criador e o “Arquiteto do Universo”. Nessa obra, Platão chama o Criador de “Tekton”, que significa “artesão” ou “construtor”. Assim, Arche-Tekton significa “Mestre Artesão” ou “Mestre Construtor”. Para Platão, o Arche-Tekton trabalhou o cosmo por meio da geometria.

O conceito de Deus como o Grande Arquiteto do Universo tem sido empregado muitas vezes no Cristianismo. Ilustrações representando Deus como o Arquiteto do Universo podem ser encontradas em Bíblias desde a Idade Média.

São Tomás de Aquino e outros teólogos sustentam que existe um Grande Arquiteto do Universo, a *Primeira Causa* e que este é Deus.

João Calvino, pastor protestante e um dos mentores da Reforma Protestante, publicou em 1536, a obra “Instituto da Religião Católica”, na qual ele se refere repetidamente a Deus, como o Grande Arquiteto do Universo.

O Dr. John Dee, médico, filósofo, cientista, astrólogo, alquimista, cabalista, matemática etc., influente “homem da Renascença”, escreveu em 1570, um prefácio para uma tradução da obra de Euclides e aí, ele se refere a Jesus Cristo como “o nosso Arquimestre celestial”.

Até pastores Evangélicos, em pregações, citam passagens da Bíblia que identificam a denominação Grande Arquiteto do Universo como Deus.

Conclamando para eles, o direito de também fazer uso do termo, pois ele já existiria antes da Maçonaria existir, acusando a Maçonaria de ter se “apossado” dele.

Assim sendo, vemos que o termo Grande Arquiteto do Universo não é propriedade exclusiva da Maçonaria. Provavelmente, quando os pensadores começaram a se dar conta da perfeição do mundo, sem acesso a explicações convincentes, já começaram a imaginar e a acreditar na existência de um Ser Superior e perfeito e como o grande *construtor* era o *Arquiteto*, Ele se tornou o Grande Arquiteto do Universo.

Hoje, apesar de todo o nosso conhecimento, continuamos acreditando neste ser superior, sem o qual, fica difícil explicar muitos fatos que vivenciamos.

Observação:

Não encontramos, nas referências bíblicas citadas, o uso claro e explícito do termo Grande Arquiteto do Universo.

Apêndice 07: Os Deveres Gerais e Particulares dos Manuscritos Góticos

a) Deveres Gerais

- 1- Fidelidade a Deus e à Igreja.
- 2- Lealdade ao Rei.
- 3- Lealdade aos Irmãos.
- 4- Compromisso de segredo: sobre todas as decisões tomadas em Lojas ou Câmara e principalmente aos segredos da Arte.
- 5- Não roubar e não ser amigo de ladrão.
- 6- Lealdade e cooperação com o Mestre e o patrão.
- 7- Respeito entre irmãos: ético e moral entre eles e seus familiares. Não era aceito o menor deslize de conduta.
- 8- Ser um bom pagador: jamais negar uma conta.
- 9- Manter sua reputação: a reputação do obreiro reflete na reputação da Guilda.

b) Deveres Particulares

- 1- Anúncio dos deveres particulares: anunciava que os deveres particulares seriam enumerados.
- 2- Conhecer os próprios limites profissionais.
- 3- Honestidade profissional: não aceitar qualquer trabalho, mas apenas aqueles capazes de agradar ao contratante e a suprir as necessidades financeiras dos contratados.
- 4- Não lograr o seu irmão, substituindo-o em um serviço contratado por motivos vis.
- 5- Que aprendiz aceitar: o aprendiz deve assumir um compromisso por no mínimo sete anos, ser livre e sem defeitos físicos.
- 6- Condições para a Iniciação: só era iniciado com o consentimento de seis ou sete mestres e companheiros.
- 7- Não inventar serviços que não existam, ou seja, fazer aquilo que lhe é pedido e está no contrato.

- 8- Pagar justo salário: o salário era estipulado por lei.
- 9- Não difamar os irmãos: os problemas eram resolvidos internamente.
- 10- Não ser “respondão”: evitar atritos por motivos fúteis.
- 11- Respeitar os mais velhos.
- 12- Evitar jogos de azar.
- 13- Não ser obsceno.
- 14- Não dar margens para dúvidas sobre sua honra: ao sair à noite o maçom deveria ir acompanhado por outro maçom que lhe servisse de testemunha sobre o local que frequentara.
- 15- Participar das assembleias era obrigação. Só não participava por motivo de doença ou por não ter tido conhecimento de sua realização. Deveria justificar.
- 16- Em caso de acusação contra si deveria estar presente à decisão do ofício quando estivesse sendo julgado.
- 17- Não interferir no trabalho do outro: não fazer moldes ou serviços que abreviassem o serviço do aprendiz, pois este estaria perdendo a oportunidade de aprender.
- 18- Ensinar o aprendiz: o mestre ou o companheiro só deixaram o aprendiz trabalhar, se este tiver produzido o seu próprio molde.
- 19- Receber visitantes e dar-lhe trabalho: todo o visitante devidamente identificado com a arte era bem recebido e lhe era oferecido trabalho enquanto ele estivesse no local.
- 20- Honrar o Pagamento e o Compromisso: todo o mestre tinha a obrigação de honrar com o pagamento dos companheiros e dos aprendizes, bem como, completar o serviço contratado.

Apêndice 08: Salmo 133 - Da Metamorfose da Existência à Essência Espinoseana

Esquadrinhamos o Salmo 133 na racionalidade de Espinosa, símbolo da essência divina e Durkheim, teórico da Ética. Contextualizamos em uma ótica teológica iniciática, dada complexidade do tema. Ultrapassamos, contudo, essa limitação com a vontade, adotando os preceitos de Descartes,

onde a vontade elevada neutraliza o intelecto limitado. As definições que atribuímos sobre o Salmo, em respeito à Ciência Maçônica, são livres do senso comum e de Ideologia, para que consigamos acessar a segunda escada do conhecimento: o entendimento, sabendo que as causas não são imanentes, que nossos paradigmas são limitados e que os efeitos devem ser ampliados para a moralidade coletiva, conforme o conteúdo basilar desse Salmo.

O Salmo 133, juntamente com o Compasso e o Esquadro, representa a abertura dos trabalhos em lojas desde 1717, ano de fundação da Grande Loja da Inglaterra. A expressão “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união” corresponde ao amor fraternal resgatando a importância que os judeus atribuíam à família, construindo o templo espiritual ou egrégora. Essa congregação, afirmo, é a adição da consciência individual e coletiva oriunda da introspecção do Salmo.

“É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Araão, e que desce à orla das suas vestes”. O óleo, a base de mirra, era usado para ungir neófitos, signo da unidade. A barba, na cultura judaica, denota moralidade. Araão é o irmão mais velho de Moisés, conhecido como aquele que traz luz, primeiro sacerdote de Israel.

“É como o orvalho de Hermon que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre”. O monte Sião é um compacto rochoso que se estende ao Líbano, postando-se ao Oriente também identificado como Jerusalém. Culmina no monte Hermon, com três mil metros de altitude. Em Hebraico denota sagrado. Esse monte tem uma extensão de 32 quilômetros de comprimento de três picos. Nele nasce o rio Jordão, santificado pelos habitantes de Canaã. Recebe a denominação de Siom, imponente e Senir, monte de neve. Revela a metamorfose, pois em seu cume gera-se o orvalho, essência que nutre a terra por meio da conjugação de gotículas.

O orvalho para nós, maçons, designa a essência, isto é, Deus, substância imaterial. A essência divina é tangibilizada, segundo Espinosa, no pensamento, isto é, ciência de Deus e não no intelecto que comporta apenas a ciência do homem ofuscado pelas chagas da honra, cobiça e consumo conspícuo, isto é, honorífico. Essas se tornam arestas, pois se sustentam na comparação. O orvalho, metaforicamente, por mim atribuído como a Essência Divina, difere da existência que corresponde à instância exterior. A Essência Divina é a Verdade, pois se executa independente de matrizes retóricas, por isso se diz que Deus é onisciente.

“Porque, ali, o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre” é prerrogativa do Geômetra em ordenar a bênção das bênçãos, pois os que vivem em amor vivem nos céus. Abstraio que este Salmo nos dirige, desde que compreendida, sua simbologia, a repetição de ação, que ao ampliarem-se no tempo, nos insere aos costumes, salvaguarda da moral e que operacionaliza a ética, cintilada pela liberdade e virtude.

O salmo 133 não é uma lei Kantiana categórica, imposta externamente, mas hipotética, isto é, que nos remete aos níveis mais altos da moralidade dado sua interpretação advir do consciente nutrida pelo orvalho da Essência Divina.

Concluimos, questionando: “Conseguimos introspectar que Deus é a causa de toda essência que se perfaz em pequenas gotas de luz nas nossas ações além templo?”

Posfácio

Pitágoras, em seu livro “O Discurso Sagrado”, compara os deuses gregos com os deuses egípcios e caldeus, e conclui que todos, sob nomes diferentes, expressam a mesma “Verdade Universal”.

Nosso estudo teve por objetivo principal, tentar traçar uma trajetória, a mais fidedigna possível, da Maçonaria no tempo, sua história, sua origem, e sua Filosofia.

Mesmo que não seja possível datarmos seu início além de 24 de junho de 1717, com dados documentais oficiais como, por exemplo, Balaústres¹, nós sabemos que sua existência é anterior a essa data por documentos deixados por irmãos e porque seus preceitos e ensinamentos já existiam a mais de 2.600 anos.

Nossa história oficial inicia-se na data acima, com a fundação da Grande Loja da Inglaterra, quando ocorreu a união de quatro Lojas. Mas se quatro Lojas se uniram, é porque já existiam previamente. Conclui-se que essa data é, portanto, um marco histórico no início de uma estrutura organizacional, mas não define o início da Maçonaria como instituição.

A Maçonaria, tal qual a vivenciamos hoje, teve origem da Francomaçõnaria. Já temos dados literários confiáveis de que ela já existia em 1475, quando uma Guilda de Pedreiros foi indicada para construir a Capela de Mary, tendo ali fundada a *Lodge n^o1*, também chamada de *Mary’s Chapel*. Como não existiam Balaústres para registrar suas reuniões, são os dados históricos que corroboram os fatos.

¹ Balaústre é palavra caracterizadora do trabalho maçônico, diferenciando-o do trabalho profano que usa a palavra Ata. As duas palavras se referem à mesma atividade, ou seja, registro fiel do que ocorreu nos trabalhos da assembleia, da reunião, do conclave. Na sua origem italiana, a palavra balaústre nada tem com registro de atos e fatos de reuniões.

Por outro lado, se levarmos em consideração que a Maçonaria seria uma “evolução” das Guildas de Pedreiros, também conhecidas por Maçonaria, ela já existiria antes do fim do Império Romano do Ocidente, no ano de 476. Porém, não existem relatos confiáveis da existência de uma Instituição com o nome de Francomaçonomia antes desta data, exceto ao que se refere às Guildas de Pedreiros.

Se buscarmos a sua Filosofia no tempo, desde o ano de 600 a.C. até nossos dias, todo o agrupamento humano em torno de uma denominação, quer Escola Iniciática e/ou Filosófica, quer Ordem, quer Religião usam-se, basicamente, os mesmos parâmetros.

Esses parâmetros englobam o amor ao próximo, a caridade e a justiça social, ensinamentos que entendemos poderem ser denominados de “Doutrina Básica”, uma vez que regem todas essas Instituições, ficando impossível determinar qual instituição e quando criou ou adotou tal parâmetro em sua Filosofia. São Tomás de Aquino, em sua Suma Apostólica, a chama de “Doutrina Sagrada”.

O que se faz importante aqui, não é “quando”, mas sim, a importância e a vivência dada a cada um destes parâmetros pelas instituições em particular.

O ser humano busca, desde o início de sua existência, o seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social, bem como, desvendar a figura de um criador, através das mais variadas crenças e religiões e, com o decorrer do tempo, foi estabelecendo novos paradigmas a serem seguidos, buscando um caminho para sua jornada.

O surgimento de novos pensadores não alterou o fundamento básico desses paradigmas; esse surgimento apenas aperfeiçoou os mesmos, de tal forma que hoje ninguém tem direito autoral sobre eles. O que difere uma escola da outra, uma ciência de outra, são pequenos detalhes de como esses parâmetros são entendidos, adotados e ensinados. Por outro lado,

nota-se que cada um, no decorrer do tempo, foi aprimorando essa “Doutrina Básica”, sempre buscando a sua perfeição e a melhor maneira de repassá-la aos seus membros.

Somos hoje, como Maçonaria, usuários de ideias, preceitos e filosofias das mais variadas origens, às quais, no decorrer dos tempos, fomos incorporando, adaptando e aperfeiçoando, conforme nossos “usos e costumes”.

O importante é que esta evolução nos trouxe algo extremamente benéfico: uma Filosofia capaz de nos mostrar o caminho da evolução, nos impondo um estímulo que é capaz de nos impulsionar em busca de um crescimento pessoal. A Maçonaria transformou-se no que é porque soube utilizar, filtrar, organizar e aperfeiçoar todos os ensinamentos que a ela chegaram.

Acreditamos que, em vez de nos debruçarmos tanto em buscar as nossas origens, devíamos nos preocupar mais em estudar sua Filosofia e seus ensinamentos. Pouco vale conhecermos minuciosamente as etapas da História da Maçonaria, se não entendermos o que ela espera de nós, nem o que podemos fazer em favor de nossa evolução e da evolução de nossos irmãos.

Diante do até aqui exposto, podemos concluir que existe uma data oficial do nascimento da Maçonaria, 24 de junho de 1717. Todavia, devido aos ensinamentos por ela absorvidos, podemos dizer que ela é milenar. A grandiosidade de seus ensinamentos se sobrepõe a meras datações temporais.

Por fim, gostaríamos de dizer que esse é um trabalho inacabado. Muito mais dados poderíamos ter acrescentados (não era este o nosso objetivo), e muita coisa, com certeza, deixamos escapar. Por isso, este trabalho pode ser modificado na medida em que descobramos algo novo e relevante ou recebamos aditivos dos Irmãos.

Ficamos felizes de poder, de uma maneira simples, colaborar com o conhecimento maçônico e esperamos um retorno, sempre que um Irmão puder acrescentar ao nosso trabalho.

Referências

- ANDERSON, James. **Constituições de Anderson de 1723**. Tradução e Introdução de João Nery Guimarães. São Paulo: Fraternidade, 1982.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. **O que é e como surgiu a maçonaria?** 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-e-como-surgiu-a-maconaria/>>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- ANATALINO, João. **Conhecendo a Arte Real: A Maçonaria e suas influências históricas e filosóficas**. São Paulo: Madras, 2007.
- ANATALINO, João. **Os Collegia Fabrorum**. 2011. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/ensaios>>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- ASSIS, Denise. **A Participação da Maçonaria na Ditadura Militar**. 2017. Disponível em: <<https://www.ocafezinho.com/2017/09/19/participacao-da-maconaria-na-ditadura-militar/>>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- BACON, Francis. **Ensaio de Francis Bacon**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **O templo e a Loja: O surgimento da maçonaria e a herança templária**. São Paulo, Madras, 2013.
- BANDEIRA, Rui. **O Templo de Salomão**. 2018. Respeitável Loja Mestre Affonso Domingues. Disponível em: <<https://www.rlmad.net/secmaconaria/artigos/temp-salom/>>. Acesso em: 23 out. 2020.
- BAUER, Alain, **O Nascimento da Francomaçonomia: Isaac Newton e os Newtonianos**, Paris: Éditions Dervy, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAZARIAN, Jacob. **O problema da verdade**: teoria do conhecimento. 4. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1994.

BBCNEWS-BRASIL. **O que é a maçonaria e por que ela está rodeada de mistério e polêmica**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43148021>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

CAMINO, Rizzardo da. **A pedra Bruta**. São Paulo/SP: Maçônica/A Trolha, 1996.

CAMINO, Rizzardo da. **Introdução à Maçonaria**: Doutrina, História e Filosofia. São Paulo: Madras, 2000.

CAMINO, Rizzardo da. **Simbolismo do Primeiro Grau**: Aprendiz. São Paulo/SP: Madras, 1998.

CAMINO, Rizzardo da. **O Príncipe Rosa-Cruz e Seus Mistérios**. São Paulo: Madras, 1995.

CAMINO, Rizzardo da. **Breviário Maçônico**. São Paulo: Madras, 1995.

CAPELA ROSSLYN: O Pilar do Aprendiz, 2018. Disponível em: <freemasons-freemasonry.com>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2012.

CARVALHO, Assis. **Ritos & Rituais**. Londrina: A Trolha, v. 1, 1993.

CASTELLANI, José. CARVALHO, William Almeida de. **História do Grande Oriente do Brasil**: a Maçonaria na História do Brasil. São Paulo: Madras, 2009.

CHASSAGNARD, Guy. **Quem foi esse “antiquário” chamado Elias Ashmole?** Tradução de José Filardo. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/quem-foi-esse-antiquario-chamado-elias-ashmole/>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

CHAVES, Ricardo Lebourg. **A filosofia espiritualista dos essênios**: Renúncia aos prazeres da carne e ao mundo material. 2019. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniaio/ricardo-lebourg-chaves/a-bioetica-e-o-biodireito-1.2464622>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CONTE, Carlos Brasília. **Pitágoras**: Ciência e Magia na Antiga Grécia. São Paulo: Madras, 2004.

CORDEIRO, Tiago. 2019. **Cavaleiros Templários**: ascensão e queda da notória Ordem Medieval. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-ascensao-e-queda-dos-cavaleiros-templarios-ordem-medieval.phtml>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

COSTA, Gustavo Bezerra do Nascimento. 2017. A Criação de Si entre a Parrêsia e a Hipocrisia: Etopoiética do Cuidado de Si. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 58, n. 137, p. 351-371. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2017000200351&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2020.

COUTO, Sergio Pereira. **Maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2005. (Série Sociedades Secretas).

D'ELIA JUNIOR, Raymundo. **Maçonaria**: 100 Instruções de Aprendiz. São Paulo: Madras, 2014.

DORION, Louis André. **Compreender Sócrates**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DURÃO, João Ferreira. **Pequena História da Maçonaria no Brasil (1720 - 1882)**, São Paulo: Madras, 2008.

DURKHEIM, Émile. **Ética e Sociologia da Moral**. Tradução de **Paulo César Castanheira**. São Paulo. Martin Claret, 2016.

DURVILLE, Henri. **A ciência secreta: as grandes correntes iniciáticas através da história**. São Paulo: Pensamento, 1991.

EDGELLER, Johnathan James **Tomando o Hábito Templário**: regra, ritual de iniciação e as acusações contra a ordem. 2010. Tese de MA, Texas Tech University. Disponível em: <<https://br.mdeena.com/2651-taking-the-templar-habit-rule-initiation-ritual-and-t.html>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

ESPINOSA, Baruch. **Pensamentos Metafísicos, Tratados da Correção do Intelecto, Ética, Tratado Político**. Correspondência. São Paulo: Abril, 1973.

FADISTA, Antônio Rocha. A Geometria Sagrada. **Revista Arte Real**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.revistaartereal.com.br/wp-content/uploads/2014>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HAYWOOD, Ir. H.L. **Os Mestres Comacine**. Tradução de José Antonio Filardo. São Paulo: Grande Oriente de São Paulo. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/2020/10/16/maconaria-e-os-mestres-comacine/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

HORNE, Alex. **O Templo do Rei Salomão na Tradição Maçônica**. Tradução de Otávio M. Cajado. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

KNOOP, Douglas; JONES, G. P. **The genesis of Freemasonry**. Manchester: Manchester University Press, 1947.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Tradução de Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEWIS, Harvey Spencer. **As doutrinas secretas de Jesus: símbolos, padrões e interpretações do trabalho de Jesus e seus doze Apóstolos**. São Paulo: Grande Loja do Brasil, 1988.

LIMA, Tania Andrade; SILVA, Marília Nogueira da. Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX). 2003. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 8/9, p. 9-54. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v8-9n1/02.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **The many-headed Hydra: sailors, slaves, commoners, and the hidden history of revolutionary Atlantic**. London: Verso, 2000, p. 248-286.

MACKEY, Albert G. **O Simbolismo da Maçonaria**, v.2, São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

MAGISTER. **Manual del aprendiz**: Estudio interpretativo sobre el valor iniciático de los símbolos y alegorías del primer grado masónico y la mística doctrina que en ellos se encierra. Barcelona: Maynadé, 1934. (Biblioteca Filosófica Masónica).

MANUSCRITOS DOS ESSÊNIOS: Povos antigos. 2017. Disponível em: <<http://www.mistériosantigos.com>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política - O processo de produção do capital. Livro 1. São Paulo: Bomtempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASIL, Curtis. **O que é Maçonaria**. São Paulo: Tecnoprint, 1986.

MELLOR, Alec. Dictionnaire de la franc-maçonnerie et des francs-maçons. Paris: Belfond, 1983.

MISES, Ludwig Heinrich Edler von. **Ação humana**: um tratado de economia. Campina, São Paulo, Vide Editorial, 2015.

MORAIS, Cassiano Teixeira de. **Gestão de pessoas com Enfoque Maçônico**. Material Didático: UniCMSB. 2020. Brasília/DF. Disponível em: <<https://cmsb.org.br/wp-content/uploads/2020/04/>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O poder da Maçonaria**: A história de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MASIL, Curtis. **O que é Maçonaria**. São Paulo: Tecnoprint, 1986.

MORIN, Edgar. **O método**: ética. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. -- Porto Alegre: Sulina, 2017. Editora Sulina: 2007.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O judaísmo antigo e o cristianismo primitivo em nova perspectiva. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo Abreu; COLLINS, John Joseph. (Orgs.). **Identidades fluídas no judaísmo e no cristianismo primitivo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010, p. 15- 27.

PITOMBO, Heitor. **Maçonaria no Brasil**. São Paulo: Escala, 2009.

PORFÍRIO, Francisco. Francis Bacon. 2017. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-pensamento-francis-bacon.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

PRESTON, William. **A história da Maçonaria na Inglaterra**: Esclarecimentos sobre Maçonaria. Livro IV. Tradução de Luciano Rodrigues. Rio de Janeiro: Arcanum, 2017, p. 143-326.

PROBER, Kurt. **Cadastro geral das lojas maçônicas do Brasil**: ativas, abatidas e inativas. Paquetá/RJ: Editora do Autor, 1986.

RODRIGUES, Irmão Raimundo. História sobre os primórdios da maçonaria. Grande Loja Maçônica de São Paulo. Disponível em: <<https://www.glesp.org.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2009.

ROESCH, Sílvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração:** guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Pitágoras: todas as coisas são números. **Revista educação, gestão e sociedade**, v.5, n.19, 2015. Disponível em: <www.faceq.edu.br/regs>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SARMENTO, Walter. **O Aprendiz.** 2016. Disponível em: <<http://blogoprendiz.blogspot.com/2016/02/balaustradae-balaustre-as-vezes-nao-nos.html>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SCHAW, William. **O Inventor da Maçonaria Moderna.** Tradução de José Filardo. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/william-schaw-o-inventor-da-maconaria-moderna/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SCOTT, Leader. (Sra. Lucy Baxter). **Os Construtores de Catedrais:** A história de uma grande sociedade maçônica. Gould, 1889.

SEGREDOS DA CAPELA ROSSLYN: Os Cavaleiros Templários e a Maçonaria. Revista Universo Maçônico. 2010. Disponível em: <<https://www.revistauniversomaconico.com.br/historia/segredos-da-capela-rosslyn-os-cavaleiros-templarios-e-a-maconaria/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

SENGE, Peter. **A Quinta Disciplina:** Arte, Teoria e Prática da Organização de Aprendizagem. São Paulo, Best Seller, 1990. 352 p.

SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**, São Paulo: Paco Editorial, 2015.

SILVA, Marcos José Diniz Silva História da Maçonaria: Memória Coletiva, Escrita, Histórica e Legitimação de uma Potência no Ceará. **Revista OPSIS¹** (Online), Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Catalão/GO, v. 18, n. 2, p. 286-303, jul./dez. 2018.

SIMMEL, Georg. **Inquiries into the Construction of Social Forms**. v.1. Leiden: Brill, 2009

SPOLADORE, Hercule. Maçonaria: passado, presente e futuro: o Maçom dentro do contexto histórico. **O Buscador**: Campina Grande/PB, a. 2, n. 2, p. 38-44, jul./dez. 2017.

STEVENSON, David. **As origens da Maçonaria**: O Século da Escócia (1590-1710). Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo, Madras, 2005.

TERRA, Dom João Evangelista Martins. **Maçonaria e Igreja Católica**. São Paulo: Santuário, 1996.

TIDD, Joe; BESSANT, John; PAVITT, Keith. **Gestão da inovação**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAISMAN, Ester. **Marx e a filosofia**: elementos para a discussão ainda necessária. Belo Horizonte: Nova Economia, v. 16, n. 2, p. 327-341, maio-ago. 2006.

VASSAL, Pierre-Gérard. **Curso Completo de Maçonaria**: História Geral da Iniciação. São Paulo, Madras, 2005.

VIEGAS, Luiz Marcelo. **O Simbolismo da Pedra Angular**. 2010. Disponível em: <<https://opontodentrocirculo.com/2015/10/06/o-simbolismo-da-pedra-angular/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹ Em Grego quer dizer “vista, visão, aparição, aparência”, e se relaciona com OPS, “olho”.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org